



ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E
ORDENAMENTO

Desenhar a paisagem global

Ana Isabel Figueiredo dos Santos

Orientação | Professora Doutora Rute Sousa Matos e Arq.
Paisagista Marta Tribuzi Paupério Melo (coorientação)

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, 2018



ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

DESENHAR A PAISAGEM GLOBAL

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Nome do Mestrando | Ana Isabel Figueiredo dos Santos

Orientação | Professora Doutora Rute Sousa Matos

Coorientação | Arq. Paisagista Marta Tribuzi Paupério Melo

Évora, 2018



Um homem que espera pelo seu mundo,
um mundo que espera pelo seu homem.

Agostinho da Silva

RESUMO

Reflexão acerca do conceito de *paisagem global*, tomando como exemplos os projetos realizados durante o estágio no *atelier* de arquitetura paisagista P4 – Artes e Técnicas da Paisagem.

ABSTRACT

Drawing the global landscape

Reflection on the concept of *global landscape*, taking as examples the projects developed during the internship in the landscape architecture office P4 - Artes e Técnicas da Paisagem.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional. Aos meus avós, em especial ao avô Mapril, por serem o meu exemplo e as melhores pessoas que conheci. Espero que te orgulhes de mim, avô. Aos meus pais, por serem a minha coluna vertebral e por me deixarem voar. Às minhas irmãs, pela amizade, as confidências, as conversas intermináveis, os sermões e os abraços. À Carlota, por me lembrares a magia da vida. Ao Rúben, por seres o meu amigo e companheiro de viagem. Obrigada por tudo o que me ensinaram.

Aos meus amigos por todos os momentos que me enchem a alma, as conversas surreais, os diálogos silenciosos, as brincadeiras incontáveis e as gargalhadas sem nexos. Obrigada.

Aos arquitetos paisagistas, Marta Paupério e Luís Paiva, pela oportunidade de trabalhar convosco, pelo apoio e os conselhos. Um agradecimento em especial à Marta, pela disponibilidade e pelo apoio durante a realização do relatório.

À professora Rute Sousa Matos, pela orientação durante esta última fase e por todo o conhecimento partilhado ao longo do percurso académico.

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
AGRADECIMENTOS.....	7
ÍNDICE GERAL	8
ÍNDICE DE FIGURAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	14
1. Paisagem Global	16
1.1. Conceito.....	18
1.2. Teoria e Prática	19
2. OutSideIn.....	23
2.1. Equipa.....	24
2.2. Programa do concurso	24
2.3. Área de intervenção	25
2.4. Análise do espaço	26
2.4.1. Enquadramento	26
2.4.2. Enquadramento urbano.....	32
2.5. Proposta.....	33
2.5.1. Conceito geral.....	33
2.5.2. Descrição.....	33
2.6. Paisagem Global em revista:.....	37
Sobre perspetivar a diferentes escalas.....	37
2.7. Conclusões preliminares	38
3. Slow Stream	40
3.1. Equipa.....	41
3.2. Programa do concurso	41
3.3. Área de intervenção	42
3.3.1. Sítio estratégico.....	42
3.3.2. Sítio de projeto.....	44
3.4. Análise do espaço	45
3.4.1. O papel de Lillestrøm no desenvolvimento policêntrico de Oslo.....	45
3.4.2. Enquadramento	47
3.4.4. Breve enquadramento histórico	57
3.5. Proposta.....	57
3.5.1. Conceito geral.....	57
3.5.2. Sítio estratégico.....	60
3.5.3. Sítio de projeto.....	65
3.5.4. Implantação faseada do projeto.....	70
3.6. Paisagem Global em revista:.....	73

Da sobreposição do <i>Continuum naturale</i> e do <i>Continuum culturale</i>	73
3.7. Conclusões preliminares	76
4. Plan Acequia.....	77
4.1. Equipa.....	78
4.2. Programa do concurso	78
4.3. Área de intervenção	79
4.3.1. Sítio estratégico.....	79
4.3.2. Sítio de projeto.....	80
4.4. Análise do espaço	82
4.4.1. Contexto político: Lei de Colonização e Plan Badajoz.....	82
4.4.2. Enquadramento	83
4.4.4. Breve enquadramento socioeconómico	94
4.5. Proposta.....	94
4.5.1. Conceito geral.....	94
4.5.2. Espaço de intervenção.....	99
4.5.3. Implantação faseada do projeto.....	106
4.6. Paisagem Global em revista:.....	108
Entre a identidade e a globalização.....	108
4.7. Conclusões preliminares	110
5. W.E.B. West East Bond	112
5.1. Equipa.....	113
5.2. Programa do concurso	113
5.3. Área de intervenção	115
5.4. Análise do espaço	116
5.4.1. Enquadramento	116
5.4.2. Enquadramento socioeconómico	120
5.4.3. Análise SWOT	122
5.5. Proposta.....	126
5.5.1. Conceito geral.....	126
5.5.2. Área de intervenção.....	127
5.6. Paisagem Global em revista:.....	134
Do caos ao desenvolvimento sustentável.....	134
5.7. Conclusões preliminares	138
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142
ANEXOS	
OutSideIn – Projeto para Hornachuelos, Espanha	
Anexo 1. Plano Geral	
Anexo 2. Plano da Intervenção parcial 2	
Anexo 3. Planta de arquitetura	
Slow Stream - Projeto para Lillestrøm, Noruega	
Anexo 4. Plano geral do sítio estratégico	

Desenhar a paisagem global

Anexo 5. Plano geral do sítio de projeto
Plan Acequia – Projeto para La Bazana, Espanha
Anexo 6. Diagrama do Plan Acequia
Anexo 7. Plano geral
W.E.B. West East Bond – Projeto para o corredor Oxford / Cambridge
Anexo 8. Plano estratégico

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1: Esquema sobre paisagem global. Fonte: Ribeiro Telles em documentos cedidos nas aulas.</i>	<i>19</i>
<i>Figura 2: A área de intervenção em relação a Hornachuelos e sua constituição. Sem Escala. Fonte: GoogleEarth; Programa do concurso Rethinking – Living the collective.</i>	<i>25</i>
<i>Figura 3: Síntese de Relevô. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>27</i>
<i>Figura 4: Uso do Solo. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>29</i>
<i>Figura 5: Biogeografia. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>30</i>
<i>Figura 6: Unidades de Paisagem. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>31</i>
<i>Figura 7: Conceito. Sem Escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>33</i>
<i>Figura 8: Estrutura Ecológica proposta para Hornachuelos. Sem Escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>35</i>
<i>Figura 9: Corte longitudinal da intervenção parcial 1. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>37</i>
<i>Figura 10: Localização do sítio estratégico em relação a Lillestrøm. Fonte: Adaptado do GoogleEarth; Documentos cedidos pelo European 14.</i>	<i>43</i>
<i>Figura 11: Localização do sítio de projeto em relação ao sítio estratégico. Fonte: Adaptado do GoogleEarth; Documentos cedidos pelo European 14.</i>	<i>44</i>
<i>Figura 12: Fases de intervenção do sítio de projeto e sua constituição atual. Sem escala. Fonte: Brief cedido pelo European14.</i>	<i>45</i>
<i>Figura 13: Síntese de Relevô. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>48</i>
<i>Figura 14: Uso do solo. Escala 1:2800000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>50</i>
<i>Figura 15: Unidades de paisagem. Escala 1:2800000. Fonte: Equipa projetista; Adaptado de Norsk institutt for bioøkonomi.</i>	<i>51</i>
<i>Figura 16: Evolução espacial entre 1775 e 2017. Sem Escala. Fonte: Adaptado do brief cedido pelo European14.</i>	<i>52</i>
<i>Figura 17: Zonamento (considera Plano de Desenvolvimento Urbano). Escala 1:490000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>54</i>
<i>Figura 18: Sistema de Percursos (considera Plano de Desenvolvimento Urbano). Escala 1:490000. Fonte: Equipa projetista; Adaptado do brief cedido pelo European14.</i>	<i>55</i>
<i>Figura 19: Estrutura Ecológica Urbana. Escala 1:490000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>56</i>
<i>Figura 20: O sistema produtivo da cidade. Fonte: Realização própria.</i>	<i>58</i>
<i>Figura 21: Conceito geral - Slow Stream. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>59</i>
<i>Figura 22: Conceito geral. Dinâmica espacial de Nesa com integração no contexto. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>59</i>
<i>Figura 23: Estrutura Ecológica proposta. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>61</i>
<i>Figura 24: Sistema de Percursos proposto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>63</i>
<i>Figura 25: Estrutura cultural / programa proposto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>64</i>

<i>Figura 26: Vista a partir do percurso ribeirinho de Nesa em direção ao parque. Indústrias reabilitadas à direita com torre da Dynea por trás. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>65</i>
<i>Figura 27: Exposição de Nesa ao vento e ao sol. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>66</i>
<i>Figura 28: Programa do sítio de projeto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>69</i>
<i>Figura 29: Ambiência de uma rua de Nesa com Dynea Tower ao fundo. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>70</i>
<i>Figura 30: Fases de implantação do projeto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista....</i>	<i>72</i>
<i>Figura 31: Vista sobre o maior espaço aberto de recreio em Nesa, direcionada para o mercado. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>75</i>
<i>Figura 32: Delimitação do sítio estratégico. Sem escala. Fonte: Adaptado do programa do concurso.</i>	<i>80</i>
<i>Figura 33: Delimitação do sítio de projeto. Sem escala. Fonte: Adaptado do programa do concurso.</i>	<i>81</i>
<i>Figura 34: Área de regadio original proposta pelo Plan Badajoz – Sub-plano do Rio Ardila. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>83</i>
<i>Figura 35: Síntese de relevo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>84</i>
<i>Figura 36: Uso do solo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>85</i>
<i>Figura 37: Sistema de percursos. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>86</i>
<i>Figura 38: Unidades de paisagem. Escala 1:9000. Fonte: Adaptado da Junta de Extremadura.</i>	<i>88</i>
<i>Figura 39: Relação de La Bazana com a topografia. Fonte: Adaptado de Estrella Rando, 2015.</i>	<i>89</i>
<i>Figura 40: Evolução urbana. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>91</i>
<i>Figura 41: Zonamento atual. Escala 1:4500. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>93</i>
<i>Figura 42: Estrutura Ecológica. Escala 1:4500. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>93</i>
<i>Figura 43: Marcos na transformação da paisagem e evolução da produtividade. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>96</i>
<i>Figura 44: (à direita) Plano de implementação. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>97</i>
<i>Figura 45: Evolução da multifuncionalidade em La Bazana. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>100</i>
<i>Figura 46: Instalações públicas fundamentais para a produtividade e comunidade em La Bazana: centro cívico. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>101</i>
<i>Figura 47: Instalações públicas fundamentais para a produtividade e comunidade em La Bazana: sede da Acequia. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>102</i>
<i>Figura 48: Instalações públicas fundamentais para a produtividade e comunidade em La Bazana: centro de transformação. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>102</i>
<i>Figura 49: Vista sobre o claustro da sede da Acequia (à esquerda) e sobre a antiga leitaria (à direita) que é hoje um espaço multifuncional com picadeiro. Fonte: Equipa projetista.....</i>	<i>103</i>
<i>Figura 50: Programas que promovem a produtividade e comunidade em La Bazana: pousada, piscina orgânica e antiga leitaria. Fonte: Equipa projetista.</i>	<i>104</i>

<i>Figura 51: Vista sobre a pousada (à esquerda) e a piscina orgânica (à direita). Fonte: Equipa projetista.</i>	104
<i>Figura 52: Sazonalidade - Calendário proposto. Fonte: Equipa projetista.</i>	105
<i>Figura 53: Fase 1 da implementação do Plan Acequia - 2020/2025. Fonte: Equipa projetista.</i>	107
<i>Figura 54: Fase 2 da implementação do Plan Acequia - 2025/2030. Fonte: Equipa projetista.</i>	107
<i>Figura 55: Fase 3 da implementação do Plan Acequia - 2030/2035. Fonte: Equipa projetista.</i>	108
<i>Figura 56: Vista sobre a entrada de uma das praças originais, com a sobreposição do desenho de Alejandro de la Sota. Fonte: Equipa projetista.</i>	110
<i>Figura 57: Potenciais formas de crescimento para o corredor. Fonte: 5th Studio; Programa do concurso.</i>	114
<i>Figura 58: Posição do corredor face ao país e à capital. Fonte: 5th Studio; Programa do concurso; Cambridge – Milton Keynes – Oxford corridor: Interim report.</i>	116
<i>Figura 59: Síntese de relevo e estrutura ecológica. Sem escala. Fonte: Programa do concurso.</i>	117
<i>Figura 60: Rede ferroviária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	119
<i>Figura 61: Rede viária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	120
<i>Figura 62: Distribuição das áreas de conhecimento no que respeita as universidades com repercussões na distribuição das indústrias. Sem escala. Fonte: Programa do concurso.</i>	121
<i>Figura 63: Análise SWOT. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	123
<i>Figura 64: Conceito geral. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	127
<i>Figura 65: Relação entre os desafios apresentados pelo corredor e os pilares de desenvolvimento da proposta. Fonte: Equipa projetista.</i>	128
<i>Figura 66: Tipologia de desenvolvimento - (st)ring development. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	129
<i>Figura 67: Desenvolvimento estratégico. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	129
<i>Figura 68: Especificações da estratégia para a estrutura ecológica. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	130
<i>Figura 69: Especificações da estratégia para as infraestruturas. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	131
<i>Figura 70: Especificações da estratégia para os aglomerados urbanos. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.</i>	133
<i>Figura 71: Intervenientes no processo de desenvolvimento, incluindo principais órgãos da equipa W.E.B. Fonte: Equipa projetista.</i>	134
<i>Figura 72: Objetivos do desenvolvimento sustentável. Fonte: efundes.com.</i>	136
<i>Figura 73: Desenvolvimento sustentável. Fonte: Equipa projetista.</i>	137

INTRODUÇÃO

O presente relatório insere-se no âmbito do estágio efetuado no atelier de arquitetura paisagista Paisagem4 – Artes e Técnicas da Paisagem Lda, entre Fevereiro e Julho de 2017, consistindo na fase final do mestrado em Arquitetura Paisagista. No *atelier* foi-nos dada a oportunidade de contribuir no processo criativo de várias propostas que viriam a integrar concursos de ideias. Foi-nos possível participar ativamente em todo o processo, desde a seleção do espaço a intervir (Europas14), passando pela concretização da análise, desenho de projeto e, por último, realização das peças técnicas. Tivemos liberdade para pensar o espaço e projetá-lo, contando com a coordenação do atelier. A experiência permitiu um crescimento enquanto projetista, solidificar os fundamentos da área do conhecimento e fazer a ponte entre o mundo académico e o profissional.

Com o intuito de unir a teoria e a prática, o relatório faz uma reflexão teórica acerca de um tema central da Arquitetura Paisagista, a paisagem global, tomando os projetos realizados no estágio como estudos de caso. Neste sentido, a distância entre a academia e o contexto profissional, a teoria e a prática, torna-se ténue e enquadra-se na fase de transição pessoal em que me encontro. A própria área do conhecimento é caracterizada pela complementaridade entre teoria e prática, o que a torna mais cativante. A escolha do tema – paisagem global – baseou-se em dois parâmetros, um tema ligado à atividade da arquitetura paisagista com gosto pessoal em explorar mais aprofundadamente e a possibilidade de enquadrar os projetos nesse mesmo tema. O título do relatório, desenhar a paisagem global, acaba por unir a vertente prática (desenhar) e a teórica (conceito de paisagem global) como duas partes indissociáveis.

O relatório de estágio encontra-se dividido em cinco partes. A introdução contextualiza o trabalho, descreve as suas premissas e objetivos e aborda a sua organização. O primeiro capítulo – Paisagem Global – faz um enquadramento ao tema, consistindo numa reflexão teórica acerca dos conceitos estruturantes, permitindo uma compreensão mais clara dos capítulos seguintes. As quatro partes que se seguem referem-se aos projetos e encontram-se dispostas segundo a sua ordem cronológica. Para a boa compreensão das propostas, são descritos os programas dos concursos, a análise do espaço, a proposta apresentada e, posteriormente, no capítulo da “Paisagem Global em revista” é feita uma reflexão teórica acerca de subtemas do tema geral, contando com o projeto como forma de traduzir a teoria na prática. No projeto OutSideIn, o tema remete para necessidade do arquiteto paisagista abordar o mesmo espaço a diferentes escalas, quer elas sejam espaciais ou temporais. Em Slow Stream, a reflexão é sobre a importância de encarar o *continuum naturale* e o *continuum culturale* como partes indissociáveis de um conjunto. O tema do projeto para La Bazana inclui-se na realidade atual onde o mundo se tornou pequeno, dando origem a uma discussão entre a identidade de um lugar e os efeitos da globalização. No que respeita ao projeto W.E.B.

– West East Bond, é feita uma abordagem ao ordenamento do território e à atividade do arquiteto paisagista como forma de alcançar um desenvolvimento sustentável. Por fim, as conclusões preliminares fazem uma reflexão acerca do tema e abordam a experiência pessoal do estágio na realização de cada proposta, mencionando os conhecimentos adquiridos e a importância da experiência na formação. A conclusão, por fim, faz uma súmula dos capítulos que a antecedem, reunindo paisagem global, os quatro sub-temas e os quatro projetos associados. Faz ainda uma reflexão acerca do estágio enquanto experiência.

Este relatório mostra como a arquitetura paisagista pode contribuir para alcançarmos um mundo melhor. Sem utopia não temos para onde caminhar.

1. Paisagem Global

Paisagem é um termo que evoluiu com o tempo e pode ser entendido sobre diferentes perspectivas. A polissemia do seu conceito traduz a transdisciplinaridade e multifuncionalidade que lhe são inerentes. Assim, acerquemo-nos da perspectiva da arquitetura paisagista. A definição contemporânea vai ao encontro das ideias de Cancela d'Abreu et al. (2004), que considera a paisagem como um sistema dinâmico, onde os diferentes fatores naturais e culturais interagem e evoluem em conjunto, determinando e sendo determinados pela estrutura global, o que resulta numa configuração particular (...) que lhe confere uma certa unidade e à qual corresponde um determinado caráter (Cancela d'Abreu cit in Matos, 2011). Aqui surgem ideias estruturantes como sistema, dicotomia espaço/tempo, unidade, identidade¹ ou, ainda, o papel do homem na intervenção, percepção e vivência desta amalgama complexa de relações entre os diversos componentes cujo resultado a múltiplas escalas tende a fazer o homem emocionar-se. Trata-se, portanto, de um conceito amplo e detentor de uma visão holística e integrada.

Dada a sua complexidade, o conceito pode abarcar distinções como paisagem natural, paisagem cultural, paisagem urbana ou paisagem rural. Estas são distinções com valor analítico de um todo onde o ser humano se insere, ao qual são inerentes valores de identidade e património, integradas num conceito maior - o de Paisagem Global (Gaspar, 2003). Assim, invés de se fazerem distinções entre partes indissociáveis do todo, faz mais sentido ter uma visão integrada acerca de um conceito globalizante.

“Paisagem Global” apresenta-se como essa visão globalizante que liga o passado (tradição) à construção de um futuro próspero desejado. Na sua origem, estão a organização das paisagens históricas e os sistemas de utilização dos recursos naturais. Visa uma humanização do espaço onde as comunidades humanas compreendem e valorizam a natureza segundo as suas próprias regras (Ribeiro Telles, 2016). Diga-se, é um conceito que compreende a paisagem em toda a sua complexidade e, nesse sentido, permite ao homem viver e atuar em conformidade. Capaz de auxiliar o ordenamento do território e o desenho da paisagem, é importante para a atividade do arquiteto paisagista.

¹ Sistema – Do latim *systema*, -atis, do grego *sústema*, -atos, significa um conjunto de partes dependentes umas das outras (Costa & Sampaio, sem data).

Dicotomia espaço/tempo – Divisão de uma coisa em duas (Costa & Sampaio, sem data). Neste caso, remete para a divisão da paisagem nas suas dimensões basilares: espaço e tempo.

Unidade – Elemento de conjunto de seres homogêneos; caráter do que é uno, do que forma um todo orgânico que mudaria de natureza se se suprimisse alguma das suas partes; objeto único (Costa & Sampaio, sem data).

Identidade – Reconhecimento de que um indivíduo é aquele que diz ser ou ou que é aquele que alguém presume que seja; princípio onde o que é, é e o que não é, não é (Costa & Sampaio, sem data). Adaptado à paisagem, entende-se como o reconhecimento do seu caráter.

1.1. Conceito

Neste trabalho vamos acerca-nos da definição de Gonçalo Ribeiro Telles sobre o conceito de Paisagem Global. Segundo o mesmo, paisagem global pressupõe uma continuidade entre natural e cultural garantindo uma aproximação do Homem à natureza. Num contexto onde as relações entre espaço rural e urbano, inicialmente caracterizadas pela complementaridade e interdependência essenciais para a sobrevivência mútua evoluíram para uma situação de rutura e, conseqüentemente, para o desaparecimento da unidade paisagística existente, as abordagens atuais ao ordenamento do território tendem a não considerar a separação entre paisagem rural e urbana, defendendo uma visão globalizante – a de paisagem global. O afastamento da cidade ao campo leva à perda da multifuncionalidade da paisagem e da consciência de que a vida humana depende da inter-relação das mais diversas formas de vida (Matos, 2011). Segundo Ribeiro Telles, a unidade espacial que integrava *urbe* e *ager* num mesmo sistema de vida desapareceu. A conjugação de ambas permitia a existência e o desenvolvimento das cidades, bem como o encontro de culturas. Apesar da diferença de substâncias entre o espaço urbano e rural, este envolvia e penetrava na cidade criando unidade. O restabelecimento desta unidade deverá ser, então, um objetivo fundamental do ordenamento do território e do urbanismo (Ribeiro Telles, 2003). O espaço rural e o espaço urbano devem-se interligar de tal maneira que, sem que percam as suas características próprias e funcionamento autónomo, não deixem de servir os interesses comuns da sociedade, quer digam respeito ao mundo rural, quer à vida urbana (Ribeiro Telles, 1994). Defende-se o desaparecimento da dicotomia urbano/rural, o retorno à continuidade e multifuncionalidade da paisagem e o restabelecimento da qualidade de vida. A rutura entre cidade/campo e a sua reconexão dá-se ao nível físico e emocional, ecológico e cultural. Mesmo nas questões de identidade, as fronteiras sociais e culturais tendem a desaparecer conduzindo a uma identidade de conjunto (Cancela d'Abreu cit in Matos, 2011).

A fragmentação do espaço é, neste sentido, criada a partir de ideias falsas baseadas na diferença de matéria. Ou seja, a noção holística de paisagem compreendida como sistema, integra tanto o espaço urbano como rural e as relações que se estabelecem entre ambos (Cancela d'Abreu cit in Matos, 2011). Mais concretamente, a paisagem é una e, por isso, não deve ser fragmentada.

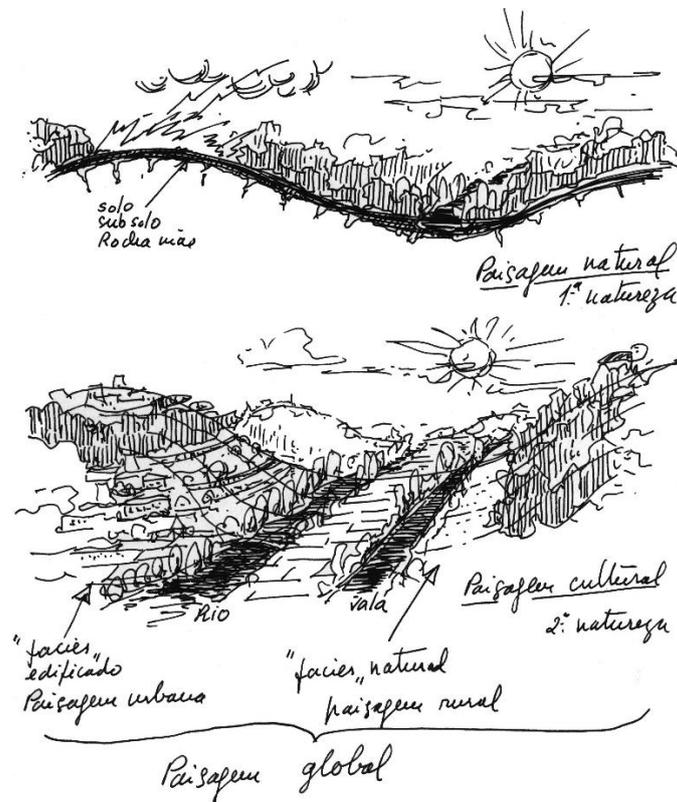


Figura 1: Esquema sobre paisagem global. Fonte: Ribeiro Telles em documentos cedidos nas aulas.

1.2. Teoria e Prática

Na interligação entre o espaço urbano e o rural está o embrião da paisagem global (Ribeiro Telles, 2016). A distinção entre estes espaços não deve eliminar uma constante interligação e complementaridade. Entende-se, neste contexto, como um sistema aberto onde se interrelacionam, de uma forma constante, os tecidos urbanos e os mosaicos culturais como um produto cultural e como um produto da sociedade (Matos, 2011). Assenta numa rede onde os grandes elementos paisagísticos são contínuos e a sobreposição dos diferentes sistemas humanos e naturais resultam no sistema complexo mas consistente de paisagem. O elo de união entre a cidade e o campo traduz-se no *continuum naturale* e no *continuum culturale*, materializando-se através da estrutura ecológica. Acerca do *Continuum naturale*, este apresenta-se como um sistema contínuo que permite o funcionamento e desenvolvimento dos ecossistemas naturais e dos agro-sistemas, através de estruturas que garantem a presença da natureza e da vida silvestre, a diversidade do potencial genético (biodiversidade), a circulação natural da água e do ar, a regulação das brisas, a proteção do vento e a estabilidade física do território (Ribeiro Telles, 2003). Mais precisamente, consiste num sistema contínuo que protege as estruturas fundamentais da paisagem (baseadas nos princípios ecológicos de continuidade, diversidade e intensidade) e que, no meio urbano, penetra a estrutura

construída estendendo-se pelo seu interior de forma contínua, adotando diversas formas e funções que são cada vez mais urbanas e que variam desde espaços de ócio até às áreas circundantes das infraestruturas e dos edifícios, à simples rua ou à praça arborizada (Caldeira Cabral cit in Matos, 2011). No que respeita ao *Continuum culturale*, este é definido por Ribeiro Telles como *a presença de elementos e conjuntos arquitectónicos quer estes se traduzam por volumes edificadas ou espaços abertos que constitui uma representação e expressão da cultura que a ela está associada, funcionando como sistemas de referência no espaço e no tempo* (Ribeiro Telles cit in Matos, 2011). Devido à sua sobreposição, os dois conceitos têm que ser considerados em conjunto. Só no entendimento dos dois se poderá encontrar a posição correta em relação ao Homem, que queremos servir (Caldeira Cabral, 1980).

De referir um outro conceito importante para a compreensão de paisagem: o *Genius loci*. Com origem no período grego, este conceito foi transposto para o domínio da arquitetura por Norberg-Schulz. Traduzindo-se por espírito do lugar, *Genius loci* diz respeito à expressão conjunta das características naturais e construídas indicando, portanto, o carácter do lugar. É a manifestação das forças e qualidades desse lugar e a revelação de um carácter transposto para a vivência do homem. Existe uma relação profunda e emocional entre o lugar e o homem, onde um é a base para a manifestação da existência do outro e onde a própria identidade humana pressupõe a identidade do lugar. O carácter e a identidade devem ser usados pelas forças do homem na construção do “seu lugar” em vez de o tentar subjugar (Norberg-Schulz cit in Paiva, 2009). Implícito à noção de paisagem, este conceito está subjacente ao *continuum* que se pretende estabelecer.

No fundo, a ruralidade deve penetrar no tecido urbano enquanto este deve usar o espaço periurbano como forma de dignificar a ruralidade. A existência de um grande sistema integrador e multifuncional – paisagem global – irá resultar num desenvolvimento sustentável (Ribeiro Telles, 2016). Pretende-se uma gestão conjunta dos dois espaços, sendo eles parte de uma mesma unidade. Intenta-se uma simbiose entre o Homem e a Natureza. O atual desordenamento da paisagem relembra a importância de estudar o conceito de paisagem global como algo a por em prática.

A revolução industrial foi um marco na história da humanidade e na evolução da paisagem. Se antes a humanização permitia ligações visuais, económicas e culturais entre a paisagem urbana e rural, com a industrialização a paisagem foi sendo fragmentada. O crescimento urbano e o despovoamento rural resultaram em péssimas condições de vida na cidade e à decadência do campo, tanto maior quanto mais rápido foi o processo. A expansão ilimitada aumentou a dificuldade de obter bens essenciais, a poluição, os artificialismos, o caos urbano, os tempos de deslocação e, acima de tudo, a simplificação da paisagem (Ribeiro Telles, 2016). A visão setorial, e tendencialmente economicista, que se verifica atualmente propicia a que se considere a paisagem como uma superfície inerte onde tudo se pode fazer. Contudo, *são a diversificação biológica*

e a presença da vida silvestre na paisagem humanizada que mantêm a fertilidade biológica e a estabilidade física do espaço, protegendo a sua própria capacidade para instalar comunidades humanas (Ribeiro Telles, 2016). Não sendo conhecida ou sustentada por todos, a perspectiva integradora da Paisagem Global está a ser materializada pontualmente através da criação dispersa de parques ou jardins, resultando dificilmente no sistema contínuo que defende. Segundo Ribeiro Telles em *A Cidade e a Paisagem Global do século XXI*,

“(...) nos dias de hoje os problemas ambientais e sociais da cidade não podem ser resolvidos por essa construção de jardins e parques, isolados no meio do tecido urbano. A sua existência e manutenção não altera o artificialismo da cidade e contribui para um maior consumo energético. Criam-se formas artificiais de Natureza de difícil e onerosa manutenção em lugar de se instalarem sistemas naturais contínuos, ecologicamente sustentáveis, destinados ao recreio e à produção”

(Ribeiro Telles, 2003)

Há que discutir e ensinar a visão da paisagem global para que esta seja concretizada sendo que tal irá acontecer, fundamentalmente, através de ações políticas. Nesse sentido, estas têm de assegurar uma melhor gestão dos recursos naturais, o povoamento harmónico do território, a diversidade da paisagem, a qualidade de vida e o desenvolvimento cultural. Dever-se-á fazer um planeamento integrado de recursos e valores. No que ao setor social diz respeito, deve-se atender às necessidades reais da população e, para tal, ter conhecimento de causa no ato da tomada de decisão. Sobretudo, decidir e agir num exercício de democracia, liberdade e solidariedade (Ribeiro Telles, 2016). Após um crescimento indiscriminado e um alastramento urbano sem planeamento, resta tirar partido do que o progresso nos trouxe, por exemplo, ao nível dos benefícios da industrialização, da medicina, da comunicação ou do trabalho como forma de alcançar uma paisagem global que faça face aos desafios contemporâneos. A organização do espaço deve ser encarada de forma unitária (tanto em escala como na interligação dos subsistemas), encarando *urbe* e *ager* como uma unidade espacial interdependente. Ruralizar a cidade e urbanizar o campo, em equilíbrio, de modo a que o seu carácter e identidade sejam salvaguardados. Enquanto traço comum no desenho dos dois espaços encontramos o *Continuum naturale* e o *Continuum culturale* (Ribeiro Telles, 2016). Ainda que esta estrutura possa tomar diferentes formas ao integrar os diferentes tipos de paisagem, o objetivo é que funcione como uma estrutura contínua que integre os dois espaços, em simbiose, e que crie uma rede comunicante ao longo da paisagem. No fundo, o ordenamento ou a construção de paisagem não passa apenas pela manutenção do existente ou por intervenções pontuais, mas sim pelo entendimento da globalidade do processo resultando nas

intervenções necessárias, caminhando ao encontro de uma coexistência sustentável da natureza e do homem. Intervir não significa necessariamente produzir, mas orientar a conformação dos ambientes em que os homens se inserem enquanto elementos ativos. Orientar, por sua vez, significa propor diretrizes, alicerçar decisões e levar por diante uma pedagogia, neste caso, a defesa de uma paisagem global. Por regra, a melhor situação que podemos imaginar consiste num sonho, numa utopia, em algo pelo qual se luta e se acredita possível, mas longe, de alcançar. Ainda assim, é a luta por esse objetivo que nos conduz ao desenvolvimento, ao alcance sistemático da melhoria das condições. Neste sentido, sonho e ação são complementares, mediados pelo planeamento. Além disso, é de referir o tempo como elemento fulcral na paisagem e na tomada de decisão. A paisagem é mutável com o tempo e a conjuntura de hoje não é decerto a mesma que a de ontem. Assim, a teoria e a prática têm que atender às alterações que o próprio tempo exige (Gaspar, 2003). A solução para o reordenamento da paisagem prende-se com a fundamentação e uniformização da ação dos diferentes intervenientes, aplicando estratégias baseadas numa visão holística. Neste contexto, o arquiteto paisagista toma um papel particular podendo ser parte integrante de todo o processo. A sua formação multidisciplinar e os pilares da própria disciplina vão ao encontro desta teoria defendida e, portanto, conseguem enquadrar-se na visão integrada de progresso que intenta alcançar o desenvolvimento sustentável. Ainda assim, é de salientar a importância das equipas multidisciplinares.

Na conjuntura atual, o progresso é visto como resultado da ciência e da técnica. Ainda assim, foi através destas que se deu a mecanização da agricultura, o alargamento de monoculturas, o abandono dos campos ou a conversão da *silva* em floresta industrial que resultou numa simplificação da paisagem, fruto da incompreensão da complexidade e importância do espaço rural. Campo e cidade são diferentes mas complementam-se num mesmo sistema (Ribeiro Telles, 2016). O progresso não pode ser sinónimo de crescimento e ainda menos pode expressar o objetivo humano. O progresso não é multissetorial e tem que ver com um cenário nascido da conjunção de vários fatores. Crescimento, por sua vez, pode ser enganosamente encarado como uma dispersão ou densificação espacial (Ribeiro Telles, 1977). Assim, pretende-se um desenvolvimento assente sobre um desenho global inspirado na paisagem. O Homem deixa de ser urbano ou rural e passa a ser ambos. Uma abordagem multidimensional e interdisciplinar em uníssono com uma perceção globalizante e unificadora são a chave para um melhor ordenamento e desenho da paisagem global.

2. OutSideIn Projeto para Hornachuelos, Espanha

Um espaço, por mais pequeno que pareça ser, pode ter uma grande importância num contexto maior. Assim, é essencial analisá-lo tanto a uma escala aproximada como a uma outra mais abrangente. A escala humana e a territorial devem ser estudadas em cruzamento de modo a possibilitar uma perceção global da realidade.

“(...) the paradox that whereas our ability to act is greater at the "landscape" (and site) scale, the probability of long-term success in pursuing a goal of sustainability is greater at the regional level.”

(Richard Forman cit in Swaffield, 2002)

2.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: João Félix

2.2. Programa do concurso

A filosofia dos concursos de arquitetura Rethinking² assentam em oito conceitos, nomeadamente: Densidade, Ecologia, Detalhe, Escala, Limites, Mobilidade, Natureza e Habitação³. Neste concurso em específico, *Living the collective*, os principais conceitos a explorar são habitação, densidade e natureza. Os atuais modelos urbanos de habitação são caracterizados pela tradição e repetição. O programa aposta na habitação como um lugar próximo do desejo e da versatilidade, da qualidade de vida e do prazer, da diversidade e da interação. Ao nível da densidade, remete-se para a quantidade e qualidade do espaço disponível por pessoa, na concentração efetiva da vida urbana e, por último, nas dimensões e disposições da estrutura da cidade. O tema da natureza prende-se com a noção de paisagem.

O objetivo do concurso é criar um espaço coletivo que iguale a importância do espaço edificado e do aberto. Dever-se-á adaptar a cidade aos novos tempos, salvaguardando a identidade do lugar. Dever-se-á também considerar problemas ecológicos ao nível territorial e problemas habitacionais ao nível urbano, pensar de acordo com as pessoas, os usos e a localização. O resultado deverá ter uma imagem unificada. Como o tema sugere, criando um espaço que pense no coletivo é criado um espaço de vida.

A intervenção está dividida em duas partes: a intervenção parcial 1 formada pela área edificada e a intervenção parcial 2 que respeita a área aberta. Esta última será aquela à qual se prestará maior atenção no presente relatório por ser aquela onde a arquitetura paisagista tem um maior contributo. Neste sentido, é pretendido um espaço público de miradouro que respeite algumas premissas: pouca capacidade de carga do espaço, promoção da circulação pedonal e criação de um espaço coletivo.

² A plataforma Rethinking, enquanto entidade exterior ao promotor, organiza e gere concursos de ideias na área da arquitetura, tendo uma abrangência internacional.

³ O conceito de *ecologia* surge com a defesa de uma intervenção não-imponente, projetiva e qualificadora, onde preservar implica intervir. *Detalhe* refere-se ao minúsculo, ao contacto com o corpo, ao percetivo e ao sensorial. Uma consciência do espaço ocupado pelo corpo e pela sua ação em si. A *escala* não é uma medida mas uma capacidade de relação. A ideia de *limite* perdeu a precisão, é difuso. Conforme os limites se multiplicam, cada vez é mais difícil distinguir os diferentes acontecimentos físicos que compõem a cidade. A *mobilidade* está relacionada com as infraestruturas de comunicação e transporte. Estas formam um traçado que se converte em organização do solo. Atualmente, é marcada pela velocidade e sequencialidade, invés de visar a continuidade e a contemplação.

2.3. Área de intervenção

Localizada no município de Hornachuelos, Córdoba, em Espanha, a área de 52000m² a intervir posiciona-se junto ao limite da zona histórica. Composta por várias parcelas, torna-se necessário conjugar os elementos pré-existentes e a construir, bem como gerir o espaço público e privado. Ao criar uma zona de revitalização da cidade, há que atender ao contexto existente no intuito de criar uma imagem global unificada. Passado e futuro começam a conjugar-se neste local.

De acordo com o plano regulamentar de Hornachuelos, os edifícios poderão ter 2 a 3 pisos no máximo. Os usos atribuídos serão maioritariamente residenciais para fazer face à procura por parte de uma faixa etária mais jovem. Prevê-se, neste sentido, um futuro crescimento do município. Por outro lado, encontrando-se junto à via principal com um maior aglomerado comercial, a zona a intervir poderá ser uma extensão funcional desta. De referir que um dos requisitos para os edifícios é a incorporação de espaços para a comunidade. Apesar das diferentes tipologias funcionais (habitação, comércio, recreio), o espaço deverá ser entendido como um todo gerado por uma única intervenção.

Enquanto a área construída (intervenção parcial 1 – figura 1) é do domínio da arquitetura, as áreas exteriores de arruamentos e miradouro (intervenção parcial 2 – figura 1) são do domínio da arquitetura paisagista. Contudo, existe uma permeabilidade entre as duas áreas do conhecimento e um trabalho conjunto. A área exterior com 435,33m² localiza-se sobre grutas e, portanto, tem pouca capacidade de carga impossibilitando a construção. O programa do concurso requer um miradouro que promova o espaço público com o peão como único usuário.

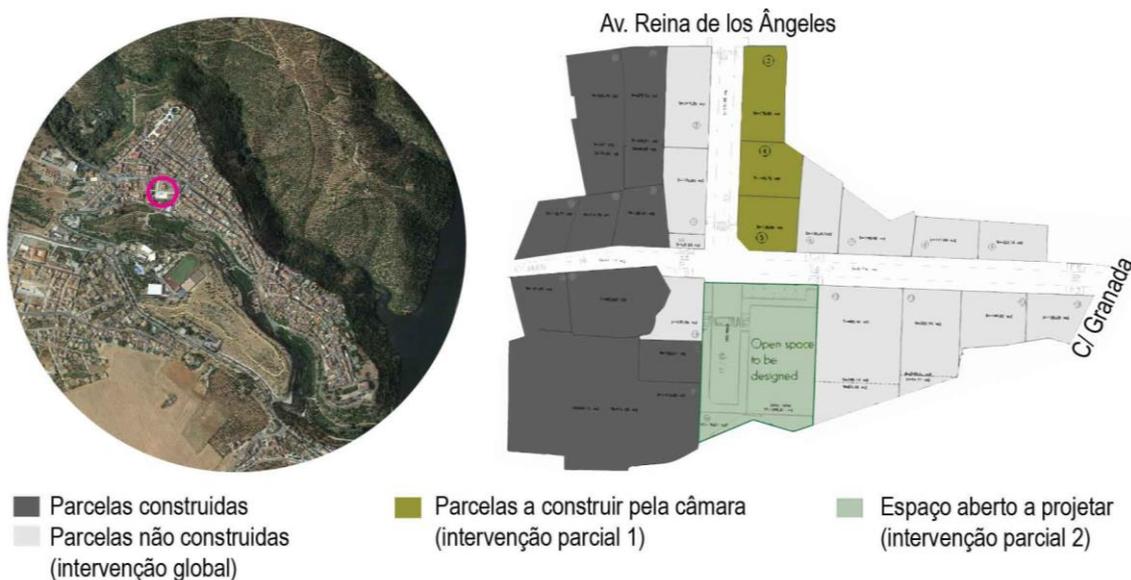


Figura 2: A área de intervenção em relação a Hornachuelos e sua constituição. Sem Escala. Fonte: GoogleEarth; Programa do concurso Rethinking – Living the collective.

2.4. Análise do espaço

2.4.1. Enquadramento

O clima caracteriza-se pelos verões secos e quentes, pelos invernos amenos com precipitação irregular e pelas muitas horas de sol durante todo o ano.

A posição topográfica é importante para a identidade do lugar encontrando-se num ponto alto e numa zona de transição ecológica. Pertencente à Serra de Hornachuelos e, conseqüentemente, à Serra Morena, o município faz a transição entre a serra, a norte, e os terrenos aplanados e cultivados a sul. Assenta sobre escarpas calcárias onde surgem grutas naturais ainda por explorar. Adaptando-se à topografia, o assentamento urbano teve necessidade de se desenvolver através de uma forte densificação da construção, abdicando dos espaços abertos. À falta de espaço exterior, as casas apresentam por norma dois pisos com um terraço superior. A seguir a Córdoba, Hornachuelos é a maior das localidades da província apresentando uma densidade de 5 habitantes/km².

O Rio Bembézar corre a Este, delimitando o espaço urbano, e dirige-se para o Rio Guadalquivir. Este toma uma importância significativa na província, sendo o principal rio que o atravessa.

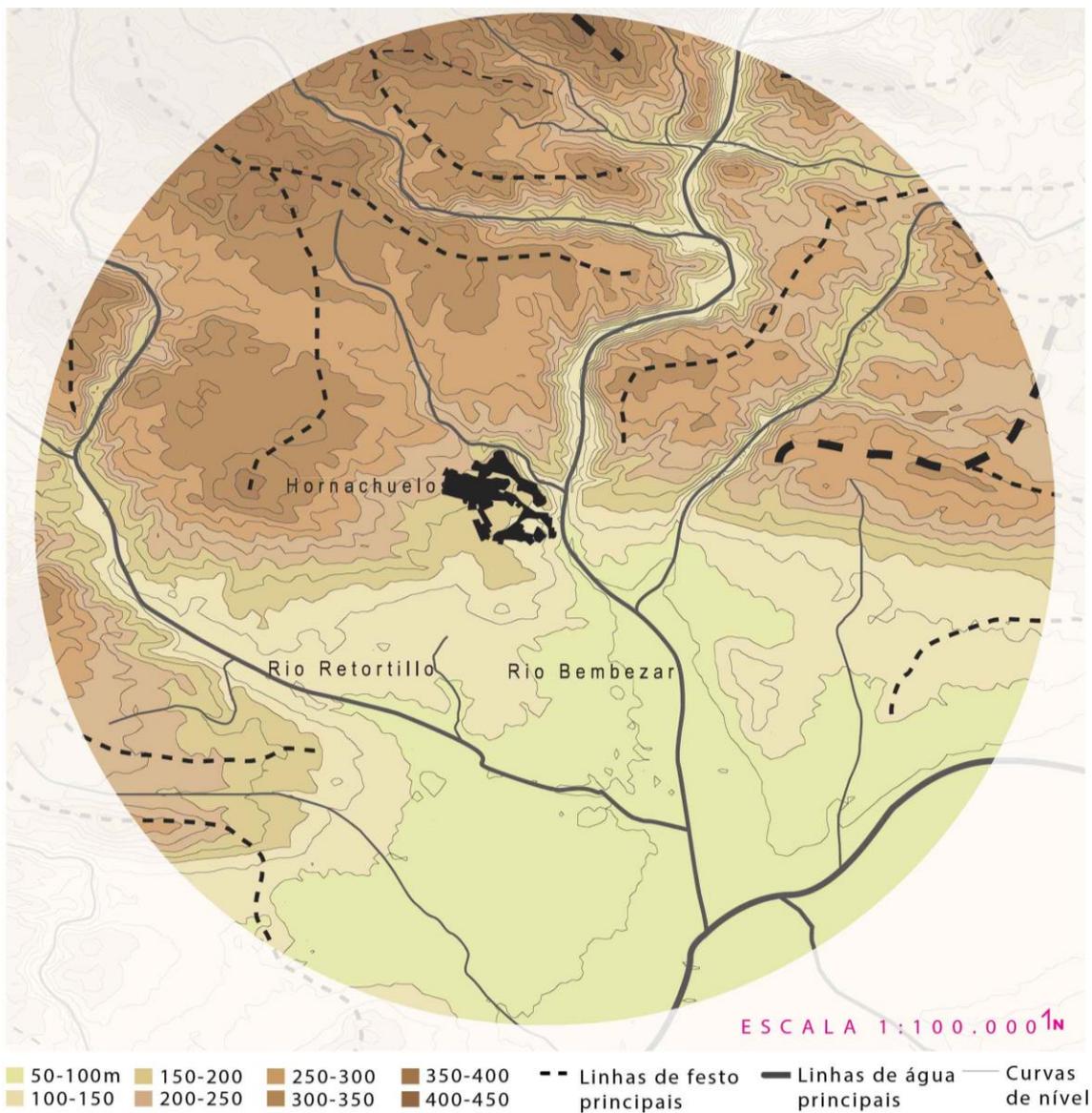


Figura 3: Síntese de Relevo. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.

O município encontra-se envolvido, maioritariamente, por zonas agrícolas de cultivo permanente, terras de lavoura, matos mediterrânicos, zambujais, azinhais e sobreirais. O uso do solo presente permite, assim, a extração da cortiça, a criação de zonas de pastagem bovina e ovina, caça e apicultura. As culturas de regadio mais comuns são o milho e a laranjeira e as de sequeiro são o girassol e a oliveira. Localizado junto ao limite do Parque Natural da Serra de Hornachuelos, a envolvente norte tem diversas áreas florestais e algumas manchas de vegetação natural, ecologicamente importantes. No

que respeita a fauna, destacam-se os abutres-pretos, o grifo-comum, a cegonha-preta que se encontra ameaçada, o lince ibérico e o cervo.

O termo Hornachuelos deriva do termo *Hornacho* que significa uma concavidade que se faz na montanha para extrair minerais e que, ela própria, tem origem no árabe *fornix* que significa cofre subterrâneo, túnel e rocha furada (Carrasco, 2014). A denominação provém, neste sentido, da existência de minas de prata e ouro nos arredores, mais concretamente, em Al-mary (Almarja). O passado árabe e cristão deixou marcas no território ainda hoje visíveis, nomeadamente, a aldeia de San Calixto, depósitos pré-históricos (ferramentas de pedra esculpidas no paleolítico que remetem para a tradição da caça), vilas romanas, castelos com as suas torres e muralhas, mosteiros, igrejas renascentistas, casas senhoriais ou, ainda, o abandonado Seminário de Nuestra Señora de los Angeles. Contam-se, ainda, o palácio e os jardins da Moratalla, o Mosteiro de Santa Maria de las Escalonias, a Antiga Posada e a Igreja de Santa María de las Flores. No que se refere às tradições, destacam-se as romarias e festas de índole religiosa, a Feira de Hornachuelos onde se fazem atividades desportivas e, por fim, o dia 28 de Fevereiro, Dia da Andaluzia, onde se realiza um concurso para a decoração das ruas e varandas. Quanto à gastronomia local, destaque para o chouriço e perna de veado, javali, presunto, mel, laranjas, azeite e gaspacho. Os doces típicos são tornija, pestinos e roscos.

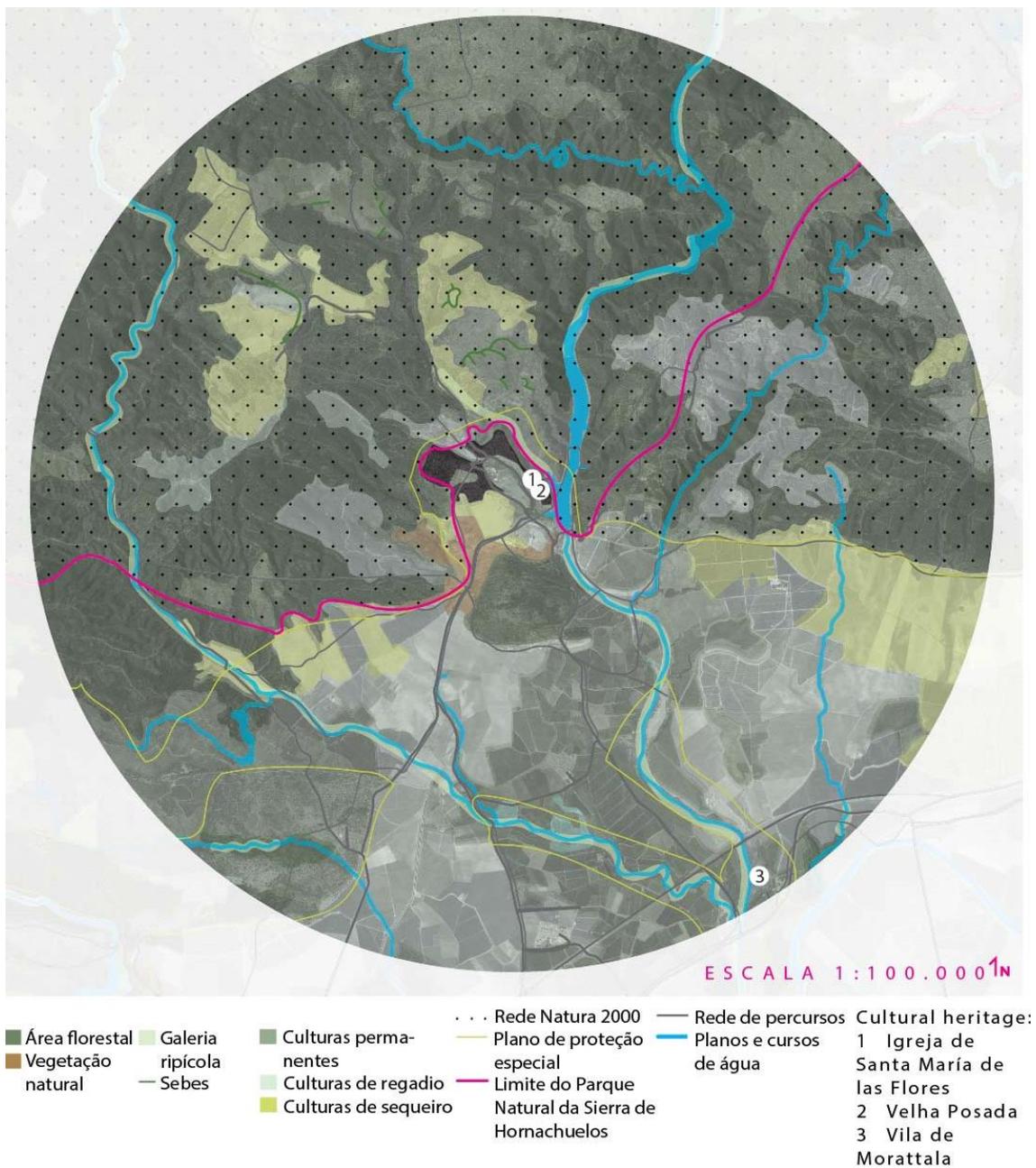


Figura 4: Uso do Solo. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.

Além de corresponder a uma zona de transição topográfica, Hornachuelos corresponde também a uma zona de transição de usos do solo e de bioclima, traduzindo-se numa zona de potencial riqueza. Pertencente ao clima mediterrânico, verificam-se o piso bioclimático mesomediterrâneo inferior – associado ao setor Mariânico monchiquense a norte e, a sul, o piso bioclimático termomediterrâneo superior – associado ao subsetor hispânico. Neste contexto, da vegetação característica do lugar destaca-se a presença

de *Quercus rotundifolia* (azinheira) e *Quercus suber* (sobreiro), este último dando origem à identidade corticeira da região. Somam-se-lhes outros como a *Ceratonia siliqua* (alfarrobeira), *Olea europaea* (oliveira), *Arbutus unedo* (medronheiro), *Pistacia lentiscus* (aroeira), *Rhamnus alaternos* (sanguinho-das-sebes), *Myrtus communis* (murta), *Genista hirsuta* (Tojo-do-sul) ou *Phlomis purpúrea* (marioila). Nas zonas ribeirinhas, verificam-se *Populus* spp. (choupos), *Alnus glutinosa* (amieiro) ou o *Salix atrocinerea* (borrazeira-preta). Nas zonas mais urbanizadas, destaque para *Cistus ladanifer* (esteva), ainda que também se possam encontrar *Mucizonia hispida* e *Sedum andegavense*. No estrato arbóreo, verificam-se *Citrus sinensis* (laranjeira) e *Chamaerops humilis* (palmeira-anã).

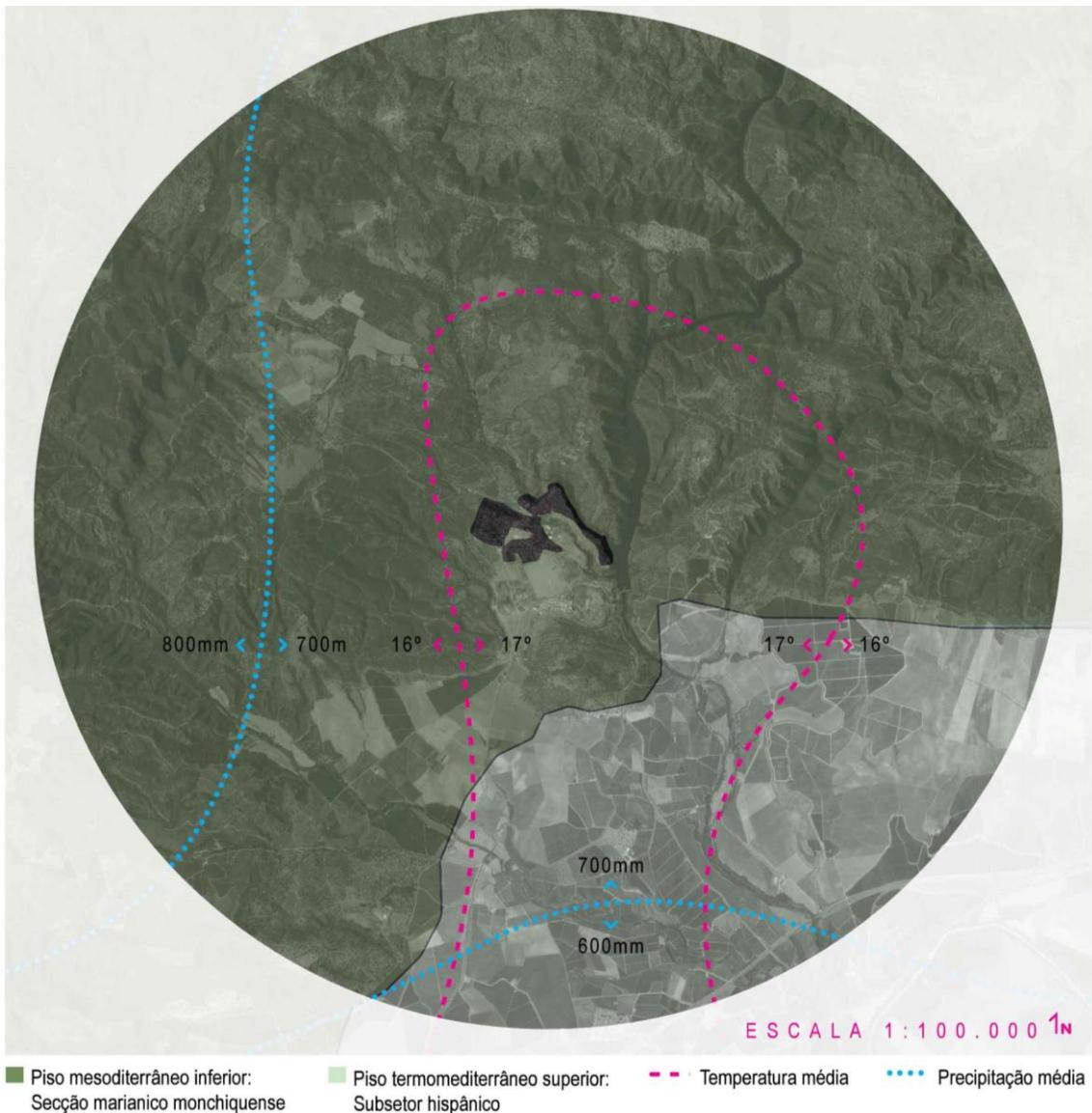


Figura 5: Biogeografia. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.

Considerando a diversidade de características desta paisagem, podem-se delimitar unidades de paisagem, ou seja, áreas relativamente homogêneas no que respeita a paisagem. Assim, segundo o Instituto de Estadística y Cartografía de Andalucía, o município situa-se associado ao “Piedomonte Sierra Morena”, mais concretamente às “campinas de piedomonte”, ou seja, a uma planície extensa sem povoamentos nem árvores situada numa zona de cumeada ou nascente. A norte do aglomerado urbano surge a unidade da “Sierra Morena Ocidental” caracterizada, mais concretamente, pelas serranias de baixa montanha.

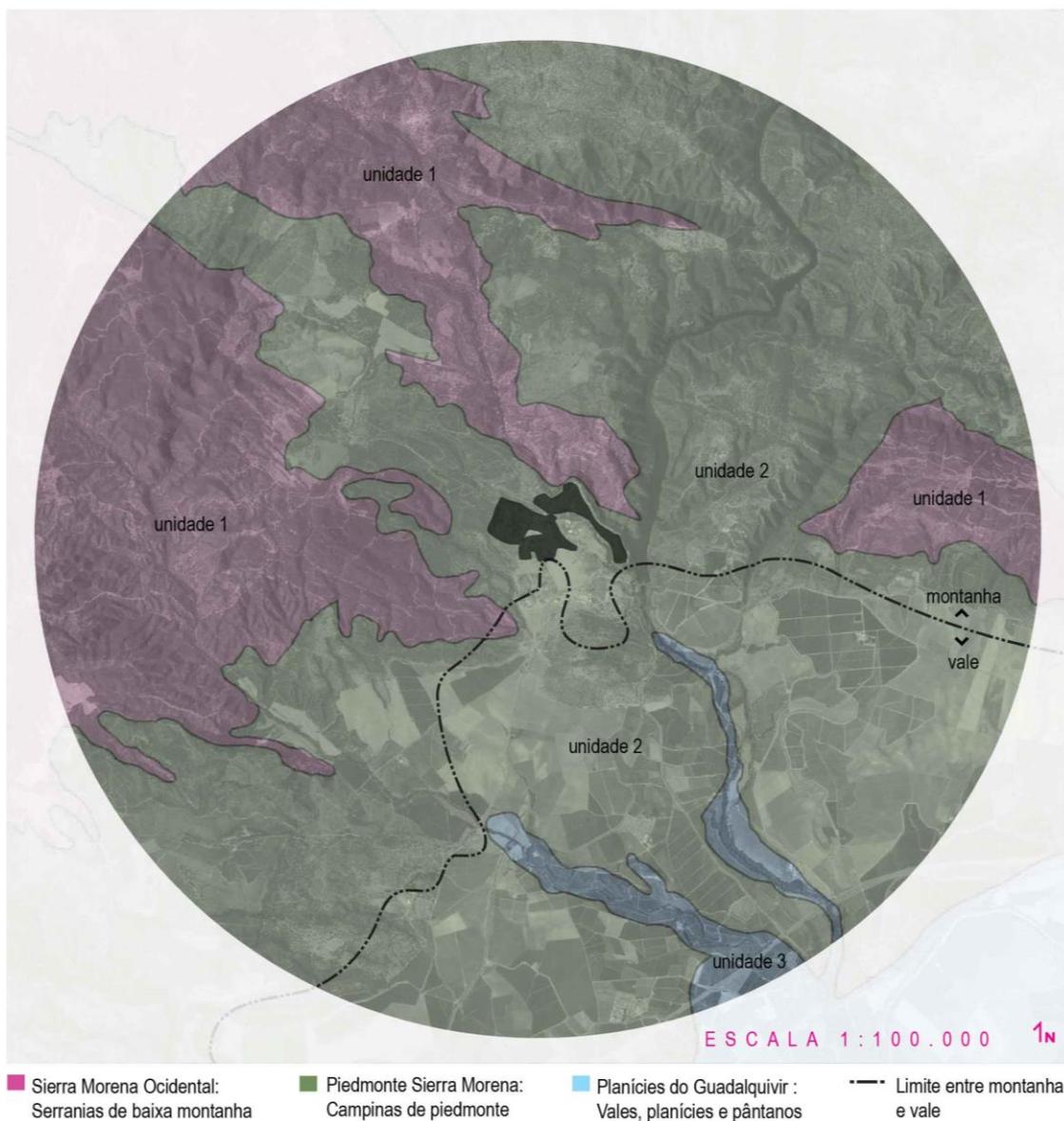


Figura 6: Unidades de Paisagem. Escala 1:100000. Fonte: Equipa projetista.

A reter, Hornachuelos localiza-se numa zona de transição topográfica entre o sopé da Serra Morena e o seu vale aplanado, de transição ager/silva (englobando o Parque Natural e áreas de Rede Natura 2000) no que diz respeito ao uso do solo, na transição biogeográfica entre os pisos termo e meso mediterrâneos e de transição entre unidades de paisagem. Esta paisagem de transições significa diversidade, identidade e riqueza. Contudo, estas não são transpostas para o interior do espaço urbano.

2.4.2. Enquadramento urbano

A origem do povoamento é incerta, contudo, a influência muçulmana na estrutura urbana de Hornachuelos ainda consegue ser perceptível. Por motivos de defesa, o assentamento deu-se numa zona alta escarpada, 183m acima do nível do mar, e incluiu a construção de um castelo e respetivas muralhas, hoje parcialmente visíveis. No interior das muralhas, os edifícios adensam-se sobre uma rede de ruas estreitas devido à topografia. Dada a necessidade de habitação, o espaço público foi sendo descurado até ser praticamente inexistente. Paralelamente, não existe uma estrutura ecológica consistente apenas a existência pontual de pequenas áreas permeáveis ou superfícies de contacto com a natureza. Entenda-se por estes últimos, miradouros, que se localizam na parte sudeste, nomeadamente, o miradouro de la Carretera de Colegio, miradouro de la Plaza del Mirador, de la Corraliza, del Paseo e, por fim o miradouro Puerta de la Villa.

Os vazios urbanos são encarados atualmente como as áreas potenciais para o desenvolvimento futuro. O centro urbano encontra-se envelhecido e carece de uma nova estratégia de planeamento. É neste sentido que surge o espaço de intervenção entre a Avenida Reina de los Ángeles, principal rua comercial, e a rua de Los Molinos, rua com vista sobre o meio envolvente. Enquanto vazio urbano, está limitado por edifícios existentes e tem capacidade para abarcar espaços residenciais, comerciais ou espaço público exterior. Sendo um vazio, não o é. Está repleto de potencial e pode funcionar como mote para uma estratégia de atuação futura no espaço urbano, unindo a cidade do passado àquela que ainda virá a ser.

O espaço da intervenção parcial 1 deverá consistir, maioritariamente, em habitação de qualidade para fazer face à procura por parte da população mais jovem. Além do mais, deverá incorporar espaço de domínio público ou com usos comunitários. No que respeita a intervenção parcial 2, esta acerca-se de num espaço aberto assente sobre grutas que, como tal, tem pouca capacidade de carga. Dada a situação, a proposta deverá apostar na circulação pedonal. Apresenta-se como possível miradouro sobre o vale a sul e, portanto, como ligação entre a cidade e o seu contexto.

2.5. Proposta

(Sugere-se o acompanhamento da leitura com o plano geral, plano da intervenção parcial 2 e planta de arquitetura – em anexo)

2.5.1. Conceito geral



Figura 7: Conceito. Sem Escala. Fonte: Equipa projetista.

Hornachuelos é um lugar de transições, significado de uma riqueza que não se espelha dentro da cidade. Assim, a necessidade de criar uma conexão ecológica, funcional, visual, física e espiritual entre a paisagem envolvente e a cidade, conduziu à criação do conceito “OutSide In”. Este conceito, “de fora para dentro”, inverte a expressão inglesa original (*inside out*) e pretende sugerir uma nova visão acerca da rutura/ligação entre o espaço urbano e a paisagem onde este assenta. O objetivo é conduzir a paisagem pelos meandros urbanos através da criação ou potencialização de uma estrutura ecológica, de superfícies de contacto entre o aglomerado e a envolvente (miradouros), espaços de reunião, lugares com identidade e percursos pedestres. A área de intervenção encontra-se num local estratégico para dar início à materialização desta ligação. Neste sentido, o conceito de “conetividade” irá ser utilizado como base do projeto, levando a paisagem para dentro da cidade.

2.5.2. Descrição

Apesar do programa do concurso definir a área de intervenção, a visão holística que se pretende para o espaço carece de ser integrada numa escala maior. Neste contexto, a proposta defendida apresenta primeiro uma solução ao nível de uma estrutura ecológica urbana e só depois reflete sobre o planeamento do bairro e da estruturação de cada uma das intervenções parciais.

No que considera a estrutura ecológica, esta consiste no desenho de uma estrutura contínua que pressupõe potenciais ligações exterior/interior a ser integrada no Plano Municipal e, como complemento, na sugestão de diretrizes. Os objetivos são conectar tecido edificado e sistemas ecológicos, bem como, promover a circulação de brisas, matéria e fauna, superfícies de contacto, qualidade de vida e novos espaços e

ambiências. A criação de uma estrutura consistente que deambula por toda a cidade, propicia espaços de encontro e, por sua vez, pode ser propulsora de um novo sentido de comunidade e coletivo.

O aglomerado urbano encontra-se numa cumeada e, conseqüentemente, delimitado por vales que atuam como principais corredores ecológicos. Ao ter os seus limites tão definidos, a transição entre espacialidades torna-se brusca. Tanto mais que a própria densidade do espaço urbano carente de espaços verdes desconecta, física e emocionalmente, a comunidade do que a envolve. É neste contexto que se percebe a importância das superfícies de contacto, seja pela presença de miradouros, seja pelo traçado de uma rua que no final se abre sobre a paisagem. Assim, a estrutura ecológica proposta consiste na definição de uma espinha dorsal entre os extremos este/oeste com vários ramais de ligação visual, física e ecológica com os corredores ecológicos principais. Fundamentalmente, são aproveitados os vazios urbanos e os percursos mais largos para criar corredores ecológicos que interligam os diferentes extremos do espaço urbano e, simultaneamente, este e a paisagem envolvente. Os corredores materializam-se através da arborização das ruas, da criação de jardins públicos ou da revitalização de miradouros. A área de intervenção, encontrando-se no limite do perímetro urbano, deverá ser encarada como o primeiro elo de ligação a ser projetado como tal e, portanto, atuando como o início do processo de tornar esta visão realidade. A sul, encontra-se um vazio que irá ser integrado na proposta como a formalização do troço inicial de um dos corredores ecológicos. Juntas as áreas, o corredor começa a ganhar expressão e dá-se o mote para a disseminação pela restante cidade.

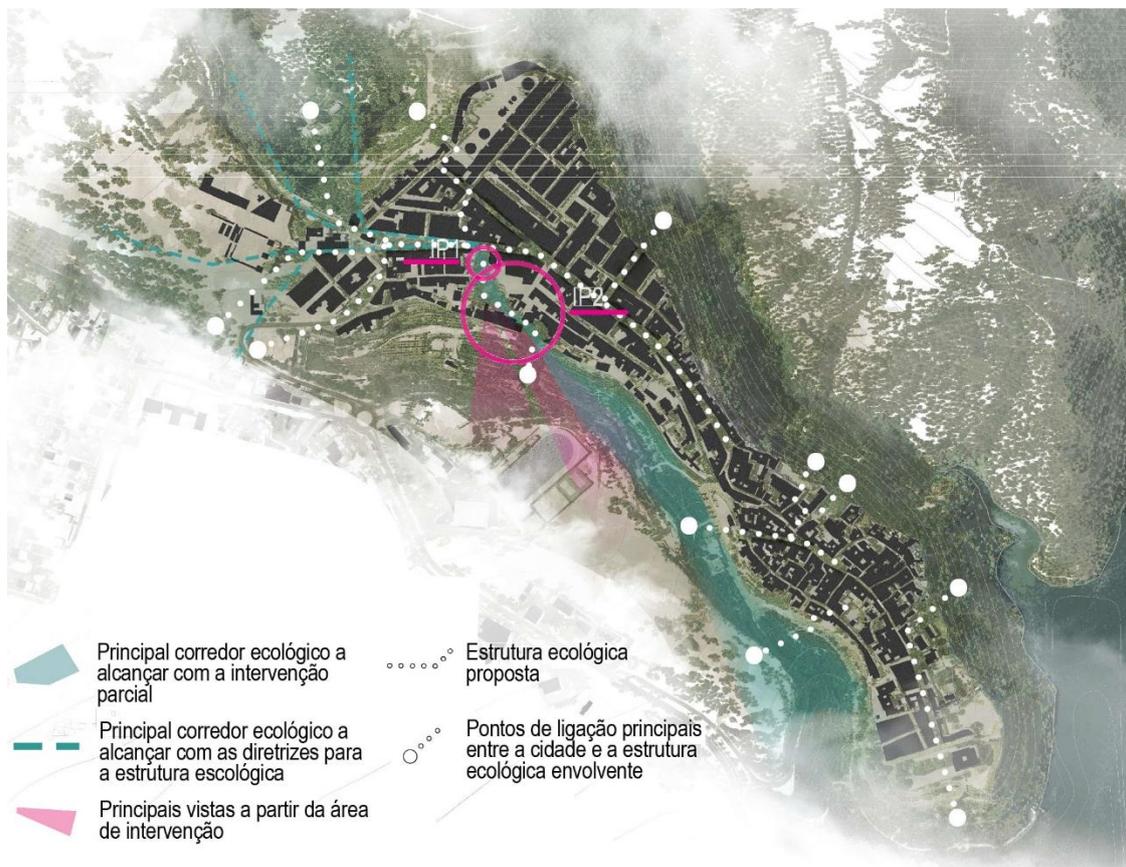


Figura 8: Estrutura Ecológica proposta para Hornachuelos. Sem Escala. Fonte: Equipa projetista.

Neste contexto, tomam-se a identidade de Hornachuelos e os sistemas naturais, com destaque para a drenagem hídrica, como inspiração e ferramentas de desenho. Os edifícios são caracterizados por serem habitações de qualidade que respeitam as características arquitetónicas do lugar, por exemplo, ao nível no número de pisos (2 e 3) e da presença de terraços. Neste caso, são propostos terraços comunitários, ou seja, terraços dos quais toda a comunidade pode usufruir. Como o número de pisos é maior onde as cotas são mais elevadas e menor onde as cotas são inferiores, são preservadas e potenciadas as vistas a sul, ao mesmo tempo que as brisas continuam a fluir no sentido natural. A grande particularidade do projeto arquitetónico relaciona-se com a preocupação em integrar espaço edificado e aberto. Mais concretamente, existe uma relação com a estrutura ecológica urbana. Ao nível do solo criaram-se jardins geradores de frescura e, ao nível dos terraços, são propostas pérgolas. Os próprios passeios adjacentes às habitações estão arborizados e têm valas de drenagem plantadas, conectando-as ao jardim (intervenção parcial 2).

O jardim é miradouro. Na zona alta, junto aos edifícios, é criada uma área de receção e

preservado o pequeno estacionamento existente, atraindo pessoas para o local. Ao centro, são criadas três bacias de retenção que funcionam em conjunto, ou seja, a água proveniente da via desce até à bacia em cotas superiores, volta a descer para uma segunda e desta para uma terceira em cotas inferiores, percorre o percurso que liga ao segundo jardim (área proposta para intervenção) e aí encontra a bacia de retenção final. Contudo, a água só passa de uma bacia para outra caso atinja determinado nível. As valas são abertas para que as pessoas possam ter perceção do movimento e da própria existência da água. Ao mesmo tempo que funcionam para drenagem, as bacias são elementos recreativos que se alteram com o tempo. Se no inverno são pequenas lagoas, no verão são parques infantis. Intenta-se um espaço multifuncional do qual a comunidade se possa apropriar.

Sobre as bacias, os percursos formalizam-se em grelha permitindo ter contacto com a água e, numa metáfora às grutas, ter presente que nos encontramos sobre terrenos instáveis. Os percursos laterais são firmes para fazer face às questões de acessibilidade. No final destes, a visibilidade alarga-se e a paisagem surpreende-nos. Na parte baixa das bacias existem bancos coletivos com dois níveis para apreciar a paisagem confortavelmente. O primeiro nível é o banco tradicional e o segundo consiste num prolongamento das suas costas pela criação de uma plataforma relvada. O desenho geométrico, em simultâneo com a posição dos bancos, permite direcionar o olhar dos utilizadores para as vistas mais apelativas.

O percurso arborizado, com a água a circular ao centro e massas arbustivas em ambas as margens, cria uma sensação de distância com o espaço edificado apesar de este nos envolver. No final, o segundo jardim formaliza o elo, ecológico e funcional, com o vale. Enquanto a Oeste surge a bacia que é o ponto final do caminho percorrido pela água, a Este surge uma elevação de terreno em contraponto. Ambos atuam em complementaridade, sendo zonas de recreio e criatividade onde as crianças poderão brincar, os jovens poderão se recostar, fazer um piquenique ou qualquer outra atividade. As zonas de estadia pavimentadas são também multifuncionais e formam pequenas praças que permitem uma estadia mais confortável pela presença de bancos. No lado este, a existência de uma gruta conduz à criação de uma zona de receção e estadia que convida à visita. De referir que a circulação viária norte/sul é salvaguardada ainda que o pavimento seja uniforme de modo a assegurar a perceção do corredor ecológico e do jardim como uma unidade.

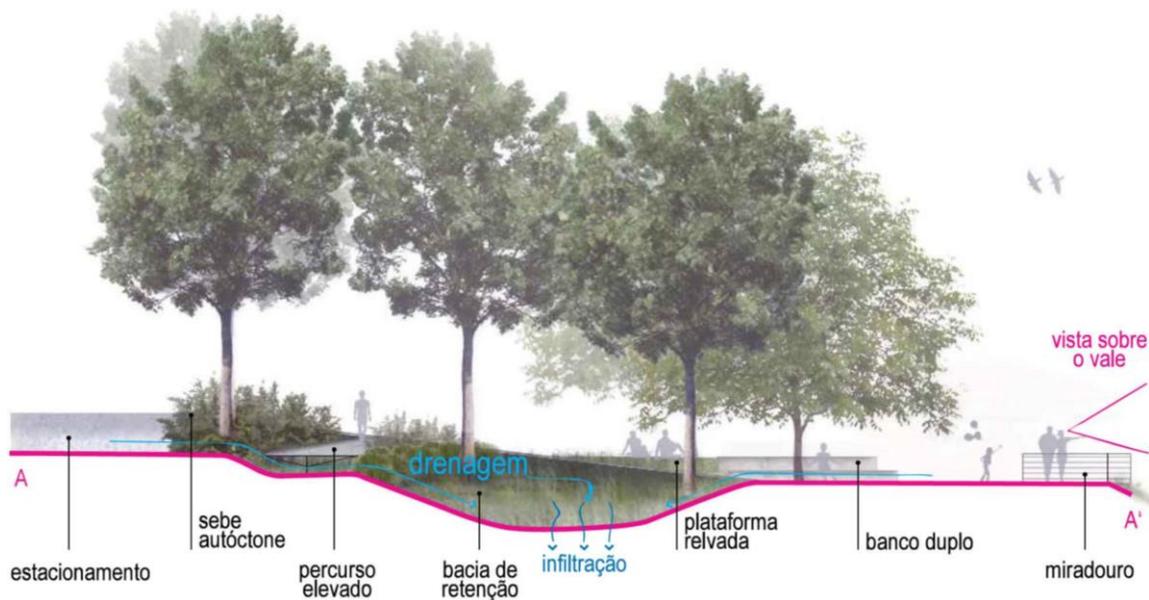


Figura 9: Corte longitudinal da intervenção parcial 1. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

2.6. Paisagem Global em revista: Sobre perspetivar a diferentes escalas

O conceito de paisagem remete, como mencionado anteriormente, para um sistema complexo e dinâmico onde vários fatores interagem e evoluem em conjunto. Neste sentido, percebe-se que a relação espaço-tempo é-lhe inerente. A passagem do tempo traduz-se num resultado espacial. A arquitetura paisagista, enquanto interveniente na paisagem, tem que compreender as dimensões espacial e temporal nas suas diferentes escalas.

A escala é, basicamente, uma medida ou uma razão entre grandezas. No que respeita à escala espacial, esta denota um tamanho relativo ou uma extensão. Comumente, quando se fala em paisagem, as pessoas tendem a pensar em algo imenso, dada a sua pequenez perante a dimensão que esta pode ter (Corner, 1992). A vastidão e complexidade da imagem que nos surge ao falar de paisagem, induz no erro de a considerar numa única grande escala. Há que reconhecer que todos os ecossistemas, bem como a paisagem, são uma parte ou subsistema de um sistema maior e que abarcam, eles próprios, outros subsistemas mais pequenos (Lyle, 1985). Um espaço pequeno, como é o caso do miradouro de Hornachuelos, pode não parecer ter grande importância, mas quando é visto a uma escala maior, pode tornar-se um espaço fundamental. No caso do miradouro, este torna-se a superfície de contacto e o ponto de transição entre o espaço urbano e rural. Ao mesmo tempo, quando integrado numa estratégia mais ampla, torna-se a porta de entrada para o desenho de um corredor

ecológico urbano essencial para começar a definir uma estrutura ecológica consistente. Numa outra perspectiva, o miradouro assume o papel de reconectar a comunidade com a paisagem e, uma vez no espaço, o observador poderá ter o dito sentimento de pequenez.

Em relação ao tempo, pode-se dizer que a paisagem encerra em si vários tempos. O tempo cronológico que remete para uma dimensão histórica do lugar, o tempo biológico característico da natureza e o tempo do ócio próprio da experiência do lugar (Carapinha, 2003). Diga-se a evolução do uso do solo, a passagem das estações do ano ou o ciclo dia/noite. Lembrar uma paisagem implica lembrar um dado momento. A constante mutação que lhe é inerente, destacando a relação espaço-tempo, impede que a paisagem se veja circunscrita a um único momento. Ela é o resultado da sobreposição de várias camadas ou aquilo que João Gomes da Silva descreve como a *Espessura do Tempo* (Gomes da Silva, 2013). Neste contexto, para compreender um lugar é necessário ter em consideração as camadas que o compõem. A própria experiência do espaço comporta o movimento do corpo e, nesse sentido, é influenciado por um movimento no espaço e no tempo. No caso de Hornachuelos, por exemplo, podemos marcar o tempo em três ocasiões: uma primeira onde a paisagem era formada por colinas cobertas de vegetação, uma segunda quando se deu lugar o assentamento humano e uma terceira com a possível implantação da proposta onde o espaço urbano se torna permeável ao espaço rural. A marcação dos momentos poderia ser outra e a perspectiva sobre o lugar seria diferente. Um dado lugar só o é num dado momento.

A arquitetura paisagista deverá, neste contexto, compreender a paisagem a diferentes escalas espaciais e temporais bem como ter a capacidade de se aproximar e distanciar conforme a necessidade. Não ter presente estas noções irá conduzir à simplificação dos dados e, conseqüentemente, a uma leitura errada. Equilibrando o antigo e o novo, a ação da arquitetura paisagista tem a capacidade de ligar o presente e o futuro.

2.7. Conclusões preliminares

A paisagem tem inerente a si uma dicotomia espaço/tempo que, em ambas as dimensões, pode ter associada uma escala. A dimensão espacial pode ir da micro à macro escala, da humana à territorial, enquanto a dimensão temporal varia entre o tempo cronológico, biológico ou o do ócio. Em ambas as dimensões, é fundamental preservar a continuidade para que o resultado seja uma paisagem consistente. Continuidade essa que é um dos fundamentos do conceito de paisagem global. Saber perspectivar a diferentes escalas num exercício de aumento e diminuição conforme a necessidade, é fundamental para compreender a paisagem em toda a sua complexidade e, conseqüentemente, atuar de forma consciente. Perceber que paisagem não é um momento nem um lugar, mas muitos momentos e lugares em união, poderá levar à noção de que atuar numa parte é atuar no todo. Toma-se, neste contexto,

a continuidade como um dos fundamentos basilares da paisagem. Proteger a continuidade é assegurar a conectividade, ter uma visão integrada dos sistemas, salvaguardar a multifuncionalidade, solidificar uma identidade, consolidar a estrutura ecológica e fundamentar o desenvolvimento.

O projeto OutSideIn foi o primeiro que realizei no estágio e, nesse sentido, foi a primeira abordagem ao método de trabalho do *atelier*. Apesar do concurso ser mais direcionado para arquitetos, a nossa participação permite mostrar que a arquitetura paisagista tem uma perspectiva diferente acerca do mesmo espaço e que, fundamentalmente, tem um contributo a dar. Ainda que não tenhamos ganho o concurso, a arquitetura paisagista viu-se representada. A nível pessoal, o processo criativo foi caracterizado por avanços e recuos, tendo sentido, no final, quão importante é errar para aprender. Relembrei como um espaço pequeno pode ser muito importante quando enquadrado numa estratégia maior e conseguir ter a capacidade de ver a mesma situação a diferentes escalas foi um aspeto muito interessante na realização deste projeto.

3. Slow Stream

Projeto para Lillestrøm, Noruega

A cidade é a soma das suas partes, funcionando tanto melhor quanto mais harmoniosas e equilibradas forem as partes. Em toda a sua diversidade, a cidade deve ser uma unidade coerente de modo a permitir o seu bom funcionamento.

“Our eyes do not divide us from the world, but unite us with it. Let this be known to be true. Let us then abandon the simplicity of separation and give unity its due. Let us abandon the self-mutilation which has been our way and give expression to the potential harmony of man-nature. The world is abundant, we require only a defense born of understanding to fulfill man's promise. Man is that uniquely conscious creature who can perceive and express. He must become the steward of biosphere. To do this he must design with nature.”

(McHarg, 2002)

3.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: Ana Queirós e José Maia

3.2. Programa do concurso

O European é um concurso europeu destinado a profissionais com menos de 40 anos. Consiste num concurso de ideias à escala urbana, seguido da sua implementação, onde são postas a concurso várias áreas de intervenção. Cada proposta é dividida em duas escalas: uma territorial onde é efetuada uma reflexão estratégica e outra urbana onde se desenha efetivamente um projeto para a área de intervenção definida. Dos vários países a concurso, as equipas podem escolher os espaços a concorrer.

No concurso do ano em questão, European 14, o tema selecionado foi “Cidades produtivas”. A perspetiva baseia-se numa cidade multifuncional onde as condições de vida e de trabalho se sobrepõem. A produção económica, com ênfase na produção industrial, foi sendo empurrada para a periferia urbana e hoje os seus resquícios bem como novos pólos carecem de uma estratégia que invés de os separar do sistema urbano, os absorve. A cidade contemporânea não é uma cidade completa⁴, no sentido em que as diversas funções e atividades estão sendo segregadas e colocadas cada uma em sua zona. Ora, a cidade não está completa enquanto todas as suas funções não forem partes inerentes do seu corpo. O centro não pode ser especializado em serviços nem todas as formas de indústria empurradas para a periferia. Não estamos a dizer que as fábricas voltem para o centro urbano, mas que pequenas indústrias comecem a entrosar-se na estrutura urbana. Assim, a produção deve ser parte do tecido e do quotidiano da cidade, tendo permissão para ser vista. Misturar vida e trabalho pode contribuir para tornar híbridas as economias locais e globais, aumentar as estratégias macro e micro e criar oportunidades para mais interações sociais e urbanidade. No fundo, pode contribuir para alcançar uma cidade sustentável.

Mais especificamente, o objetivo do concurso é gerar novos tipos de proximidade através da conexão entre produção e vida quotidiana. Esta proximidade assenta no conceito de economia circular e pode ir ao encontro da co-produção ou eco-partilha.

⁴ Tradução livre de “Our contemporary city is not a complete city” in Programa do concurso European 14 – Productive cities.

“The Productive Metropolis is a hybrid space, a space of differences, a space where each part is increased, where the sum of the differences creates the attractiveness...”

(Klouche, 2017)

Os locais a concurso estão agrupados segundo o seu contexto, existindo 4 grupos distintos: “de área produtiva a cidade produtiva”; “de cidade a cidade produtiva”; “de infraestruturas funcionais a cidade produtiva”; “e produtivo outra vez!”⁵. Lillestrøm enquadra-se no primeiro onde áreas periféricas que operam isoladamente se querem colocar dentro do sistema urbano, gerando sinergias promotoras de uma cidade mais sustentável.

Lillestrøm encontra-se numa situação de crescimento urbano face à sua proximidade com a capital, Oslo. Contudo, pretende crescer de forma inteligente, evitando tornar-se em mais uma das muitas cidades dormitório. Assim, surge uma área para possível expansão, fruto de alterações de propriedade e da deslocação de uma fábrica para outro local. O parque industrial de Nesa, designação da área de intervenção, deve, por conseguinte, posicionar-se no desenvolvimento da cidade que tem por ambição tornar-se numa cidade multifuncional. O objetivo consiste em aliar a indústria existente, habitação e outras funções de carácter público. Explorar o potencial de Nesa como uma área urbana, produtiva e multifuncional, integrada na paisagem, em Lillestrøm e na região. Dever-se-ão propor funcionalidades e uma tipologia de estrutura urbana. A intervenção será dividida em duas fases: uma primeira na área onde se encontram as indústrias a manter e uma segunda no restante espaço.

3.3. Área de intervenção

Como referido anteriormente, a intervenção é projetada a duas escalas. Uma mais abrangente onde a proposta assenta sobre estratégias e uma aproximada onde há um desenho concreto de espaço.

3.3.1. Sítio estratégico

A definida área do sítio estratégico localiza-se na Noruega, no condado de Akershus, no município de Skedsmo e em Lillestrøm, a 18km da capital, Oslo. A cidade vive desta proximidade a oeste, sendo ainda de destacar o aeroporto a este. Dada a sua posição, tende a atrair população e, por isso, a crescer. Já se encontram definidas as direções

⁵ Tradução livre de “From productive area to productive city”, “From city to productive city”, “From functional infrastructures to productive city” and “And productive again!”.

onde isso é possível acontecer bem como uma visão a implementar, nomeadamente: a cidade deverá ter atratividade por si mesma e não ser apenas o dormitório dos trabalhadores da capital. Assim, as propostas deverão atribuir várias funções ao espaço sem cair na tentação de criar unicamente residências. O programa sugere, nesse sentido, que se criem espaços de encontro e se melhorem as infraestruturas ao nível da mobilidade suave. Sugere, simultaneamente, a salvaguarda dos recursos existentes, a conexão com o centro urbano e a possível ligação com a outra margem do rio. Qualquer proposta deverá considerar uma integração na paisagem.

Como elementos urbanos estruturantes, pelo papel que assumem na vida da cidade, surgem o rio e a linha de caminho de ferro. O rio ganha destaque tanto pela sua importância nos sistemas naturais como pelo seu papel na definição da identidade do lugar. A linha de caminho-de-ferro, por sua vez, simboliza a origem do aglomerado, ao mesmo tempo que é a fonte principal das dinâmicas urbanas atuais e passadas. Limitado por estes e pela reserva natural de Sørumsneset, o sítio estratégico divide-se em áreas funcionais distintas, mais concretamente, uma área residencial consolidada com casas unifamiliares com logradouros; uma área residencial em desenvolvimento (Central Development Projects – residência, hotel e escritórios; Otto Olsen's Plot – residências com 4 a 10 andares) e a Norway Trade Fair, um espaço multifuncional normalmente usado para a realização de eventos como a feira anual comemorativa da consagração da localidade em cidade. Este último edifício em conjunto com a estrada RV159, são considerados obstáculos à ligação entre o espaço de intervenção e o centro urbano, transparecendo a necessidade de solucionar os acessos à rodovia e melhorar os transportes públicos.



Figura 10: Localização do sítio estratégico em relação a Lillestrøm. Fonte: Adaptado do GoogleEarth; Documentos cedidos pelo European 14.

3.3.2. Sítio de projeto

Posiciona-se no extremo sudeste do espaço de intervenção, na união da cidade com o rio Nitelva e a reserva natural Sørumsneset. Apesar da zona industrial de Nesa ter duas áreas, o projeto focará apenas uma delas a sul, estando prevista a implementação de uma proposta exterior ao concurso para a zona norte. Assim, Nesa Sul é composta por diferentes atividades às quais está associada uma determinada área. Enumeram-se uma indústria de aglutinantes de madeira (Dynea), uma farmacêutica, lavagem automóvel, comércio de peças e aluguer de contentores marítimos. Aquela que ocupa maior área, Dynea, será realocada num futuro próximo devido ao seu impacto ecológico e à sua falta de integração no desenvolvimento sustentável pretendido pelo município. Esta tem duas bacias de tratamento de água residuais e é devido à sua atividade que os solos se encontram contaminados. O espaço encontra-se compartimentado através de vedações e engloba 45 edifícios com diferentes cores e alturas, variando entre 1 e 5 andares.

Uma vez que assenta sobre a margem ribeirinha, as cheias são uma situação recorrente tendo sido criado, por esta razão, um dique em torno de toda a área de intervenção. Sobre este existe um percurso pedonal que se estende ao longo do rio entre os extremos este e oeste da cidade. Diga-se que esta ligação é aquela que mais efetivamente conecta Nesa ao centro urbano. A norte, a estrada RV159 é uma via importante, mas tida como um obstáculo à existência de outras ligações com o centro. Existem, pontualmente, alguns acessos a Nesa Norte quando a estrada se sobreleva.



Figura 11: Localização do sítio de projeto em relação ao sítio estratégico. Fonte: Adaptado do GoogleEarth; Documentos cedidos pelo European 14.

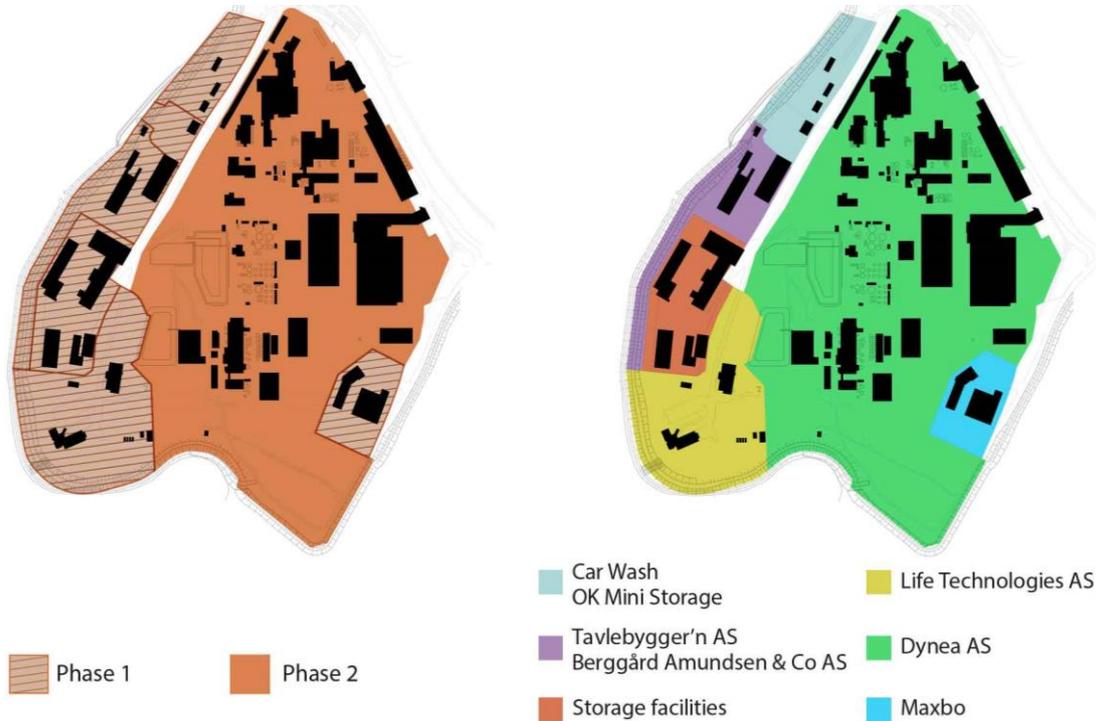


Figura 12: Fases de intervenção do sítio de projeto e sua constituição atual. Sem escala. Fonte: Brief cedido pelo European14.

3.4. Análise do espaço

3.4.1. O papel de Lillestrøm no desenvolvimento policêntrico de Oslo

A região de Oslo é uma das regiões europeias em rápido crescimento, sendo que o aumento da população provém essencialmente da imigração. As previsões para 2050 prevêem que a tendência se mantenha. A grande maioria da população vive em áreas urbanas ou periurbanas com o intuito de usufruir de certas condições como o acesso a emprego, boas condições de habitação e serviços, qualidade ambiental e proximidade à família. Segundo o relatório *Population Trends and Housing Needs in Norway 2011 – 2030*, a construção existente de habitação não faz face às necessidades e enquanto tal acontecer, os custos de renda ou compra tenderão a aumentar rapidamente. Neste contexto, a estratégia delineada pelo governo passa por facilitar o desenvolvimento de cidades da região que sejam pólos importantes de transporte, retirando pressão à capital. Para alcançar o objetivo, ter-se-á que investir nas infraestruturas, principalmente no transporte público, na habitação e no emprego destas cidades. Incentiva-se o trabalho conjunto dos diferentes municípios na melhoria da rede de transportes, sendo

que a questão tem origem na gestão do crescimento urbano e também em preocupações ambientais. Simultaneamente, a estratégia pretende um desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida da população através da densificação e transformação urbanas, do aumento das áreas habitacionais bem como da sua qualidade, de um transporte público mais eficiente e da criação de atraentes percursos de mobilidade suave. Nos últimos anos tem surgido um consenso na Noruega quanto à forma das cidades alcançarem a sustentabilidade. Mais precisamente, defende-se a teoria da *Compact City* onde as cidades deverão ser concentradas na mínima área possível, diminuindo o consumo de energia. Como a área se torna reduzida, considera-se que tem vantagens ecológicas, por exemplo, ao nível da promoção da mobilidade suave (Forsberg, 2016). Das várias cidades abrangidas pela presente estratégia de planeamento, 6 são consideradas cidade-região. Lillestrøm, assim como Ski e Asker, são encaradas como comunidades satélite.

Lillestrøm é o centro administrativo do município de Skedsmo e, portanto, rege-se segundo as suas diretrizes de planeamento. Partindo da estratégia nacional, Skedsmo traçou um plano para implementar os objetivos acima referidos e guiar a ação dos diferentes intervenientes. De acordo com o plano, qualquer intervenção tem que atender ao caráter do lugar, ou seja, o desenvolvimento deve ocorrer nos próprios termos das diferentes áreas, com ênfase na sua localização, identidade e potencial. As áreas não devem competir entre si, mas complementarem-se e unirem-se como um todo. O modelo de desenvolvimento está estruturado de forma globalizante, com a classificação das diferentes zonas, estrutura verde, coordenação entre usos do solo e transportes, entre outros. Numa visão social, destaca-se que as cidades são para todos, independentemente do grupo social, idade, cultura ou origem étnica (Skedsmo kommune, 2009). Mais concretamente, as metas definidas no plano são:

- Estabelecer uma estrutura urbana coerente. A construção em altura e a densificação devem acontecer junto aos principais pontos de transporte.
- Tornar-se um centro regional competitivo.
- Integrar recursos ambientais/naturais na estrutura urbana.
- A cidade para o homem.
- Criação de locais de reunião.
- Melhorar condições e acesso aos transportes públicos.
- A cultura e o conhecimento enquanto identidade do lugar.

Tomando como premissa um desenvolvimento policêntrico onde a pressão populacional é distribuída por diferentes localidades, principalmente aquelas associadas a pontos de transporte importantes, Lillestrøm torna-se uma das cidades essenciais à eficácia da estratégia. As razões são várias destacando-se a presença da terceira estação de transportes públicos mais frequentada da Noruega, a boa localização para os passageiros da ferrovia e do autocarro se fixarem ou a possibilidade de crescimento pela existência de terras. Estando em curso a densificação das áreas centrais, foram já

definidas outras áreas para expansão, nomeadamente, num eixo noroeste em direção a Kjeller, num outro a sudoeste em direção a Strømmen e, o terceiro, a sudeste em direção a Nesa.

Desde a ascensão de Lillestrøm a cidade, em 1998, coincidente com a inauguração de uma nova ferrovia, que a cidade se tornou no ponto central do eixo Oslo – Aeroporto de Oslo. Atualmente, a sua posição estratégica torna-a numa cidade importante no planeamento da região. A cidade tem atualmente 14000 habitantes e verifica um crescimento anual de aproximadamente 2% da população local. Este aumento pressiona o setor do planeamento urbano quer quanto à habitação, quer quanto aos serviços. Contudo, as localidades devem funcionar em complementaridade de modo a assegurar um desenvolvimento e crescimento sustentável da região.

3.4.2. Enquadramento

A paisagem em estudo tem uma identidade em muito marcada pelo clima e pela rede hidrográfica. O primeiro caracteriza-se por ser um clima báltico e, pela classificação de Köppen, um clima continental temperado a continental húmido. No que respeita a temperatura média, verificam-se temperaturas negativas entre Novembro e Março, sendo Janeiro o mês mais frio (-6,8°C) e Julho o mês mais quente (21,5°C). Quanto à precipitação, esta ocorre com maior frequência no Outono.

O relevo é tendencialmente plano e a rede hidrográfica é muito ramificada, densa e complexa. A limitar Lillestrøm encontra-se o Rio Nitelva que desagua no rio mais longo da Noruega, o Rio Glomma, e este no Mar do Norte. Com 37km de comprimento, 10 dos quais dentro da área administrativa de Skedsmo, começa meandrizado e estreito para depois se alargar e tornar mais propenso a enchentes. Devido às cheias que assolam recorrentemente a cidade foi criado um plano para lhe fazer face, um regulamento para a construção e um dique em torno da cidade que considera as cheias dos 100 anos. A este do aglomerado urbano, localiza-se a reserva natural que alberga o muito meandrizado Rio Leira. Quando este encontra o Nitelva, formam uma enseada chamada Gullhaugvika. A jusante, o rio segue para o lago Øyeren, a terceira maior área Ramsar⁶ do país, antes de alcançar o Glomma. Ao longo do seu percurso pode-se encontrar fauna local como os castores ou a garça-cinzenta. O impacto da rede hidrográfica na paisagem é de tal modo importante que faz parte da identidade do lugar. A população apropriou-se dele desde a antiguidade para poder tirar partido da sua riqueza. Além de ser um corredor ecológico importante, tem um papel fundamental para a história e cultura locais através dos seus usos. Além da pesca e dos desportos

⁶ Áreas ou sítios Ramsar são zonas húmidas definidas como sendo de importante conservação. A definição destas áreas surge da adoção da Convenção sobre Zonas Húmidas que, por sua vez, constitui um tratado intergovernamental, que teve lugar na cidade iraniana de Ramsar no ano de 1971.

náuticos, as margens têm várias funções que remontam, no caso de Lillestrøm, à origem do assentamento urbano. O uso do solo ao longo do Nitelva é complexo, caracterizado fundamentalmente pelas quintas que tiram partido dos nutrientes e da fertilidade das zonas ribeirinhas. Skedsmo produziu recentemente, inclusive, um plano acerca dos usos ao longo do rio que assegura um equilíbrio entre a natureza e as propriedades agrícolas bem como promove o recreio através de percursos pedestres junto às margens.

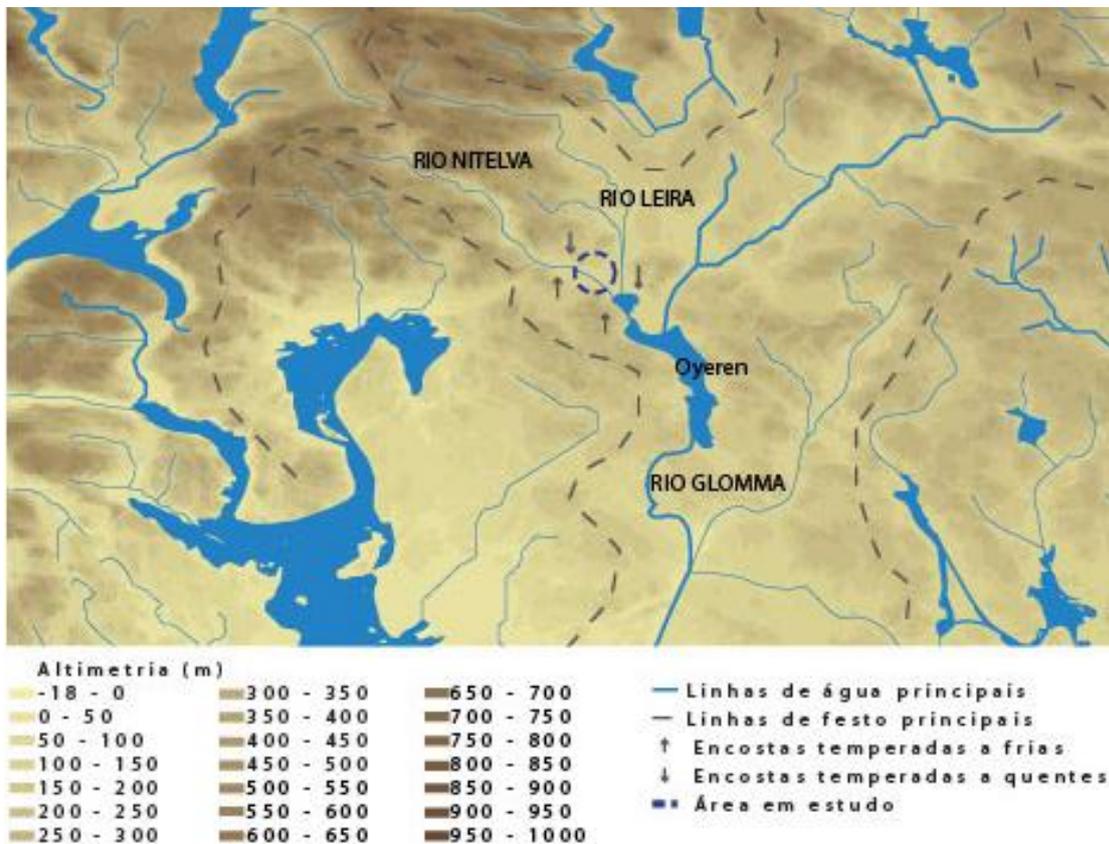


Figura 13: Síntese de Relevo. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

A cidade é limitada a sul pelo Rio Nitelva e a este pela reserva natural Sørumsneset, dois corredores ecológicos importantes. A reserva engloba o rio Leira, muito meandrizado e com lagos formados pelo processo evolutivo de simplificação dos meandros. Por ser uma zona húmida, é rica em fauna e flora. Tem um papel importante enquanto suporte para a avifauna e é caracterizada pela presença de patos e aves pernaltas. Sendo um espaço de conservação da vida animal e que prioriza os processos naturais, os acessos e usos são condicionados. Os acessos públicos são escassos,

evitando alguma perturbação ou contaminação, sendo que as estradas existentes são essencialmente para operações agrícolas dada a presença de algumas zonas cultivadas na reserva. Ainda assim, o desenvolvimento do turismo é possível se se atender às normas de conservação da reserva. Exemplo disso são os passeios de barco no verão. Entenda-se que, apesar de ter condições e oportunidades para se relacionar com a natureza envolvente, a comunidade tem hoje pouca relação com esta. A falta de ligação deve-se sobretudo aos condicionalismos de acesso à reserva, à perda de importância do rio enquanto recurso e fonte de rendimento ou, ainda, devido a uma migração progressiva para os centros urbanos. Neste sentido, há margem para equilibrar no futuro a conservação ecológica e a ligação da comunidade com o lugar.

Além destes corredores ecológicos, existem várias áreas de *silva*⁷ adjacentes ao corredor urbano que liga Oslo a Lillestrøm. A extensão contínua de terrenos incultos, ocupados por um tecido urbano ininterrupto, tem tendência a crescer no sentido norte e nordeste, devido ao crescimento populacional. O encaminhamento da expansão urbana para nordeste, faz com que a cidade deixe de ser a última zona urbanizada da faixa e passe a ser parte interior. Sendo que Sørumsneset limita a cidade a este, encontra-se ameaçada pela expansão urbana. Circunscrito entre corredores ecológicos, um corredor urbano e áreas agrícolas a norte, Lillestrøm é uma zona de transição e, como tal, é uma zona com potencial que pode usufruir, simultaneamente, das vantagens de ser uma zona urbana e se encontrar rodeado por elementos de elevado valor ecológico.

A vegetação local denomina-se boreal-nemoral e é caracterizada pela predominância de coníferas (taiga) com algumas espécies caducifólias. Denota-se a presença de carvalhos, faias, bétulas, larícios, abetos, ácer-da-Noruega, zimbros, pinheiros, viburnos e freixos.

⁷ Referente à tríade romana de uso do solo, as áreas de *Silva* são compostas, por exemplo, por matas, bosques ou florestas trabalhadas pelo homem.

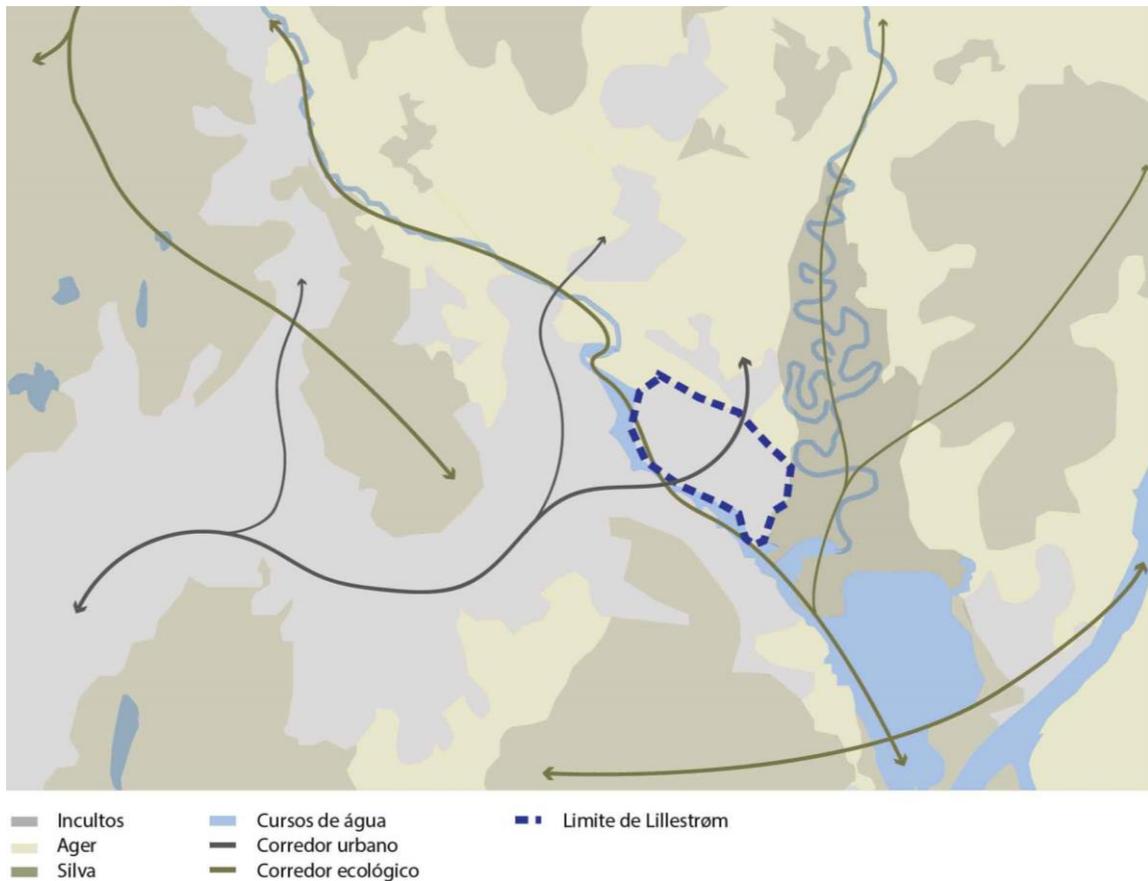


Figura 14: Uso do solo. Escala 1:2800000. Fonte: Equipa projetista.

A transição que se verifica no uso do solo traduz-se na definição de unidades de paisagem. A maior parte das áreas de *silva* estão associadas à unidade da Floresta de Østlandet, o corredor urbano está praticamente todo inserido na unidade do Fiorde de Østlandet e, por fim, a área de *ager* na unidade de Aluviossilos com assentamentos urbanos e campos agrícolas (Norsk institutt for bioøkonomi, 2017). Lillestrøm encontra-se na última unidade mas junto ao seu limite e, portanto, numa zona de transição entre unidades de paisagem. Transição volta a ser sinónimo de potencialidade.

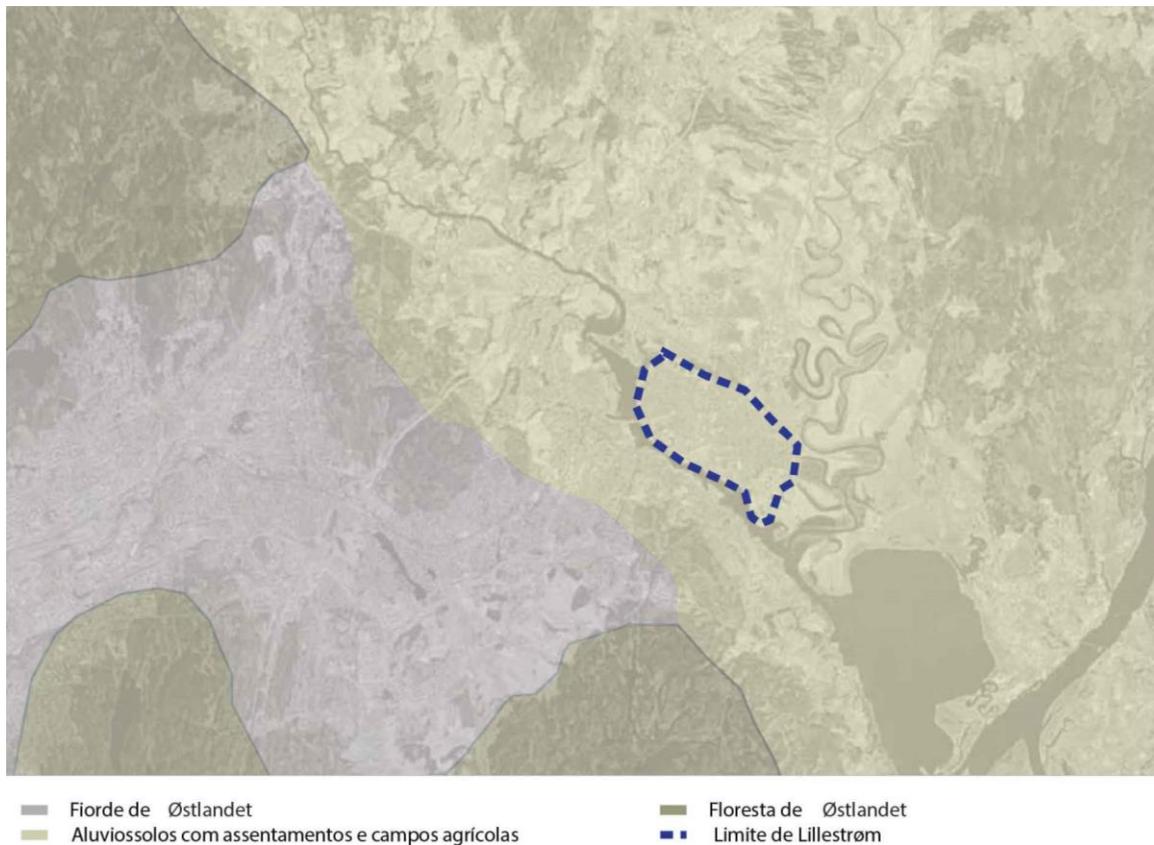


Figura 15: Unidades de paisagem. Escala 1:2800000. Fonte: Equipa projetista; Adaptado de Norsk institutt for bioøkonomi.

3.4.3. Enquadramento urbano

A cidade nasceu pela implantação da ferrovia e das serrações que encaminhavam a madeira do campo para a capital com os pressupostos de criar acessos às infraestruturas e de facilitar toda a logística comercial. Onde apenas existiam algumas quintas e pequenas propriedades, viu-se surgir, com a construção da ferrovia, uma zona urbanizada com alguma escala. Inicialmente, muitas serrações fixaram-se junto ao rio, no entanto, com o surgimento da máquina a vapor na indústria, para produção de materiais de construção, a cidade expandiu e alcançou os limites ainda hoje verificáveis. Apesar do território ser pantanoso, os valores de propriedade muito baixos justificavam a fixação desenvolvendo-se o aglomerado entre a ferrovia e a igreja. Originada pela indústria, enquanto a área urbana residencial aumentava, esta diminuía de tal modo que atualmente apenas existe um resquício – Nesa. Maioritariamente formada por serrações, Lillestrøm era conhecida como a “cidade da madeira”. No entanto, a economia era dinamizada também através de outras indústrias como a mecânica, química ou têxtil. O comércio e serviços surgiram apenas há 30 anos.

Em paralelo com a evolução do assentamento urbano, verificaram-se alterações das linhas de água. Conforme a área urbana aumentou, o Rio Nitelva foi ficando gradualmente mais estreito, devido à criação de aterros junto ao rio e à estabilização de margens, de forma a conquistar mais área para construção. Este foi o caso de Nesa, onde a fixação industrial retirou alguma área ao rio. No que respeita ao Rio Leira verifica-se igualmente um estreitamento e a simplificação dos meandros.

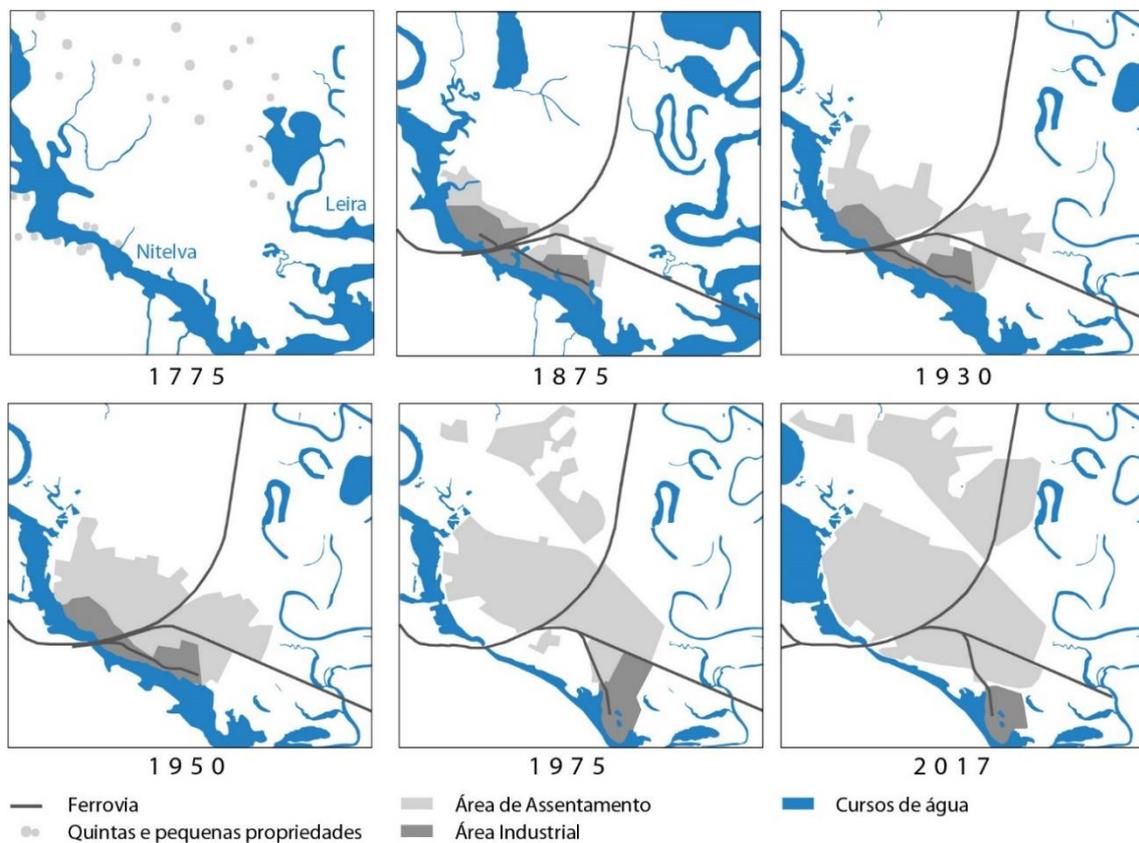


Figura 16: Evolução espacial entre 1775 e 2017. Sem Escala. Fonte: Adaptado do brief cedido pelo European14.

A paisagem urbana atual ainda remonta ao plano de 1947, que defendia uma estrutura urbana moderna baseada na criação de avenidas e na fundação de um novo centro urbano. Este é adjacente à ferrovia e divide a cidade sensivelmente a meio. Em seu redor, a área residencial absorve as restantes, caracterizando-se pelas moradias unifamiliares, cada uma com sua cor, associadas a um logradouro. Os prédios estão mais associados ao centro urbano. Nesa, enquanto último vestígio industrial, encontra-se remetido para o limite da cidade, necessitando de ligações com esta. No conjunto, a estrutura urbana carece de algumas ligações funcionais. Considerando o Plano de Desenvolvimento Urbano, nomeadamente no que ao zonamento diz respeito, as

grandes alterações consistem no aumento da zona habitacional e no preenchimento de vazios urbanos.

Com uma vida culturalmente ativa, a população dispõe de equipamentos como um centro cultural, cinema, teatro e várias galerias de arte. Tradicionalmente com gosto pelo desporto ao ar livre, a população desloca-se até às zonas rurais para fazer desporto de natureza. Ainda assim, a cidade tem um estádio de futebol, diversos campos desportivos, piscinas olímpicas ao ar livre e um campo de golfe. Alberga ainda outros equipamentos importantes como um aeroporto militar ou uma organização com objetivos de pesquisa e educação (“Kunnskapsbyen”) que engloba várias empresas com um papel importante na economia. Atualmente, o próprio setor industrial tem novas vertentes como o transporte, a construção, a mecânica ou as ciências e tecnologia.

Dentro da área estratégica definida pelo concurso e tendo em consideração o Plano de Desenvolvimento Urbano, podem ser distinguidas algumas zonas. A estação ferroviária e rodoviária, presentes lado a lado, adaptaram-se ao crescente número de passageiros depois da abertura do *Airport Express Train*, em 1998. Apesar de centrais na cidade, criam alguma divisão e, como forma de colmatar esse efeito, existe uma passagem inferior à ferrovia que liga o centro, norte e sul. Além disso existe uma ligação direta com a autoestrada Rv 159. A zona em torno da estação, por sua vez, está prestes a ser intervencionada. Com vista a um rápido desenvolvimento, está prevista a execução de vários projetos, sendo de destacar o projeto *Portelen* que engloba um hotel, escritórios e 144 apartamentos. A este encontra-se a Norway Trade Fair, um edifício de grandes dimensões, amplo, com um grande estacionamento na frente e, no fundo, com um grande impacto urbano. Sendo uma das principais atrações da cidade, o principal objetivo desta estrutura consiste em promover a indústria e o comércio norueguês. Enquanto espaço multifuncional, é usado para diferentes eventos, concertos, conferências ou a feira anual. Esta comemora a consagração da localidade em cidade, dura 4 dias e atrai um grande número de pessoas. Carecendo de uma integração na estrutura urbana, a direção está disposta a incluir o espaço na estratégia de desenvolvimento urbano. Por último, há que destacar a zona entre a Norway Trade Fair e Nesa Norte, ou seja, a Otto Olsen’s Plot ou, a também denominada, Nesgata 19. Esta zona será uma nova área residencial com prédios entre os 4 e 10 andares. O projeto planeia fazer a ligação entre uma zona urbana típica, densa e com prédios, e outra com moradias unifamiliares. Define quarteirões onde o edifício contorna um jardim interior, tem uma dinâmica vertical pela diferença de alturas e prevê coberturas ajardinadas. A intervenção tem o início previsto para 2018.

Quanto às estruturas essencialmente industriais que compõem o espaço de projeto, enumeram-se a *Life Technologies*, uma farmacêutica cuja atividade é direcionada para o tratamento de cancro, a *Tavlebygger’n / Berggård Amundsen* focada no equipamento elétrico, a *Maxbo* que comercializa materiais de construção, lavagem de carros, aluguer de contentores marítimos e, a que ocupa maior área e está em vista de ser transferida,

a Dynea. Esta é uma empresa conhecida no mercado, fabricando essencialmente aglutinantes de madeira.

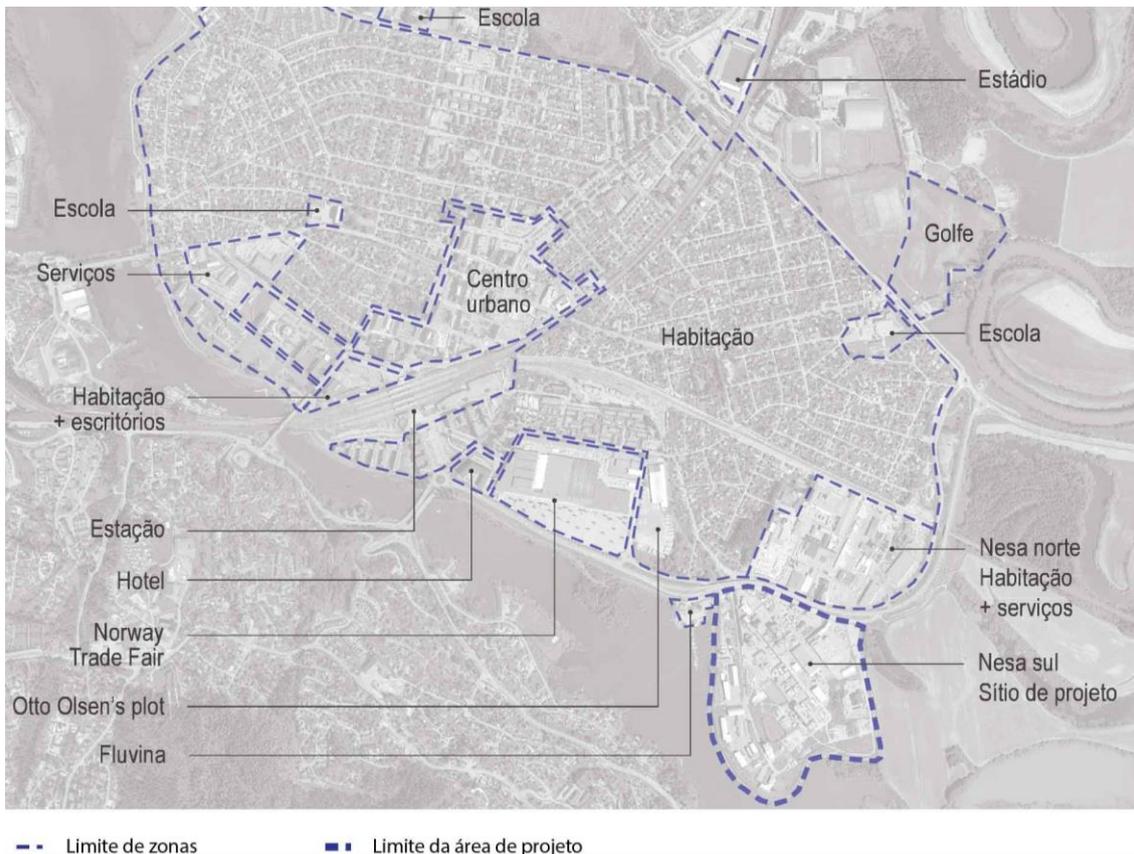


Figura 17: Zonamento (considera Plano de Desenvolvimento Urbano). Escala 1:490000. Fonte: Equipa projetista.

No que respeita ao sistema de percursos, este foi projetado inicialmente para carros, contudo, tem vindo a adaptar-se a formas de circulação mais sustentáveis, de tal modo que foi considerada a melhor cidade ciclável durante vários anos. A aposta nos transportes públicos e na mobilidade suave tornou-se uma das premissas do planeamento. Prova disso é o facto do Plano de Desenvolvimento Urbano propor uma via rápida para bicicletas ao longo da ferrovia bem como percursos pedestres na margem ribeirinha e em torno da cidade. Encontra-se sobre reflexão a instalação do metro. Os sistemas de circulação mais impactantes, como a ferrovia ou a rodovia, partem do centro da cidade e dispersam-se a partir daí. O próprio percurso dos autocarros funciona desse modo. A via mais relevante para a área em estudo é a autoestrada Rv 159, uma das artérias principais de Lillestrøm. Com duas faixas numa

única direção, tem troços sobrelevados que permitem conectar diferentes zonas da cidade. Ainda assim, atua como uma das principais barreiras entre o rio e a cidade, ou Nesa e o centro urbano. Considerando a rede no seu conjunto, o Plano de Transporte (Asplan viak, 2016) para 2050 verifica a necessidade de conectar as duas margens do rio com um ponto de ligação em Nesa, inclusive para integrar a cidade no desenvolvimento de Oslo que prevê uma rede integrada de transportes. Neste sentido, a ligação prevista com Strømmen acontece através de Nesa Sul.

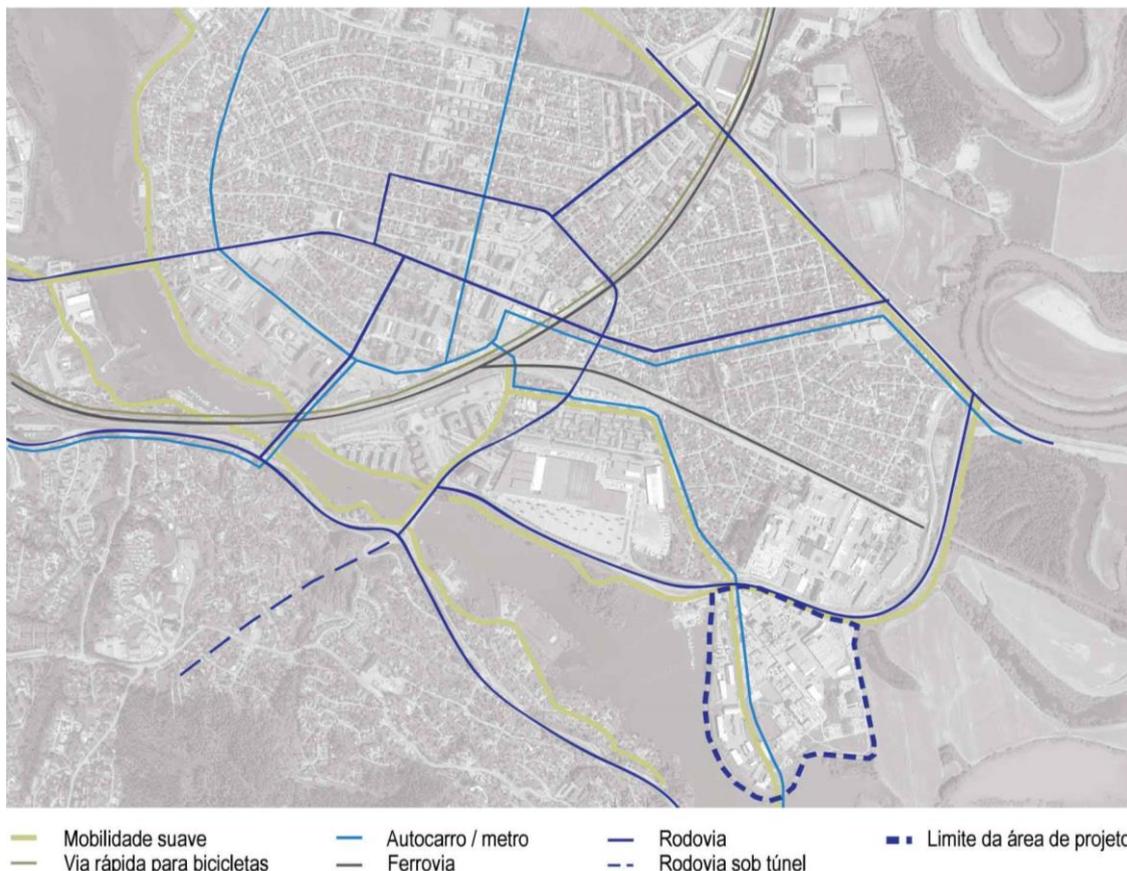


Figura 18: Sistema de Percursos (considera Plano de Desenvolvimento Urbano). Escala 1:490000. Fonte: Equipa projetista; Adaptado do brief cedido pelo Europan14.

Surgindo como uma grande área construída, a composição da cidade apresenta, ainda assim, algum cuidado quanto à estrutura ecológica. Relativamente consistente e em muito formada por logradouros, esta ainda carece de espaços abertos de maiores dimensões bem como de ligações com os corredores ecológicos principais (Rio Nitelva e reserva natural Sørumsneset). Acerca dos corredores existem em vigor planos de

proteção, o que salvaguarda a estrutura ecológica fundamental⁸. Ao nível da estrutura ecológica integrada, os espaços integrados na malha urbana que mais impacto têm são os logradouros e algumas faixas permeáveis junto às vias. Consideram-se em falta alguns corredores ecológicos secundários que unifiquem e estruturam uma rede. De referir que uma das grandes preocupações do município se refere às cheias que assolam a cidade todos os anos. A zona de projeto, Nesa sul, é uma das mais afetadas. Das cheias que datam 1927, há registos onde a zona alagada se estende até ao troço horizontal da ferrovia. Tendo sido originalmente uma zona de sapal e estando sobre aluviossilos, este acontecimento é natural mas, dada a construção da cidade, é um fenómeno que acarreta consequências para a população e, por isso, tem que ser gerido. Uma das medidas implementadas foi a construção de um dique em torno da cidade, cuja altura tem como base o nível das cheias dos 200 anos.



Figura 19: Estrutura Ecológica Urbana. Escala 1:490000. Fonte: Equipa projetista.

⁸ Não existindo conhecimento acerca da existência da figura da Estrutura Ecológica, ou equivalente, no planeamento norueguês, recorreu-se à terminologia e tipologias portuguesas para melhor compreender e projetar o lugar.

3.4.4. Breve enquadramento histórico

A construção da ferrovia em 1854 entre Kristiania e Eidsvold, que cruzava o Rio Nitelva na quinta Lille Strøm, em Raelinger, foi a primeira linha ferroviária do país. Esta construção permitiu a criação de emprego e o crescimento da população. Com o aglomerado a formar-se, este adotou o nome da quinta original, Lillestrøm. O emprego baseava-se essencialmente nas serrações que se foram criando junto à ferrovia para facilitar o escoamento do material e junto à linha de água para facilitar o transporte. A madeira vinha das florestas do leste da Noruega e fluía pelo Glomma para vir ser cortada e trabalhada em Lillestrøm. Em meados do século XIX, o tráfego de navios a vapor era grande e a sua função principal era arrastar a madeira até à cidade. Além desta, o transporte de outros bens também era importante. Mais tarde, quando o transporte de passageiros aumentou, as viagens de domingo para Sandstangen, no sul, tornaram-se populares. Os barcos mais conhecidos tinham nomes como “strømmen” (o poder).

Em 1877, a localidade tornou-se parte do município de Skedsmo e, com isso, a área foi regulamentada. Inclusive, aproximadamente 20 anos depois, foram atribuídos endereços com número das casas. Em 1908, sai da alçada de Skedsmo e torna-se o seu próprio município. Passados 3 anos, a chegada da eletricidade dá origem a um crescimento urbano. Em 1962, o município volta a unir-se a Skedsmo e a mais localidades para formarem o grupo atual. No final do século XX obtém, finalmente, o título de cidade.

Em paralelo a algumas construções de interesse patrimonial, surgem as escolas. A primeira foi criada em 1862 e era uma chamada “escola de utilidade”, ou seja, as serrações eram obrigadas a construir a escola para os filhos dos funcionários. A seguinte escola a ser construída, 4 anos depois, foi uma escola secundária que, mais tarde, foi demolida. A primeira escola municipal corresponde à terceira a ser construída e é hoje conhecida como a “escola velha”. A cidade consagrou-se cidade de conhecimento com a instalação do colégio universitário de Kjeller e Akershus.

3.5. Proposta

(Sugere-se o acompanhamento da leitura com o plano geral do sítio estratégico e plano geral do sítio de projeto – em anexo)

3.5.1. Conceito geral

Alcançar um conceito de projeto que integre o tema “cidades produtivas” requer alguma reflexão *à priori*. O sistema produtivo de uma cidade baseia-se em dinâmicas sociais,

ambientais e económicas. A sua resiliência, por sua vez, depende da complexidade, diversidade e consistência dessas dinâmicas ou interações. Lillestrøm nasceu e evoluiu de um conjunto de fatores propícios à instalação de funções produtivas. Atualmente, porém, Nesa é o único pólo restante desta atividade e, apesar do potencial, encontra-se sujeita a desaparecer pela posição periférica e desconectada quanto à restante cidade. Carecendo de ligações às demais áreas urbanas, as dinâmicas não alcançam Nesa de modo a poder usufruir ou contribuir para elas. Melhorando as conexões, promove-se a criação de uma rede produtiva ao invés de um espaço produtivo isolado. Consequentemente, dirigimo-nos para uma cidade produtiva. Esta rede pode ser formada por corredores com funções de conexão, proteção, produção e recreio, materializando-se sob a forma de, por exemplo, uma estrutura ecológica ou um sistema de percursos. Promover dinâmicas entre o espaço de projeto e a restante cidade potencia tanto o caráter produtivo local como o urbano. A conectividade torna-se o ponto de partida para alcançar a produtividade.

O lugar em estudo tem um grande potencial dada a sua posição. Diga-se, os espaços de transição, ou orlas, são os mais ricos e, por isso, aqueles que mais potencial produtivo têm. Nesa é o ponto-chave dessa transição espacial, ao ligar o rio, a reserva natural, a indústria e a cidade. Assim, a proposta baseia-se em preservar a sua identidade produtiva, não só através do programa, mas também através da gestão da sua situação ecológica. Partindo dos corredores ecológicos principais, as dinâmicas ecológicas são levadas para dentro do espaço de projeto, do espaço estratégico e, por fim, para toda a cidade. O intuito é criar uma rede produtiva sustentável que tenha origem em Nesa mas disperse por todo o aglomerado. A multifuncionalidade, a diversidade e a identidade serão os pilares da produtividade e, nesse sentido, serão pilares da proposta.

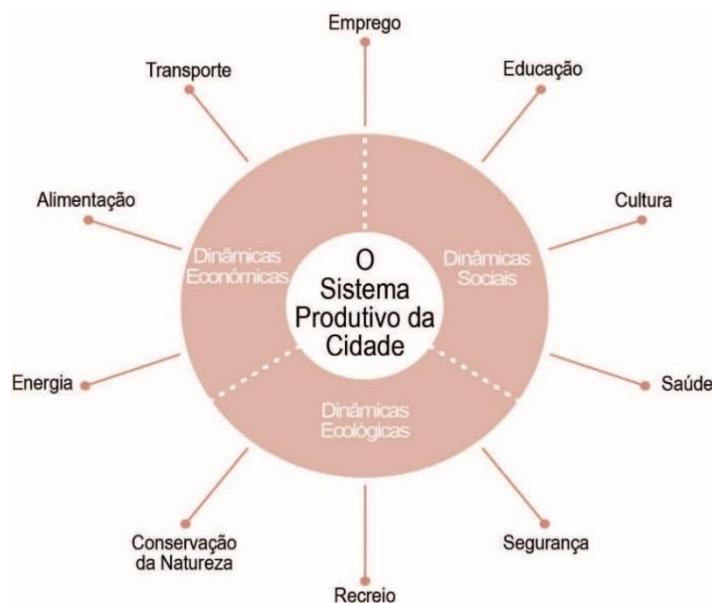


Figura 20: O sistema produtivo da cidade. Fonte: Equipa projetista.

Os vários sistemas do sistema “cidade” vão se interligar, complementar e suportar mutuamente. Partindo dos corredores ecológicos principais, Nitelva e Sørumsneset, é criado um corredor secundário que abraça Nesa e se desenvolve no seu interior. Por sua vez, o sistema urbano consolidado passa pelo corredor e prolonga-se no sítio de projeto. Ao mesmo tempo, a relação do espaço com o elemento água é potenciado pela criação de uma extensão, ou braço, do rio para dentro de Nesa que rompe a malha urbana. O conceito “Slow Stream” (“ribeiro lento”) nasce, portanto, da importância da água e do rio na identidade do lugar bem como da vontade de criar uma situação urbana denominada por “slow city”, ou seja, uma cidade onde o sistema de circulação promove a mobilidade suave. Lillestrøm deriva, como mencionado anteriormente, do nome da fazenda local Lille Strøm que, por sua vez, significa pequeno ribeiro. Através de um jogo de palavras, alcança-se um conceito que engloba as premissas do projeto, nomeadamente, a identidade, a integração de uma parte no todo, a conectividade ou a multifuncionalidade.

SLØW STREAM

Figura 21: Conceito geral - Slow Stream. Fonte: Equipa projetista.



Figura 22: Conceito geral. Dinâmica espacial de Nesa com integração no contexto. Fonte: Equipa projetista.

3.5.2. Sítio estratégico

A estrutura ecológica proposta foi traçada a partir dos corredores ecológicos principais. A Reserva Natural de Sørumsneset encontra-se ameaçada devido à expansão urbana e, nesse sentido, propõe-se uma orla de proteção ao longo do seu limite que irá funcionar como tampão e conter essa mesma expansão. No que respeita ao Rio Nitelva, este atua como o suporte da rede produtiva da cidade e, como tal, tem um papel preponderante nas dinâmicas ecológicas, económicas e sociais. Tanto este como o próprio elemento *água* tornam-se fundamentais para o desenvolvimento da proposta. Uma das decisões projetuais mais marcantes consiste na reintrodução do sistema ecológico de sapal. Como foi verificado na análise, a cidade encontra-se sobre aluviossilos e, originalmente, contava com a presença de grandes zonas de sapal. Com a construção da cidade foram ocupadas estas zonas e o sapal desapareceu. Assim, propõe-se um retorno à identidade ecológica do lugar e, com isso, diminuir a velocidade do rio, prevenir cheias, regular o ciclo da água e aumentar a biodiversidade. Como a cidade se apropriou do rio, as antigas zonas de sapal estão hoje urbanizadas. Por esse motivo, o limite de sapal traçado considerou a área onde se observa atualmente uma forma muito primária deste sistema rico. Através da sua reintrodução haverá uma ligação mais forte entre o rio e a reserva natural.

Apostando na multifuncionalidade como modo de alcançar a produtividade, o sapal é encarado não só como um importante espaço ecológico, mas também como um espaço recreativo capaz de contribuir para a economia e a sociedade. Nesse contexto, propõe-se um parque ao longo da margem ribeirinha que tira partido da presença do sapal. Ao contornar a cidade, atua como uma ligação estruturante entre os seus extremos e o centro urbano. A inexistência de um grande espaço aberto de recreio justifica a sua criação, além de que irá abranger tanto a população de Lillestrøm como a das localidades mais próximas. Ao encontrar Nesa Sul, o parque e o corredor verde que este representa abraçam-na para depois irem encontrar Sørumsneset. Em toda a sua extensão, são desenhadas zonas de mata ou de clareira conforme a função atribuída. Enquanto as zonas densas são criadas mais perto da estrada para criar uma barreira de proteção, as clareiras posicionam-se de modo a potenciar vistas sobre o rio ou sobre áreas de recreio informal. Num contexto de clima nórdico, frio, a presença de vegetação arbórea tem que ser equilibrada de modo a permitir às pessoas usufruírem dos raios de sol. De referir que é promovida vegetação autóctone conforme a sua situação ecológica.

No interior do tecido urbano, promovem-se áreas abertas permeáveis e multifuncionais que, ao comporem espaços inclusivos e geradores de oportunidades, são importantes no planeamento de um bairro ou cidade produtivos. Combinando funções recreativas e ecológicas aumentam a infiltração de água e as amenidades climáticas, ao mesmo tempo que servem de apoio a várias atividades ao ar livre (feiras, festivais, encontros, entre outros). As praças criadas junto à Norway Trade Fair e ao centro de Nesa Norte integram esta visão e funcionam como zonas de frescura e polos dinâmicos. O mesmo

acontece na intervenção ao nível dos corredores ecológicos que incluem percursos pedestres. Estes, dispersam-se pela cidade integrando várias tipologias espaciais como arruamentos, logradouros, jardins, o parque ou faixas de proteção contra as vias. As faixas propostas referem-se, mais concretamente, à Rv 159 e à ferrovia. Nos arruamentos, são propostas tipologias já existentes na cidade para uma maior uniformização, ou seja, são criadas faixas plantadas e arborizadas entre a estrada e o passeio. No que respeita à Norway Trade Fair, propõe-se uma forte arborização do estacionamento, trazendo frescura para esta grande área pavimentada e contribuindo para uma maior conectividade ecológica. O estacionamento, contudo, é preservado devido à necessidade desta infraestrutura no setor da cidade em questão.

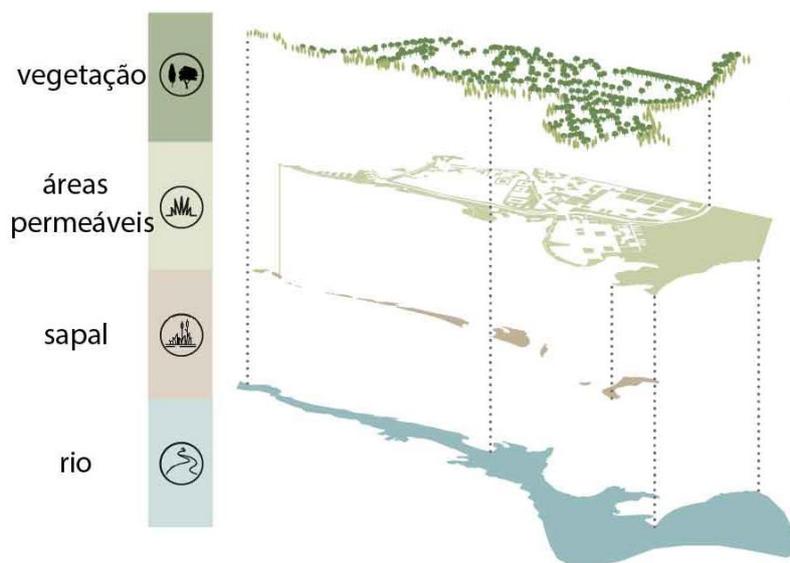


Figura 23: Estrutura Ecológica proposta. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

Com caráter simbólico, além do puramente utilitário, sendo parte da sua identidade e facilitando o acesso à capital, a ferrovia é uma infraestrutura importante para a cidade. A uma escala urbana, como forma de complementar o sistema de percursos existente e melhorando a rede de transportes públicos, cria-se uma nova linha de metro que une o centro a Nesa e a Strømmen. Esta intervenção é fundamental para criar dinâmicas entre os três pontos. No que respeita à rede viária, a estrutura existente integra o conceito de *slow city*, ou seja, uma cidade feita à escala humana, que preserva o seu património e identidade, que promove espaços coletivos inclusivos, que abraça o comércio tradicional, a calma, menos trânsito e barulho (Slow Movement Portugal ONG, 2014). Neste sentido, o objetivo é dar prioridade aos transportes públicos e à mobilidade suave em detrimento de uma rede viária já consistente. Contudo, propõe-se que na

mesma ponte por onde passará o metro, seja introduzido um percurso viário de modo a aumentar as dinâmicas urbanas e, conseqüentemente, potenciar a produtividade. Esta estrutura além de melhorar a mobilidade, funcionará como miradouro sobre a enseada Gullhaugvika e, portanto, promoverá o contacto da população com a paisagem.

A rede de mobilidade suave, por sua vez, é a rede de percursos mais complexa. Integrada na estrutura ecológica, esta rede tenta unificar todas as zonas urbanas e permitir uma mobilidade fácil em todas as direções. Assim, aos percursos existentes somam-se, principalmente, aqueles que integram o parque proposto. Com um desenho sinuoso, os percursos deambulam entre as entradas no espaço, ligando-as a pontos estratégicos de união com a restante malha urbana. Em toda a sua extensão vão surgindo áreas de estadia afastadas do percurso principal, intimistas, que variam de ambiência conforme se posicionam sobre o rio, o sapal ou a terra firme. Permitem usos diversos quer seja para lazer, pesca (prática muito comum no país) ou enquanto observatório. Como forma de superar os limites físicos impostos, a estrada e o rio, são propostas duas pontes. Uma une o parque à Norway Trade Fair e daqui, seguindo os percursos pedestres, é possível aceder ao centro. No seu extremo norte forma-se uma praça ou zona de receção que irá ser o local de união e transição entre a cidade, a Norway Trade Fair e o parque. A outra ponte liga o parque à margem sul do Nitelva. Uma vez que esta grande zona de recreio tem capacidade para abranger outra população que não apenas a de Lillestrøm, faz sentido permitir o acesso pedonal. As vistas sobre o rio aquando de um passeio sobre a ponte, onde a distância entre os elementos naturais e as pessoas é pequena, permite uma forte conexão entre estas e a natureza. O intuito é o de criar acessibilidades e, simultaneamente, criar um observatório da paisagem. No extremo da ponte, em Strømmen, o percurso abre-se numa espaçosa e multifuncional área de receção. No sentido este/oeste, a conectividade processa-se pelo prolongamento dos percursos do parque. Estes unem o perímetro sul da cidade até Nesa, continuam depois entre os seus meandros e voltam a sair em direção à reserva. Para poderem deambular sobre o sapal, os percursos são sobre-elevados e, assim, o impacto ecológico é baixo. Ao longo da reserva, principalmente, é prioritário salvaguardar as condições ecológicas e, por isso, as zonas de estadia deixam de estar afastadas do circuito principal, tendo menos impacto. No entanto, a implementação da estrutura é importante para permitir o acesso e o contacto da população a este espaço que, estando tão próximo, encontra-se longe pela inacessibilidade. O objetivo é criar uma rota dentro de Sørumsneset que permita à população conhecer o património natural e, como tal, viver a paisagem. No fundo, a rede de mobilidade suave proposta intenta promover a continuidade, a conectividade e a unidade, respeitando o carácter do lugar.

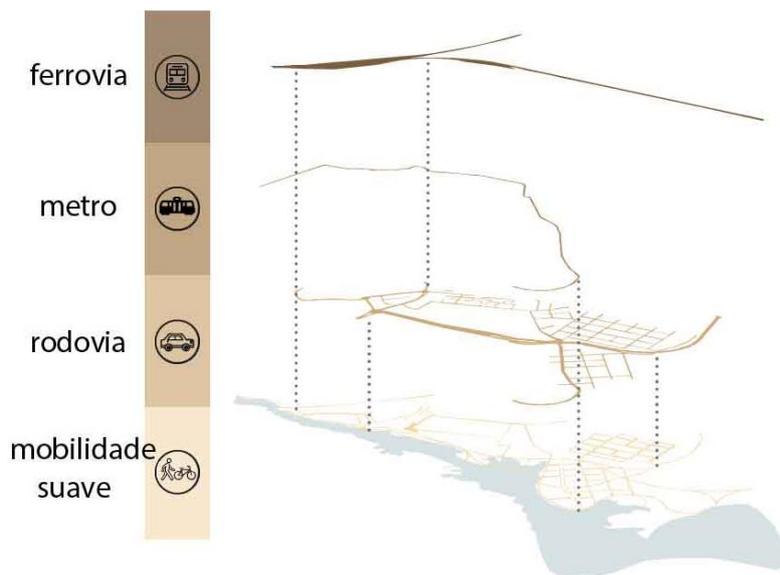


Figura 24: Sistema de Percursos proposto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

Complementar à estrutura ecológica ou ao sistema de percursos, o programa, ou estrutura cultural proposta, irá ter muita influência na eficácia da proposta, nomeadamente quanto à produtividade. Assim, o programa foi planeado para fazer face às necessidades da população, ter em consideração a identidade do lugar e tirar partido da multifuncionalidade. Maioritariamente, a habitação proposta localiza-se em Nesa e encontra-se misturada com outros usos. O princípio é que quanto maior a heterogeneidade de usos, menor a setorização da cidade e, portanto, mais interações, mais dinâmicas, mais produtividade. Com uma criação de 65000m² residenciais, Nesa terá um papel preponderante na solução, ainda que parcial, das necessidades de habitação. Nesa Norte surge como zona de transição entre moradias unifamiliares e edifícios maiores, com diferentes usos. Neste contexto, a habitação criada nesta zona ainda apresenta moradias semelhantes àquelas da envolvente, preservando uma área permeável no centro dos quarteirões. A sul, mais próximo do sítio de projeto, os edifícios tornam-se maiores e englobam áreas para escritórios ou serviços. Ao centro, na praça, surge uma complementaridade entre comércio e recreio que dinamizará o espaço. Salienta-se, por exemplo, a presença de um café, um quiosque e um ATL. No corredor ecológico a oeste, foi preservado um campo desportivo pré-existente.

Quanto ao programa proposto para o parque, é maioritariamente composto por programas socioculturais. Promovendo o lazer, a cultura e a interação social, são dedicados à comunidade. Numa zona intermédia do parque, entre o sítio de projeto e o centro urbano, posiciona-se uma cafeteria com vista para o rio. Outra cafeteria encontra-se na zona de receção em Strømmen. Pelas suas posições, tornam-se chamariz que conduzem as pessoas para o parque. Mais perto de Nesa, é proposto um

parque infantil lúdico que tem a água como temática e, assim, apela ao contacto com um elemento importante no carácter da cidade. Numa zona adjacente, integrado na topografia natural, surge um anfiteatro informal cuja forma é baseada na proporção áurea de Fibonacci. Com capacidade para suportar diversos usos, e contando com o sapal como cenário de fundo, é um espaço atrativo para realizar eventos que, inclusive, poderão funcionar em conjunto com a Norway Trade Fair. Quanto à fluvina pré-existente, foi reabilitada com vista ter uma melhor organização e integrar o desenho de projeto. Ao mesmo tempo, propõe-se a construção de uma estrutura de apoio que atue simultaneamente como bar. Atualmente existe um bar no mesmo local e, portanto, seria repensá-lo para dinamizar o parque e atrair mais pessoas.

No que respeita à indústria, esta localiza-se na zona mais a oeste de Nesa Sul. A proposta baseia-se numa requalificação que unifique a sua imagem com a do restante espaço. Atente-se ao subcapítulo seguinte.

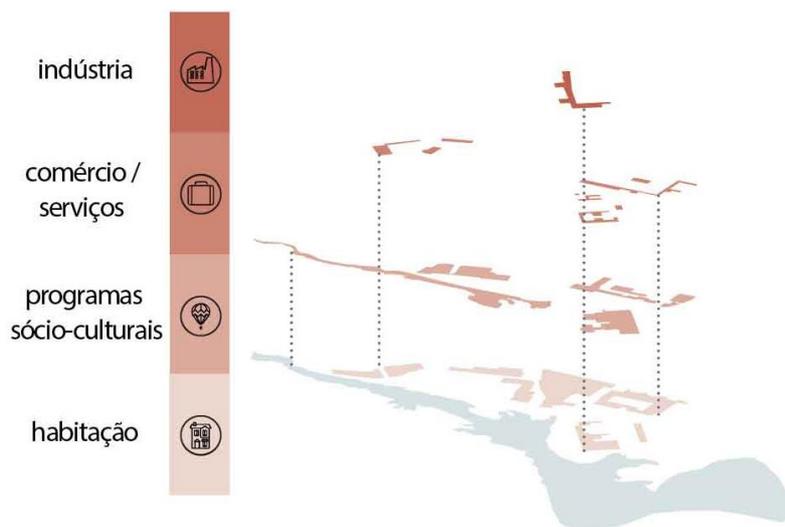


Figura 25: Estrutura cultural / programa proposto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.



Figura 26: Vista a partir do percurso ribeirinho de Nesa em direção ao parque. Indústrias rehabilitadas à direita com torre da Dynea por trás. Fonte: Equipa projetista.

3.5.3. Sítio de projeto

A proposta prevê que Nesa venha a ser consolidada dentro de corredores ecológicos. A este pela orla de proteção da reserva natural, a sul e a oeste por uma zona permeável com vegetação de sistemas húmidos que previne e protege contra as cheias e, por fim, a norte por uma barreira de proteção contra o vento, a poluição e o ruído proveniente da estrada principal. Ao centro, um corredor ecológico rompe a malha urbana e leva um percurso do parque para dentro do espaço de projeto. Este é flanqueado por elementos de água que simbolizam um troço de rio que trouxe fertilidade ao assentamento. A este, o corredor alarga-se e permite a criação de um grande plano de água que se traduz numa zona de frescura e de recreio dentro do tecido edificado. A partir deste espaço, as vistas para sul foram preservadas de maneira a possibilitar um contacto visual com o rio. A estrutura ecológica é complementada pela arborização dos arruamentos e pela introdução de praças. Estas têm aberturas físicas ou visuais umas para as outras de modo a promover a interação entre diferentes áreas. Quanto mais interações, mais dinâmica, mais produtividade.

No que respeita ao sistema de percursos, a matriz é dada pela rede viária. O seu traçado foi definido segundo uma rotação do padrão dos quarteirões existentes. A rotação permite voltar as ruas para sudeste com uma exposição solar mais favorável. A via principal corresponde à original, preservando um traço da espacialidade atual. As três entradas no espaço são ditadas pelas sobrelevações da Rv159. Algumas vias secundárias são de sentido único para reduzir o tráfego. Quanto aos percursos de mobilidade suave, estes são sinuosos, integram a estrutura ecológica e rompem com o tecido urbano. Ao contrário do que normalmente acontece, a retilinearidade urbana subjuga-se à mobilidade suave. Como mencionado anteriormente, existe uma continuidade entre o parque ribeirinho, Nesa e Sørumsneset. O parque conecta com o

sítio de projeto a norte, podendo encaminhar as pessoas para Nesa Norte em dois pontos ou conduzir para a reserva natural passando no grande lago. A outra ligação com o parque acontece ao centro através de uma ponte. Este percurso central conecta com a maioria dos percursos pedonais secundários, os passeios, e encaminha-se para Nesa Norte. Este é o percurso que mais contacto tem com o elemento água e que mais interage com as restantes estruturas urbanas. Nesse sentido, é aquele com mais atividade e dinamismo. Por fim, existe um percurso que contorna Nesa a oeste e a sul, ao longo da margem do rio. Se de um lado contacta com este grande elemento natural, do outro é confinado por um cômodo de proteção contra as cheias e, portanto, surge um caminho mais recatado face à urbanidade. Este percurso encaminha-se para a reserva e conta com duas zonas de estadia intimistas a sul.

A transição urbana, com início em Nesa Norte, desenvolve-se em direção a sul. A altura dos edifícios aumenta até ao limite norte da Nesa Sul e diminui daí em diante. Assim, respeitam-se as áreas com maior capacidade de carga, cria-se um efeito de cunha contra os ventos dominantes e assegura-se que todos os edifícios tenham exposição solar.

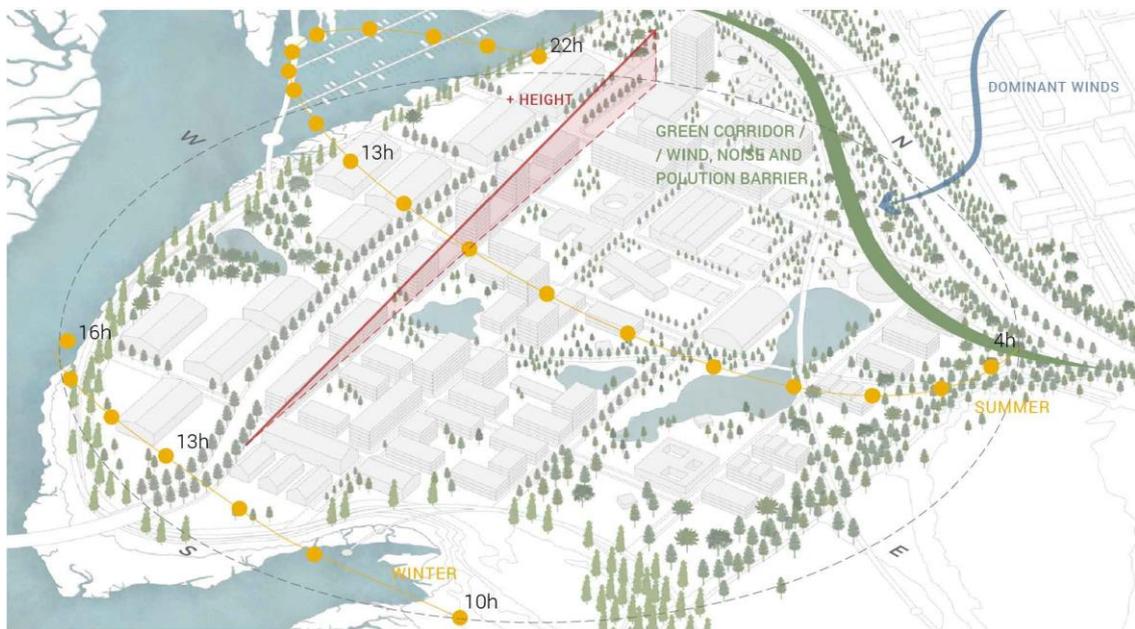


Figura 27: Exposição de Nesa ao vento e ao sol. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

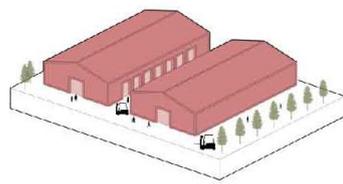
O programa proposto intenta, com a conjugação de preocupações ecológicas, económicas e sociais, fazer face às necessidades da população, criar boas condições de vida e promover a produtividade. A reunião de vários usos públicos, privados e

comunitários no mesmo espaço é uma forma de alcançar tais objetivos. A habitação, por exemplo, é uma grande necessidade na cidade, contudo, a situação ecológica de Nesa não tem capacidade de carga para acomodar grandes edifícios. Apesar de haver diversidade arquitetónica, o prédio residencial médio terá quatro andares com um piso térreo permeável, multifuncional e com áreas de reunião ao centro. Os edifícios criam uma praça interior, recatada, com ligações físicas e visuais para o bairro e o rio. Quando os quarteirões englobam um dos lagos, o piso térreo tem comércio que se vê valorizado pela atratividade destas zonas. A faixa construída, mais a este, compõe a última faixa urbanizável antes de Sørumsneset. Esta, em conjunto com a orla de proteção, impede o desenvolvimento urbano. Quanto às áreas comerciais ou de serviços, encontram-se por todo o bairro com maior incidência junto à entrada principal, no centro de negócios, de modo a assegurar uma continuidade funcional relativamente a Nesa Norte. Estas estruturas são a base das atividades quotidianas e significam o aumento do emprego ou o acesso a serviços públicos. Entre escritórios, lojas e serviços públicos generalizadas, destacam-se algumas estruturas do programa proposto. A *Dynea Tower* funciona como um marco identitário à entrada do bairro. Removidas as antigas instalações industriais, propõe-se a construção de um edifício azul em memória de uma torre azul que existia no mesmo lugar. A torre irá comportar escritórios e, funcionalmente, estará presente no centro de negócios. O último piso foi projetado para ser um miradouro com vista sobre a cidade, o parque, o rio e a enseada. Será o ponto mais alto de Lillestrøm e, portanto, aquele que visualmente permite um maior contacto entre a população e a paisagem. Localizado na mesma área, a paragem de metro e parque de bicicletas assegura uma dispersão fácil dos utilizadores em qualquer direção. Esta infraestrutura impulsiona a produtividade ao promover dinâmicas urbanas, a mobilidade e a ligação com o resto da cidade. Um outro serviço considerado de extrema importância para a qualidade de vida da nova comunidade é a escola. Aqui dá-se destaque à educação, à criatividade, à oportunidade de explorar e à vontade de conhecer o contexto em que nos inserimos. A educação deverá ser holística e inclusiva, origem e futuro de uma cidade produtiva. Em termos de comércio, destaca-se o mercado. Localizado na grande área de recreio central de Nesa, pretende estimular a economia local, incentivar a troca de experiências e tornar a comunidade mais consciente e envolvida com o espaço onde habita. O comércio de produtos locais previsto vai desde a comida, a artesanato ou a produtos vários provenientes dos espaços comunitários do bairro, oficinas e estufas.

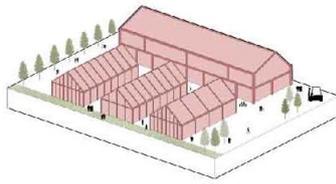
Os programas socioculturais são diversos. O centro comunitário é o ator fundamental para tornar os habitantes numa comunidade. Através da realização de atividades ou pela assistência em assuntos de carácter social ou referentes ao bairro, o centro surge como o coração de Nesa. Por outro lado, o centro interpretativo também requer ser destacado. Sendo o espaço uma zona de transição, faz sentido marcar o ponto de encontro com uma estrutura que permita uma conexão entre a paisagem e a comunidade, que traduza a linguagem natural para uma linguagem que a comunidade perceba e tome como sua. Através da educação ambiental pode-se dar a conhecer o

património natural. Em torno do conhecimento são propostos outros programas como é o caso do centro cultural que promove atividades educativas e culturais. A biblioteca funciona como centro intelectual e permite realizar várias atividades como estudar, fazer programas literários e musicais, encontros ou outros eventos mais direcionados à comunidade juvenil. Com o intuito de promover a atividade física, é proposta uma área desportiva junto à entrada principal de modo a ser utilizada por toda a cidade e não só pela população de Nesa. Consiste numa infraestrutura pública, inclusiva, multigeracional e feita para a comunidade. O pavilhão desportivo, por sua vez, é uma estrutura pública, maioritariamente coberta, para atividades desportivas, recreio e educação física. Destinado às faixas etárias mais jovens, é proposto um parque infantil junto ao centro comunitário. Contam-se ainda cafetarias, um quiosque, uma casa de chá e uma galeria de arte.

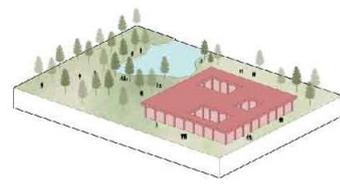
No que se refere à indústria, os 15000m² passam a localizar-se unicamente a oeste no sítio de projeto, conforme definido pelo programa. Propõe-se que os edifícios antigos sejam substituídos por outros o mais afastado possível do rio devido às cheias e à fragilidade das margens ribeirinhas. Além de estarem adaptados à sua situação ecológica, os edifícios deverão estar integrados na nova realidade urbana e serão construídos em madeira local para refletirem a identidade de Lillestrøm. A nova zona industrial é composta por blocos integrados, coerentes e apelativos, cercados por vegetação autóctone. A estas construções, somam-se o centro de transformação (de alimentos ou matérias-primas), as oficinas e as estufas, todas elas estruturas comunitárias. Por requererem uma grande exposição solar, as estufas ocupam a posição mais a sul. Equipadas e coletivas, têm condições para que a comunidade possa produzir alimentos para venda ou consumo próprio. A proposta destas estruturas visa criar oportunidades para novos negócios, promover a interação social dentro da comunidade e contribuir para a visão de cidade produtiva.



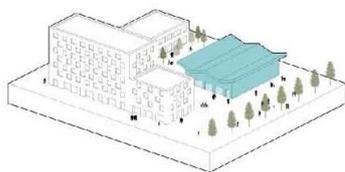
EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS
Dinâmicas sociais e económicas



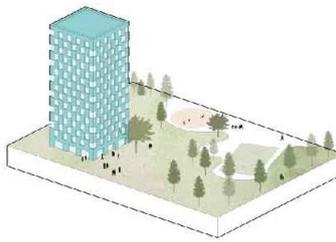
ESTUFAS COLETIVAS E
CENTRO DE TRANSFORMAÇÃO
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



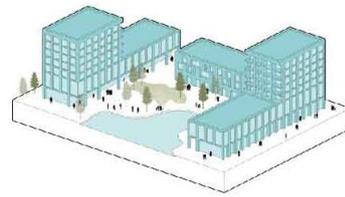
CENTRO INTERPRETATIVO DE
SØRUMSNESET
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



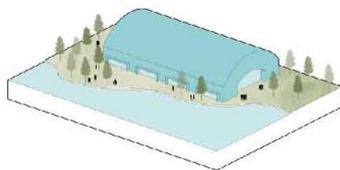
ESTAÇÃO DE METRO
ESTACIONAMENTO DE BICICLETAS
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



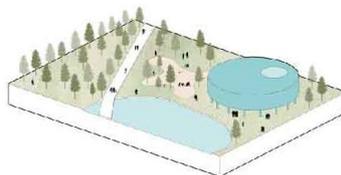
DYNEA TOWER
Dinâmicas económicas e sociais



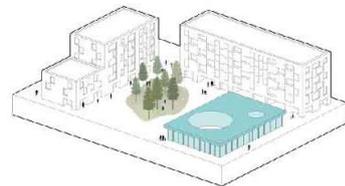
ELEMENTO DE ÁGUA DENTRO DO
QUARTEIRÃO RESIDENCIAL
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



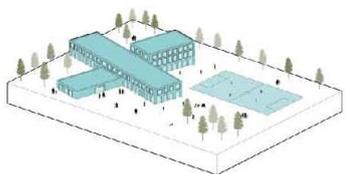
MERCADO DE PROXIMIDADE
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



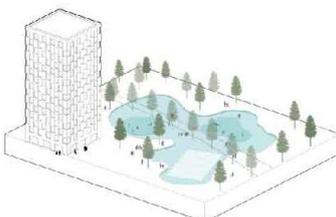
CENTRO COMUNITÁRIO
Dinâmicas sociais



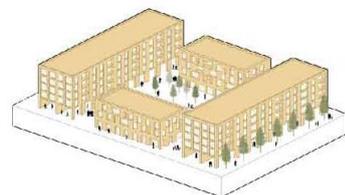
BIBLIOTECA - CENTRO
RECREATIVO, CULTURAL E
EDUCATIVO
Dinâmicas sociais



ESCOLA PRIMÁRIA E
SECUNDÁRIA
Dinâmicas sociais



ÁREA DESPORTIVA
Dinâmicas sociais



QUARTEIRÃO RESIDENCIAL
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais

Figura 28: Programa do sítio de projeto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.



Figura 29: *Ambiência de uma rua de Nesa com Dynea Tower ao fundo. Fonte: Equipa projetista.*

3.5.4. Implantação faseada do projeto

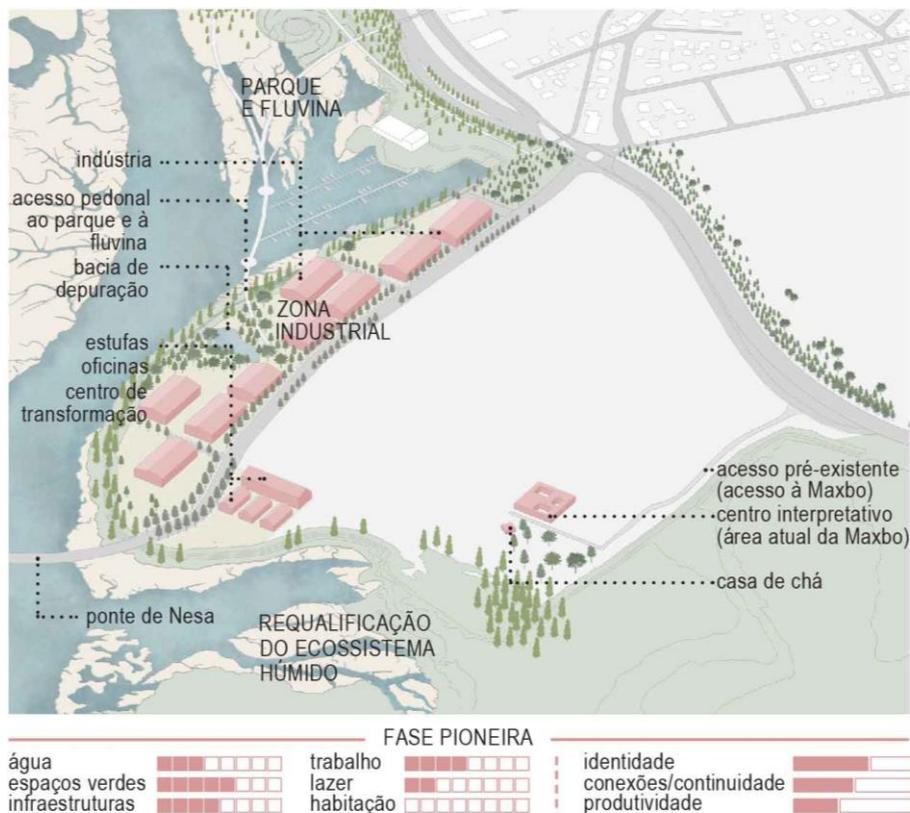
Com vista a um assentamento sustentável da comunidade, o plano foi dividido em três etapas de implantação. A estas foram atribuídos nomes comumente utilizados na ecologia visando transparecer a importância que os sistemas naturais têm nesta proposta.

A primeira fase, fase pioneira, consiste na criação de condições para um assentamento futuro produtivo e capaz de atrair população. A um nível ecológico salienta-se a prevenção contra cheias através da recuperação dos ecossistemas das zonas húmidas, da naturalização das margens e da regulação do ciclo da água. Os principais corredores ecológicos são formalizados para integrar e criar continuidade ecológica e, simultaneamente, é construído um dos lagos de depuração. Quanto às infraestruturas, são implementadas as mais importantes. Nomeadamente, estradas, linha de metro e rotas pedestres para uma ligação e unificação com o parque e a cidade. A reinstalação da indústria, exigência programática para a primeira fase de intervenção, por seu lado, implica uma linguagem coerente com a do restante espaço, a sua deslocalização para a zona oeste e a construção em madeira local. A construção de estufas coletivas e do centro de transformação irá criar novas entidades produtivas e a construção do centro interpretativo, num lote anteriormente ocupado por uma indústria realocada na faixa poente, irá conectar a população com Sørumsneset e o rio.

Segue-se a fase colonizadora quando os primeiros habitantes e trabalhadores se vão instalar, gerando novas sinergias e uma nova identidade. Para que Nesa prospere, devem ser criadas, desde o início, todas as condições base, nomeadamente, as infraestruturas, os edifícios públicos, as oficinas e a estrutura ecológica. Com vista a albergar os primeiros habitantes e trabalhadores de outros setores que não a indústria, será construída parte da habitação e do comércio na zona norte consolidando esta área do assentamento. O corredor ecológico central irá tomar uma forma mais consistente

através da instalação dos três lagos e do caminho de mobilidade suave que os acompanha. O caminho orgânico entra na reserva natural e permite que a comunidade se aproxime do seu património sem danificá-lo. Assim, está instalada a zona de recreio ideal para a comunidade. Nesa ganhará vida, ritmo, dinâmica e começará a traduzir-se no bairro produtivo que Lillestrøm deseja.

A fase de maturidade, aquela onde os ecossistemas prosperam, é a última fase de implantação do projeto. Após a criação de todas as condições e funções produtivas necessárias a um bairro sustentável, mais concretamente, indústria, estufas, oficinas, centro de transformação, ligação à reserva natural, mercado, instalações educativas e comunitárias, centro de negócios, lagos e espaços abertos, resta construir o programa residencial e comercial em falta para consolidar o tecido urbano. Com o projeto materializado estão dispostas todas as condições para a prosperidade do bairro. Esta comunidade complexa e produtiva poderá ser a inspiração para um novo modelo de cidades produtivas, harmoniosas e sustentáveis. Nesa Sul não pode ser encarada como um território isolado, mas como parte integrante de uma cidade contínua, de uma mistura dinâmica e complementar de programas que só faz sentido se Nesa Norte partilhar do mesmo pulsar produtivo. As duas intervenções podem promover uma paisagem sólida e contínua, com funções e programas complementares, capazes de tornar esta estratégia mais eficaz e promissora.



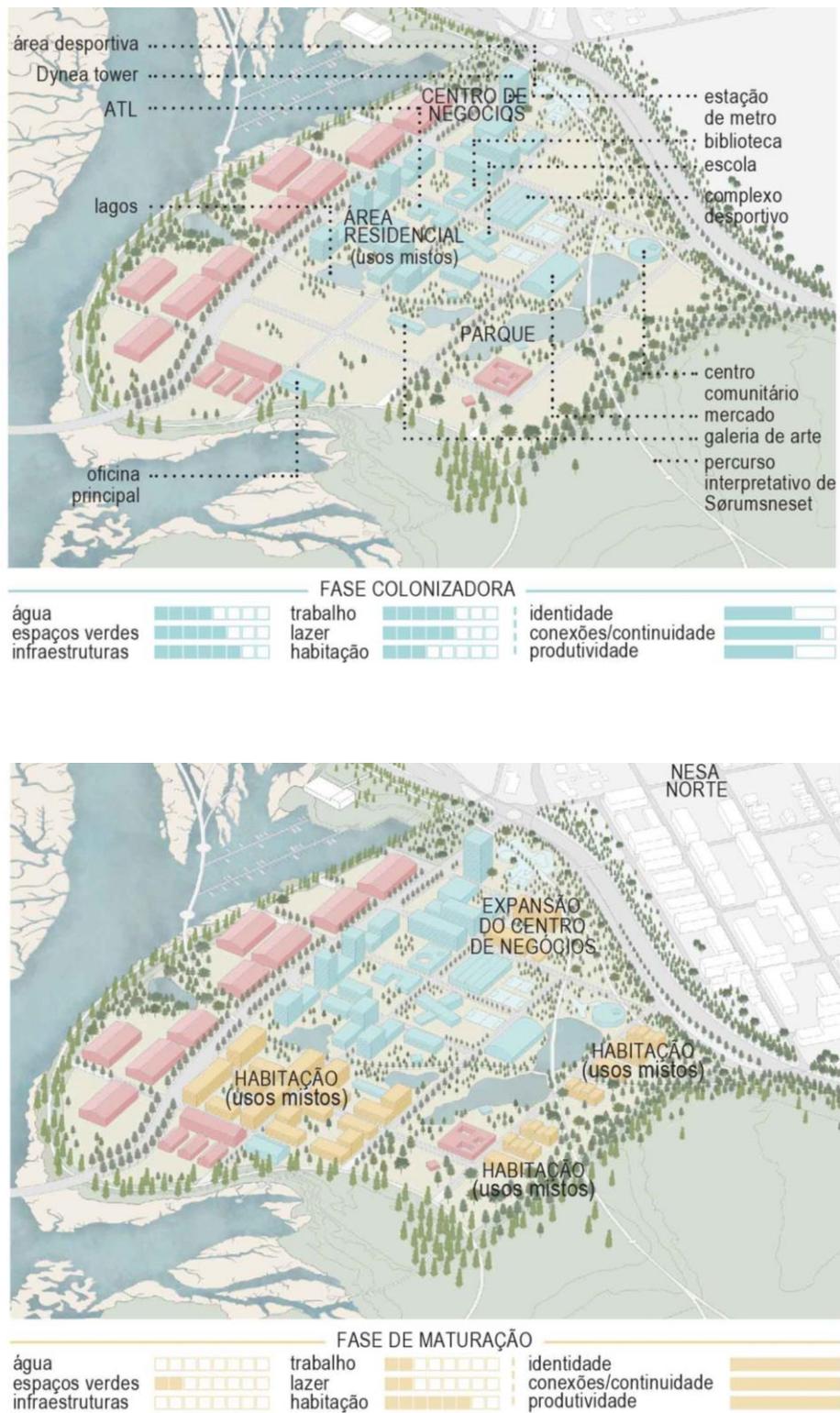


Figura 30: Fases de implantação do projeto. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

3.6. Paisagem Global em revista:

Da sobreposição do *Continuum naturale* e do *Continuum culturale*

A construção de paisagem é um ato de cultura. O homem tem um grande papel na construção das paisagens habitadas do globo e na evolução do mundo. Sem se aperceber da sua responsabilidade, a sua postura para com a natureza nem sempre foi de compreensão e respeito. Contudo, as suas ações são de tal modo impactantes, principalmente com o surgimento da sociedade industrial, que foi necessária uma campanha de mentalização nos anos 60. Esta assentava na ideia de que, como condição à vida urbana e rural, é necessário manter em forma congruente os elementos essenciais da paisagem, conservando ou reconstituindo a sua continuidade e funcionalidade, consciencializando, assim, para a necessidade de salvaguardar o *continuum naturale* e o *culturale* (Caldeira Cabral, 1980). Se a expansão urbana e a industrialização fragmentam o espaço e criam desequilíbrios, é de extrema importância salvaguardar os sistemas contínuos que suportam a reconstituição desses mesmos equilíbrios. Para alcançar uma situação ideal, com condições para a vida humana e em geral, os dois sistemas devem ser considerados em conjunto.

No espaço urbano, muito devido ao crescimento exponencial verificado depois da revolução industrial, o equilíbrio não foi respeitado. Os espaços edificados alastraram em mancha criando pontualmente vazios urbanos, não tendo em consideração a importância de preservar os sistemas contínuos. Na atualidade, com a ação do planeamento e do ordenamento, esta situação tende a ser colmatada, mas o processo é longo e nem sempre consistente. Diga-se que a criação dispersa de jardins ou parques, normalmente apropriando-se de vazios urbanos, não cria por si só uma continuidade. Mais dificilmente ainda consegue unificar as paisagens urbanas e rurais. A cidade é tanto natural como artificial, uma transformação da natureza selvagem para atender às necessidades humanas, uma entidade em evolução moldada por processos naturais e culturais⁹ (Spirm, 1988). Natureza e cultura devem, neste sentido, unir-se de forma equilibrada no espaço de eleição do Homem para viver e criar, a cidade.

Com vista a assegurar o *continuum naturale* e o *continuum culturale*, foi desenvolvida uma figura essencial no planeamento: a estrutura ecológica. Esta subdivide-se na Estrutura Ecológica Fundamental, na Estrutura Ecológica Integrada e na Estrutura da Paisagem Cultural (Ribeiro Telles, 2003). A Estrutura Ecológica Fundamental compreende o sistema húmido contínuo e o sistema seco de proteção dos cabeços, concretizando-se no tecido urbano através de corredores verdes e de ligação. Estes, por sua vez, abarcam espaços de recreio, produção, proteção e valorização natural (Ribeiro Telles, 2003). Em Lillestrøm, esta estrutura assenta, essencialmente, nos dois corredores ecológicos principais, nomeadamente o Rio Nitelva e a Reserva Natural de

⁹ Tradução livre de "The city is both natural and contrived, a transformation of "wild" nature to serve human needs, an evolving entity shaped by both natural and cultural processes".

Sørumsneset. A criação de uma orla ao longo do limite da reserva, o restabelecimento das áreas de sapal, a formalização de bacias de depuração em Nesa e a definição de percursos pedonais que atravessam os dois corredores atuam como forma de os preservar e valorizar. A estratégia passa por consolidar estas duas áreas e, a partir delas, estruturar corredores secundários que atravessam a malha urbana. Sendo uma zona de transição, a cidade carece não só de uma gestão equilibrada do seu limite, mas também, de todo o seu tecido. Se o equilíbrio entre área permeável e não permeável, área construída e não construída é essencial em qualquer espaço urbano, numa zona de transição, rica, considera-se ainda mais fundamental salvaguardar as qualidades inerentes do lugar. No que respeita à Estrutura Ecológica Integrada, compreende o sistema contínuo de espaços-canal e o sistema descontínuo de jardins, parques públicos ou logradouros. Integrado na malha urbana, o sistema descontínuo inclui espaços públicos e privados (jardins, parques, avenidas, praças, logradouros) que podem surgir dispersos ou em conformidade com um corredor. O sistema contínuo é assegurado, maioritariamente, por faixas de proteção às vias (Ribeiro Telles, 2003). No caso de estudo, a situação pré-existente comporta um grande número de logradouros que, em todo o caso, são os elementos que mais sustentam os sistemas naturais dentro do espaço urbano de Lillestrøm. Ainda assim, a sua fragmentação impede a materialização de corredores e, conseqüentemente, de uma estrutura contínua. Neste contexto, a proposta foca-se na estrutura ecológica integrada como forma de criar ligações e unificar o espaço. As ligações entre a margem do rio e o centro urbano são asseguradas pela criação de espaços-canal ao longo das vias que ainda têm área lateral disponível. É exemplo a barreira de proteção ao longo do troço horizontal da ferrovia contribuindo para a redução do ruído, o conforto ambiental e a segurança. A possibilidade de intervir numa zona ampla junto ao Nitelva e, portanto, junto ao perímetro urbano, permitiu o planeamento de várias zonas enquadradas no sistema descontínuo. A estratégia definida propõe, contudo, a sua integração em corredores ecológicos secundários de modo a aumentar as ligações espaciais, a continuidade dos sistemas e a unificação das diferentes partes da cidade. No caso do parque central de Nesa Sul, que contempla o lago maior, este assume o papel principal de regulação climática e manutenção do ciclo hídrico dentro do bairro. Através da conexão com a barreira ecológica a norte, com a reserva a este ou com as praças a oeste, este será parte integrante de uma estrutura contínua. A incorporação de espaços de recreio e de atividade física fazem deste parque um elemento comum com a Estrutura da Paisagem Cultural. Esta, por sua vez, compreende agrossistemas tradicionais e ocorrências naturais notáveis, geo-monumentos e os valores culturais representativos da arte paisagista e dos jardins. Constituída por espaços culturalmente importantes quer de âmbito arquitetónico e histórico quer de âmbito natural, esta estrutura assenta numa rede de usos com objetivos de proteção, produção e recreio (Ribeiro Telles, 2003). Exemplo disso é a criação do parque ribeirinho que une o interesse cultural ao valor ecológico intrínseco. Simultaneamente, faz uma transição sustentável entre um sistema natural, o rio, e um sistema urbano consolidado.

De destacar a importância dos sistemas de vistas na definição do *continuum*. A marcação de panorâmicas distintas permite a apreciação da paisagem e o contacto entre esta e o homem. Em Lillestrøm foi importante criar estas ligações para que a comunidade se voltasse a reencontrar com a paisagem, uma relação outrora forte mas que se tem vindo a desvanecer. As pontes, viária e pedonal, sobre o rio possibilitam um contacto físico mais próximo enquanto o miradouro da Dynea Tower tem um contacto mais afastado com uma vista mais ampla. Em qualquer dos casos corroboram a sua função enquanto observatório de paisagem e, portanto, como unificador entre a comunidade e o lugar onde ela habita.

Neste contexto, entenda-se que as problemáticas naturais e culturais estão interligadas e especialmente sobrepostas. A paisagem é um ato de cultura e a cultura tem origem na paisagem. Para alcançar uma paisagem global, *continuum naturale* e *continuum culturale* têm que ser encarados, na teoria e na prática, como um único sistema. Qualquer intervenção no espaço terá que compreender natureza e cultura como as duas faces da mesma moeda. Neste sentido, a salvaguarda do contexto natural e cultural é essencial para preservar um vínculo com o passado e com a identidade do lugar¹⁰ (Hough, 1990), reestruturando a paisagem de acordo com o conceito de paisagem global e conduzindo até uma situação sustentável.



Figura 31: Vista sobre o maior espaço aberto de recreio em Nesa, direcionada para o mercado. Fonte: Equipa projetista.

¹⁰ Referência ao excerto: “the protection of natural and cultural history - the reuse and integration of the old into the new without fanfare while avoiding the temptation to turn everything into a museum because it’s old - lies at the heart of maintaining a continuing link with the past and with a place’s identity”.

3.7. Conclusões preliminares

Para alcançar a paisagem global há que alcançar a harmonia entre o Homem e a Natureza de modo a que, mais do que conviver, as duas entidades sejam parte de uma mesma entidade superior. Spirn considera que a paisagem deve ser entendida como um todo e que a sua fragmentação é uma rutura em ligações profundas. Citando a mesma, *um parque urbano desenhado não é menos paisagem que um campo de milho plantado, a Ilha de Manhattan não é menos paisagem que o Central Park. Noções de paisagem como o campo, mas não cidade, fragmentam falsamente ligações íntimas e produzem tais ironias como as crianças da escola do interior da cidade irem de autocarro para fora da mesma para estudar o prado dos campos, ignorando as mesmas plantas que crescem nos lotes vazios ao lado da porta* (Spirn cit in Matos, 2011). Assim, não faz sentido pensar em dois espaços quando a paisagem é uma unidade. Apesar da diversidade e complexidade da paisagem, características fundamentais, esta tem que ser una. Os contínuos natural e cultural expressam a continuidade subjacente à unidade. Conectam, de forma material e imaterial, os sistemas humanos e naturais, a comunidade e a natureza, os espaços urbanos e rurais. A cultura e a natureza são simbióticas na paisagem global, são as duas partes de um todo.

O projeto para Lillestrøm foi aquele que mais atenção requereu da minha parte e, por isso, talvez tenha sido aquele onde pude aprender mais ao longo do processo. Sinto que consegui solidificar fundamentos e perceber que muita informação adquirida ao longo do percurso académico consegue confluir de tal modo que é possível traduzir a teoria na prática. O trabalho em equipa foi muito enriquecedor e transpareceu a importância de saber comunicar com profissionais de outras disciplinas. Todos têm um contributo e isso enriquece a proposta final. A par do processo de criação da proposta, as questões de organização foram surgindo recorrentemente. A necessidade de funcionar de forma organizada é essencial dentro de uma empresa e ainda mais importante quando se trabalha com pessoas do exterior. No final, a experiência foi gratificante e valiosa enquanto etapa de aprendizagem. Caso a proposta seja aceite, acredito que a comunidade favoreça com a nossa proposta e tenha melhores condições de vida. Humildemente, passo a passo, talvez possamos contribuir para melhorar o mundo onde vivemos.

4. Plan Acequia Projeto para La Bazana, Espanha

O espaço e o tempo são duas dimensões de uma mesma entidade. É o tempo o elemento transformador da paisagem, aquele que o obriga a uma evolução constante e interminável. A paisagem é um bioma vivo cuja experiência só é possível no momento presente. Ainda assim, o presente é o espelho de uma sucessão de momentos. Para atuar é impreterível reconhecer o tempo, perceber a história e visualizar o caminho.

“The perception of change is essential to developing a sense of who we are, where we have come from, and where we are going, as individuals, as societies, as a species. The perception of time depends upon regularly recurring events, without which, time would be an imperceptible, formless flow.”

(Spirn, 1988)

4.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: Ana Queirós e José Maia

4.2. Programa do concurso

À semelhança do capítulo anterior, o presente projeto enquadra-se no concurso European14 e, portanto, com o mesmo tema geral das “cidades produtivas”. Estando os locais a concurso divididos em quatro grupos, La Bazana corresponde ao “de cidade a cidade produtiva”¹¹. Este remete para a importância da produtividade numa cidade, considerando o seu todo. A cidade só é realmente produtiva quando toda a sua estrutura funciona de modo coerente capaz de gerar produto, quer seja este material ou imaterial, quer seja este económico, social ou ecológico. A imagem que surge recorrentemente é a de moradias, escritórios, cafés e restaurantes, mas como ativar uma estrutura já existente e consolidada?

As cidades reinventam-se com o tempo adaptando-se a novas atividades produtivas e formas de habitar. La Bazana é o perfeito exemplo dessa evolução tendo surgido enquanto *pueblo de colonización*¹² aquando de uma transformação da paisagem de sequeiro para regadio. Esta transformação foi prevista pelo *Plan Badajoz* que, simultaneamente, projetou vários povoamentos de colonização, entre os quais, La Bazana. Nesse sentido, prevê-se que a proposta para este povoamento possa ser replicada para os restantes. A proposta deverá entender o processo evolutivo desta povoação e intervir com a consciência de estar numa fase conseqüente das anteriores, ou seja, perceber o passado para construir o futuro. Sumariamente, o grande objetivo a alcançar com o projeto será a sobrevivência destes lugares. O seu carácter rural e marcado pelo abandono torna-os em lugares frágeis, sujeitos a desaparecer conforme as pessoas vão tendendo a migrar para os grandes aglomerados. Como proteger lugares da extinção? Dever-se-á despoletar o desenvolvimento através da exploração dos recursos, naturais e etnográficos, bem como das infraestruturas existentes, de modo a gerar atividade económica e melhores condições de vida para a população. Quer-se uma solução para o atual despovoamento, onde o impulsionar da economia poderá ter um papel importante na fixação de população. Encorajar uma diversidade de usos e funções espaciais, por sua vez, pode contribuir para a economia local e, conseqüentemente, para o bem-estar dos cidadãos. Dever-se-á também preservar os valores patrimoniais do lugar e potenciar uma conexão com as regiões mais próximas.

¹¹ Tradução livre de “From city to productive city”.

¹² Povoamento de colonização – Tradução livre.

No que respeita ao sítio estratégico, existem alguns requisitos do programa a considerar, nomeadamente: pensar a rede de transportes em ligação com a rede de percursos pedestres; criar, se necessário, espaços públicos ou privados para construção de edifícios, referindo os usos que lhe serão associados; criar espaços de recreio e lazer, públicos ou privados, com ligação à paisagem envolvente; promover a proteção ambiental e criar uma barreira ecológica de proteção ao tecido urbano; assegurar vários tipos de infraestruturas necessárias à sustentabilidade do povoamento. Quanto ao sítio de projeto, consiste no espaço urbano propriamente dito, abarcando tanto espaço aberto como edificado. O espaço público passível de intervenção remete para as praças e ruas enquanto os edifícios requalificáveis são a antiga leitaria, a Irmandade Sindical e o coso (praça de touros). Podem ainda ser sujeitos a intervenção os edifícios que remetam à origem do povoamento ou aqueles que não se enquadrem na estrutura urbana e, por isso, ponham em causa o valor patrimonial e a identidade do lugar. Os requisitos do programa para o sítio de projeto são, basicamente, especificações dos requisitos mencionados anteriormente. Intenta-se a transformação de La Bazana numa povoação produtiva e sustentável, contribuindo para atrair e fixar população. Na proposta deve-se-á indicar os espaços abertos ou fechados, públicos ou privados, sujeitos a intervenção bem como os usos propostos. As propostas deverão, ainda, ser descritas e justificadas gráfica e textualmente.

4.3. Área de intervenção

A intervenção, como ditam as regras do concurso, será projetada a duas escalas. Uma mais abrangente assente em estratégias e uma aproximada que abarca um desenho para o espaço. Dada a pouca diferença entre as áreas do sítio estratégico e do sítio de projeto, a análise e a proposta sobrepõem-se diversas vezes a ambas as escalas.

4.3.1. Sítio estratégico

Localizado no município de Jerez de los Caballeros, na província de Badajoz, em Espanha, La Bazana tem condições para incentivar o desenvolvimento de diversas atividades. Mais precisamente, posiciona-se a sudeste de Badajoz e na fronteira com a província de Huelva e com Portugal.

A origem do aglomerado remonta a 1954 quando a política agrícola defendida pela ditadura franquista projetou diversos povoamentos de colonização com o objetivo de conquistar vastas áreas de terra para torná-las produtivas. Para tal, o território originalmente seco foi intervencionado de modo a permitir uma agricultura de regadio. A água tornou-se o elemento estruturante do território capaz de gerar atividade agrícola criando, conseqüentemente, a necessidade de albergar os trabalhadores e suas

famílias. Tornou-se o elemento gerador da colonização da qual La Bazana é exemplo. Os povoamentos de colonização, apesar de diferentes, são uniformes caracterizando-se pelo caráter rural, pela história comum, pela conexão através das infraestruturas (vias e irrigação), pela estrutura projetada para uma área despovoada e pela criação de um espaço urbano reconhecível. A água e a paisagem aberta de montado (dehesa) são, portanto, os denominadores comuns que unificam a região. A transformação da paisagem de sequeiro para regadio foi um acontecimento extremamente importante para o seu desenvolvimento. Segundo o programa do concurso, a área necessita do redesenho dos espaços públicos abertos bem como a requalificação de alguns edifícios públicos.



Figura 32: Delimitação do sítio estratégico. Sem escala. Fonte: Adaptado do programa do concurso.

4.3.2. Sítio de projeto

O sítio de projeto alberga toda a área dentro do perímetro urbano, quer seja este público ou privado. O facto de o aglomerado ter sido inteiramente projetado aquando da sua formação original criou uma estrutura urbana muito característica. Apesar de ter sofrido alterações com o tempo, a estrutura continua a ter elementos estruturantes do projeto original de La Sota, como as vias principais ou as cinco praças centrais. A evolução do tecido urbano é, portanto, um fator importante a ter em consideração na proposta, encarando a intervenção como mais um passo, uma fase no desenvolvimento do povoamento. Um desenvolvimento que irá transformar um espaço rural frágil num espaço produtivo e sustentável. De referir que os habitantes são aqueles que mais deverão beneficiar com o processo de transformação e aqueles que, em última instância, serão os responsáveis pelo seu sucesso. A população, com cerca de 332 habitantes, terá um papel fundamental no sucesso da proposta.

O espaço aberto consiste nas ruas, no bosque, nas praças e nos logradouros. O bosque que limita o espaço urbano a sudoeste, incluso no projeto original, nunca foi totalmente

implantado e, atualmente, não é consistente. Quanto às praças, também são parte do projeto original e correspondem ao coração da localidade. São o espaço coletivo por excelência apesar de já não serem muito utilizadas. Em cada uma delas existe uma fonte como forma de, simbolicamente, trazer o elemento de água para dentro do tecido urbano, ao mesmo tempo que atuam enquanto elemento de distinção.

No que respeita ao espaço construído, este é maioritariamente constituído por habitações. No projeto original destacava-se a escola distanciada do aglomerado e posicionada sobre uma colina. Atualmente, com a expansão urbana, encontra-se dentro do aglomerado e perdeu o antigo simbolismo. A capela é outro edifício importante a considerar. Sugeridos pelo programa do concurso como sendo de possível intervenção, surgem a antiga leitaria, a Irmandade Sindical e o *coso*. A leitaria situa-se a noroeste do povoamento, foi construída depois de 1977 e encontra-se hoje abandonada. A Irmandade Sindical data de 1960 e seria a sede de uma organização sindical com objetivos de proteger e apoiar os agricultores. O *coso*, ou praça de touros, é a construção mais recente e multifuncional servindo tanto para eventos de tauromaquia como para outras festividades. Na proposta, deverão ser sugeridos usos, atividades ou serviços produtivos que remetam para os recursos existentes. Tanto o espaço exterior como o interior deverão tirar partido do que o lugar tem para oferecer.



Figura 33: Delimitação do sítio de projeto. Sem escala. Fonte: Adaptado do programa do concurso.

4.4. Análise do espaço

4.4.1. Contexto político: Lei de Colonização e Plan Badajoz

O INC (Instituto Nacional de Colonização) foi criado em 1939 com o regime franquista, substituindo o IRA (Instituto de Reforma Agrária). Dirigiu a necessária modernização da agricultura nacional sem as profundas alterações na estrutura do imóvel que implicava a Lei da Reforma Agrária proclamada pela República. Com a aprovação da Lei de Colonização de Grandes Zonas, no mesmo ano, o INC solidificou a sua estratégia para o espaço rural e latifundiário tendo como grandes objetivos a modernização da agricultura, o aumento da produção e a criação de novos assentamentos urbanos como forma de controlo político sobre o território. O mecanismo baseava-se em expropriar grandes proprietários caso os terrenos estivessem inutilizados, dotá-los de infraestruturas de irrigação, dividir a propriedade em lotes e distribuí-los entre os colonos de maneira a fixar população. No fundo, ir-se-iam transformar áreas de sequeiro em áreas de regadio e introduzir formas de habitação urbana no meio do espaço rural, viabilizando a produtividade. As povoações surgem, fundamentalmente, junto a cursos de água tirando partido da estrutura regional (barragens, entre outros) criada sobre os rios principais: Duero, Tajo, Guadiana, Guadalquivir e Ebro. Para atrair e fixar a população, os camponeses teriam direito a uma casa e a um terreno para explorar. Assim, a política teve um grande impacto social, económico e paisagístico a nível nacional. A política, contudo, só começou a ser efetivamente aplicada nos anos 50 na Estremadura com o *Plan Badajoz* e, a uma escala menor, na Andaluzia com o *Plan Jaén*. A sua expansão posterior para as outras regiões resultou na criação de cerca de 300 *pueblos de colonización* (43 na zona de Badajoz) espalhados pelo território espanhol. De referir que o desenvolvimento do plano de colonização coincidiu com a expansão industrial e conseqüente migração para as cidades (Zubiri, 2012).

Quando Franco visita a Estremadura em 1945, pede ao Governo Civil que elabore um relatório acerca do desenvolvimento da província. Este acabou por revelar um território onde quase meio milhão de pessoas viviam na pobreza e onde, paradoxalmente, se verificava um abandono das terras cultiváveis. Carecendo de intervenção, foi proposta a estratégia descrita anteriormente e, entre 1951 e 1955, vários ministérios trabalharam para a concretização dos planos de obras hidráulicas, colonização, industrialização e eletrificação, ou seja, o denominado “Plan Badajoz”. Este pode resumir-se em sete ações principais: regulação do Rio Guadiana; transformação em regadio; colonização das zonas transformadas; repovoamento florestal; melhoria da rede de comunicações; eletrificação; industrialização dos produtos (Rando, 2015). A população fixou-se entre os anos 1950 e 1965. A partir de 1971 foi criado o Instituto de Reforma Agrária e Desenvolvimento com o intuito de melhorar a irrigação e iniciar uma política de consolidação da terra (Consejería de Agricultura y Desarrollo Rural, 2009).

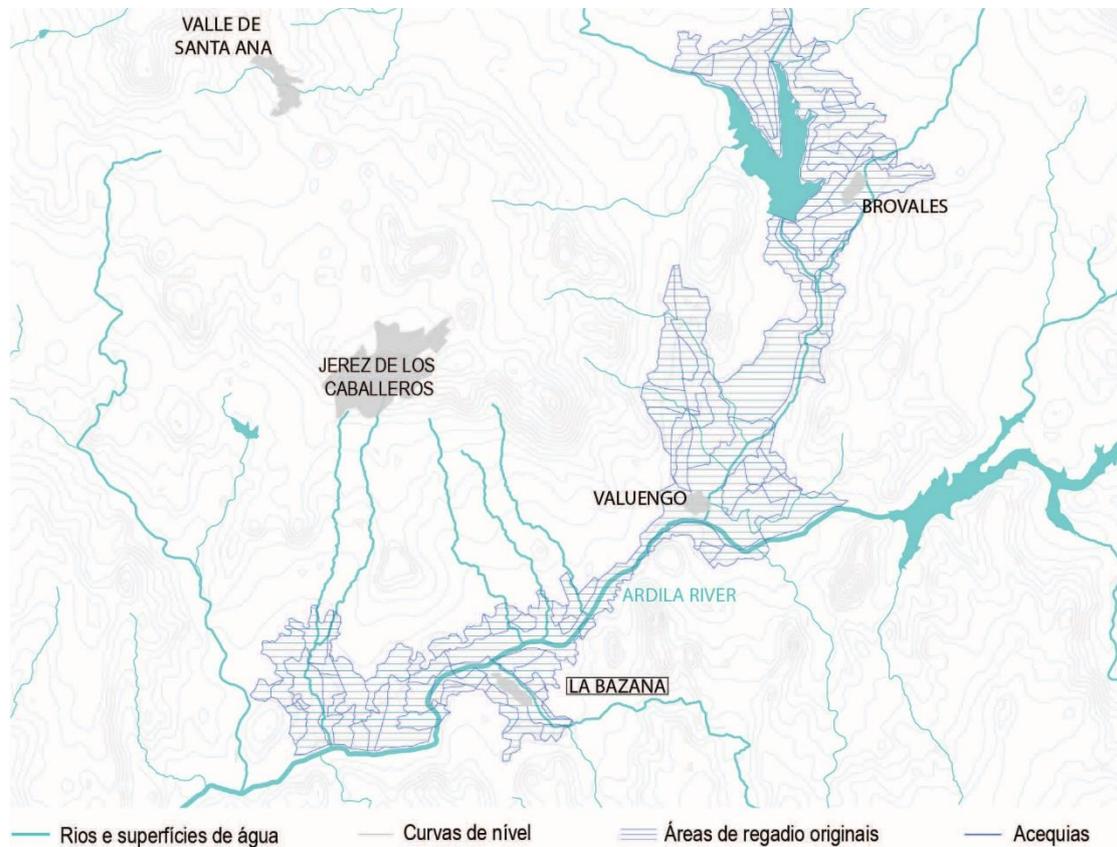


Figura 34: Área de regadio original proposta pelo Plan Badajoz – Sub-plano do Rio Ardila. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.

4.4.2. Enquadramento

Na parte sul da estremadura espanhola faz-se sentir o clima mediterrâneo com os seus verões quentes e secos e os invernos amenos onde se concentram as chuvas. A temperatura média anual é de 17°C e a precipitação média anual é de, aproximadamente, 450 l/m².

Quanto à geologia, predominam os materiais metamórficos. O relevo da região é tendencialmente ondulado começando a ficar acidentado conforme se desenvolve para a Serra Morena. Esta é, inclusive, o limite visual sul a partir de La Bazana. Os aglomerados urbanos posicionam-se estrategicamente junto ao vale ou, no caso de Jerez de los Caballeros, numa zona de cumeada. Isto porque são aglomerados com origens distintas: no caso de Jerez, a ocupação da cumeada deveu-se a motivos de defesa; já em relação aos pueblos de colonización, a ocupação dos vales foi feita para usufruir das terras mais férteis e onde chegava a infraestrutura de regadio. Funcionam, portanto, em contraponto. No que respeito à rede hidrográfica, La Bazana está

circunscrita por dois afluentes do Rio Ardila que, por sua vez, é um afluente do Rio Guadiana. Este nasce em Espanha e desagua em território português, transparecendo a inexistência de limites administrativos quando se trata de paisagem. O Ardila está abrangido pela Rede Natura 2000. Em toda a área em estudo, e no seguimento da política de desenvolvimento implantada nos anos 50, existem diversas barragens de maior ou menor dimensão. Destaque para as barragens de Valuengo e Brovales. O sistema hídrico é, portanto, essencial para a identidade destes aglomerados, quer seja pela proximidade quer seja por serem a razão da sua origem e sobrevivência.

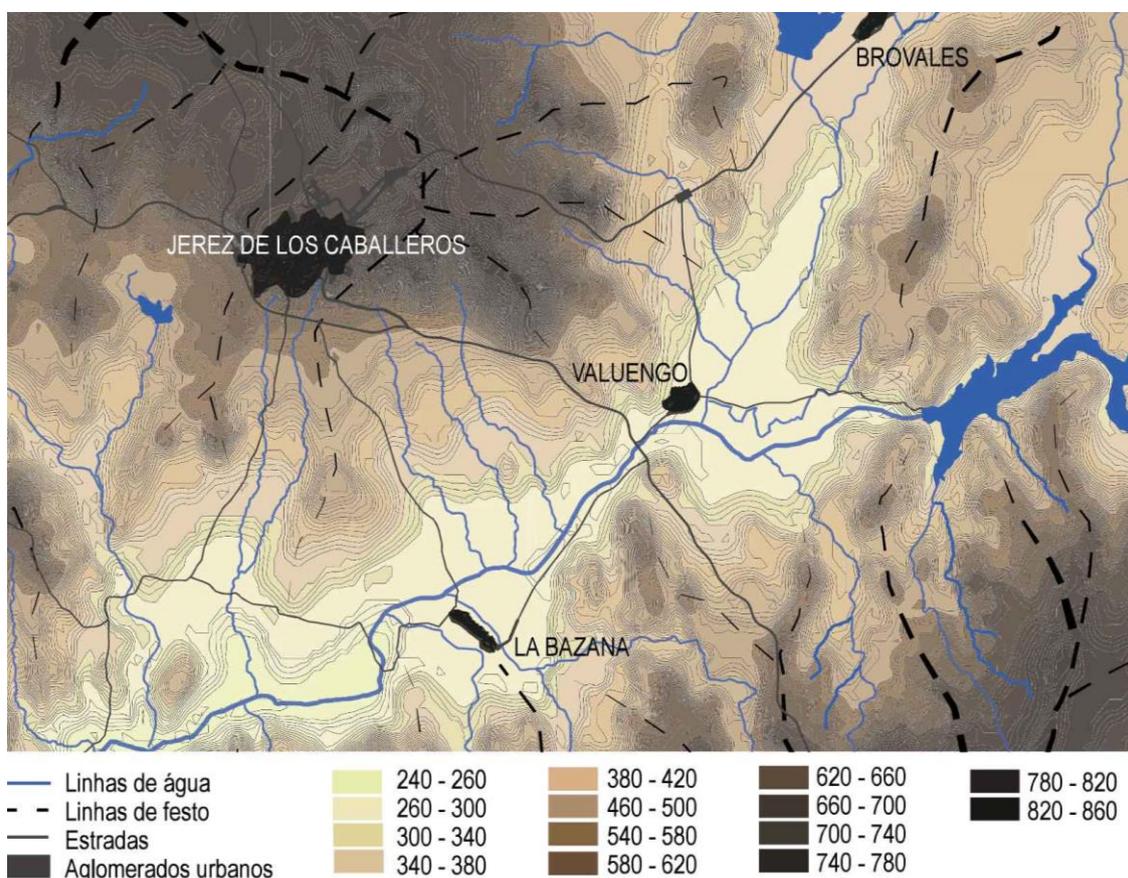


Figura 35: Síntese de relevo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.

Jerez de los Caballeros, com os seus cerca de 10000 habitantes, está associado a um mosaico de culturas com presença de sebes de compartimentação, a áreas de olival e a uma mancha de vegetação natural. Por sua vez, Brovales, Valuengo e La Bazana assentam em culturas de regadio com algumas zonas de pastagem. Entre o município e as restantes localidades, surge o tradicional montado e algumas culturas de sequeiro. Em direção à Serra Morena, a sul, começam a aparecer bosques de carvalho,

nomeadamente, azinhais. Numa outra perspetiva, percebe-se a zona de *Ager* (culturas de sequeiro e regadio) como um corredor associado aos aglomerados urbanos e, conseqüentemente, aos cursos de água. As zonas de *Saltus* (pastagens) e de *Silva* (bosques e manchas de vegetação natural) deambulam pelo espaço, com a *Silva* a remeter-se tendencialmente para as cotas mais elevadas. As galerias ripícolas apresentam-se consistentes no Rio Ardila, mas fragmentadas nas restantes ribeiras. De mencionar uma zona de extração mineira junto à barragem de Valuengo e uma zona industrial entre Valuengo e Brovales. Neste contexto, percebe-se que a paisagem tradicional de montado foi sendo transformada com a criação de uma ampla zona de regadio. No espaço rural onde a ligação entre a população e a paisagem é maior, esta relação pode ser explorada de forma a criar mais riqueza num lugar que luta por subsistir perante a atratibilidade da cidade.

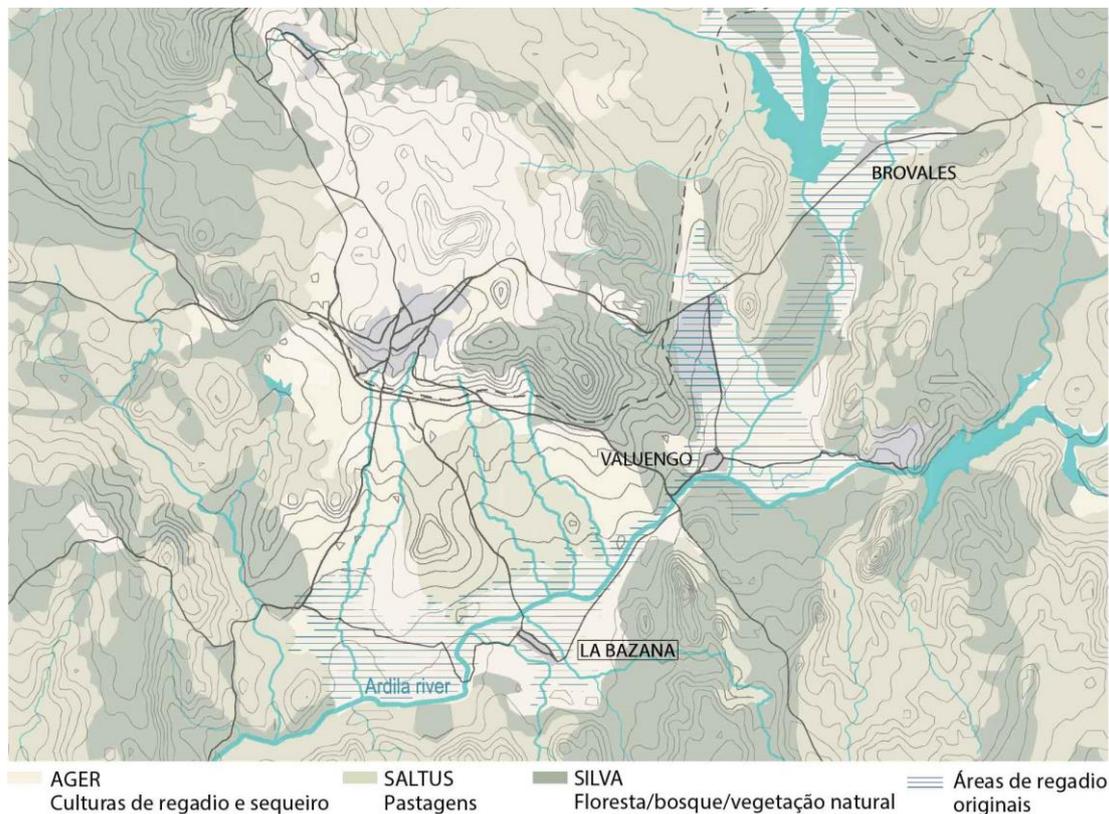


Figura 36: Uso do solo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.

A rede viária interliga todos os aglomerados, sendo de destacar a via de ligação entre Badajoz e Sevilha e a autoestrada no sentido este/oeste. Existe também uma rede de rotas pedestres, cicláveis ou equestres que conectam os povoados e o património disperso pela região. Junto a La Bazana encontram-se três destas rotas,

nomeadamente: rota entre Jerez de los Caballeros e Molinos del Ardila; rota entre Jerez e o Pozo Encantamiento; Rota Circular de La Bazana. O património cultural da região dispersa-se por todo o espaço, com mais incidência nos aglomerados urbanos ou junto aos cursos de água. Os monumentos concentram-se em Jerez de los Caballeros, sendo maioritariamente de carácter religioso. Enumeram-se o Castelo dos Templários, o Convento de Águas Santas, igrejas e ermidas. Junto aos cursos de água salienta-se a presença de inúmeras azenhas. Existem ainda elementos patrimoniais como igrejas, fontes, uma ponte romana, o Dolmen de Torinuelo, as tumbas fenícias, entre outros. Quanto às tradições e costumes, aquela que tem mais impacto na população de La Bazana é a realização de um presépio humano na época natalícia, o *Belén Viviente*. Toda a localidade se transforma numa representação do nascimento de Jesus Cristo, o que atrai população de todo o país. Os visitantes contam, também, com áreas de refeições e artesanato. Na primavera decorre a *Fiesta de la chuleta*¹³ que tem lugar no campo desportivo por ser o espaço com condições para tal. Esta festa é dedicada à gastronomia, servindo-se refeições à base de costeletas. É, fundamentalmente, um dia de convívio entre a população local e os visitantes.

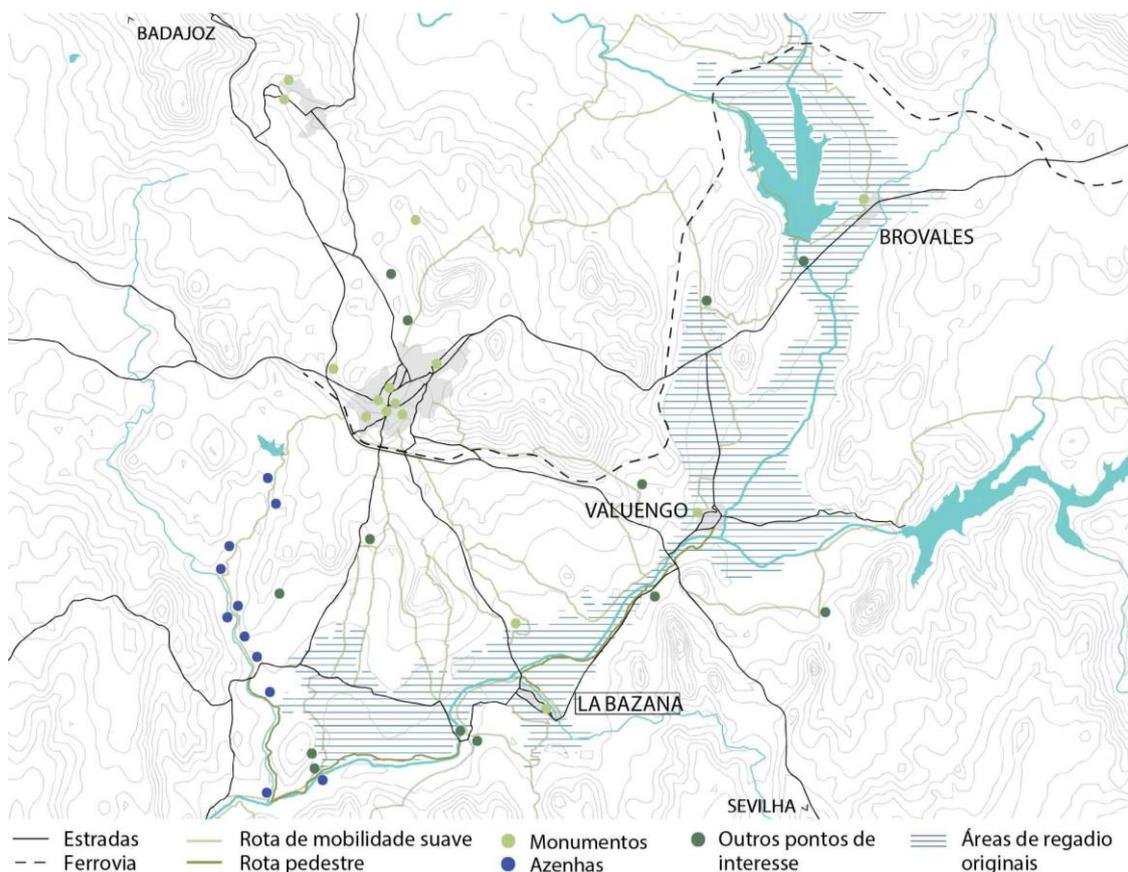


Figura 37: Sistema de percursos. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.

¹³ Festa da costeleta – Tradução livre.

Segundo a Junta de Extremadura, a zona em estudo subdivide-se em quatro unidades de paisagem: Serras de sudoeste e Morena; Planícies da Extremadura; Colinas graníticas e *navas*; Vales fluviais encaixados¹⁴. A unidade das serras de sudoeste e Morena abarca as cotas mais elevadas onde se podem encontrar zonas de *silva* junto à Serra Morena e de *ager*, policultura de periferia urbana, junto a Jerez de los Caballeros. As Planícies da Extremadura ocorrem em direção a oeste, numa zona de cotas intermédias, onde se verificam culturas de sequeiro, montado e pastagens. De quando em vez, surgem zonas de *silva*. Quanto às Colinas graníticas, estas abarcam a barragem de Valuengo e são, na sua maioria, compostas por áreas de bosque. Estas interligam-se, diversas vezes, com áreas de montado. Por fim, a subunidade dos Vales fluviais encaixados é caracterizada por ser a zona de vale associada ao Rio Ardila e, consequentemente, a culturas de regadio. É nesta unidade que se encontram os povos de colonização: Brovales, Valuengo e La Bazana, destacando a relação destes com o sistema hídrico.

Pertencente ao piso mesomediterrâneo, província luso-extremadurense, setor Mariano-Monchiquense e subsetor Marianense, a vegetação autóctone é diversa, constando o carvalho como espécie característica e identitária. Encontram-se presentes espécies autóctones como *Quercus rotundifolia* (azinheira), *Quercus suber* (sobreiro), *Quercus pyrenaica* (carvalho-negral), *Pyrus bourgaeana* (pereira-brava), *Arbutus unedo* (medronheiro), *Daphne gnidium* (trovisco), *Sanguisorba hybrida* (agrimónia-brava) ou *Sorbus torminalis* (mostajeiro). Apesar de não existirem espécies raras ou em abundância, a fauna é rica pela sua diversidade.

¹⁴ Tradução livre de “Sierras del Suroeste y Morena”, “Penillanura extremeña”, “Cerros graníticos y navas” e “Valles fluviales encajados”.

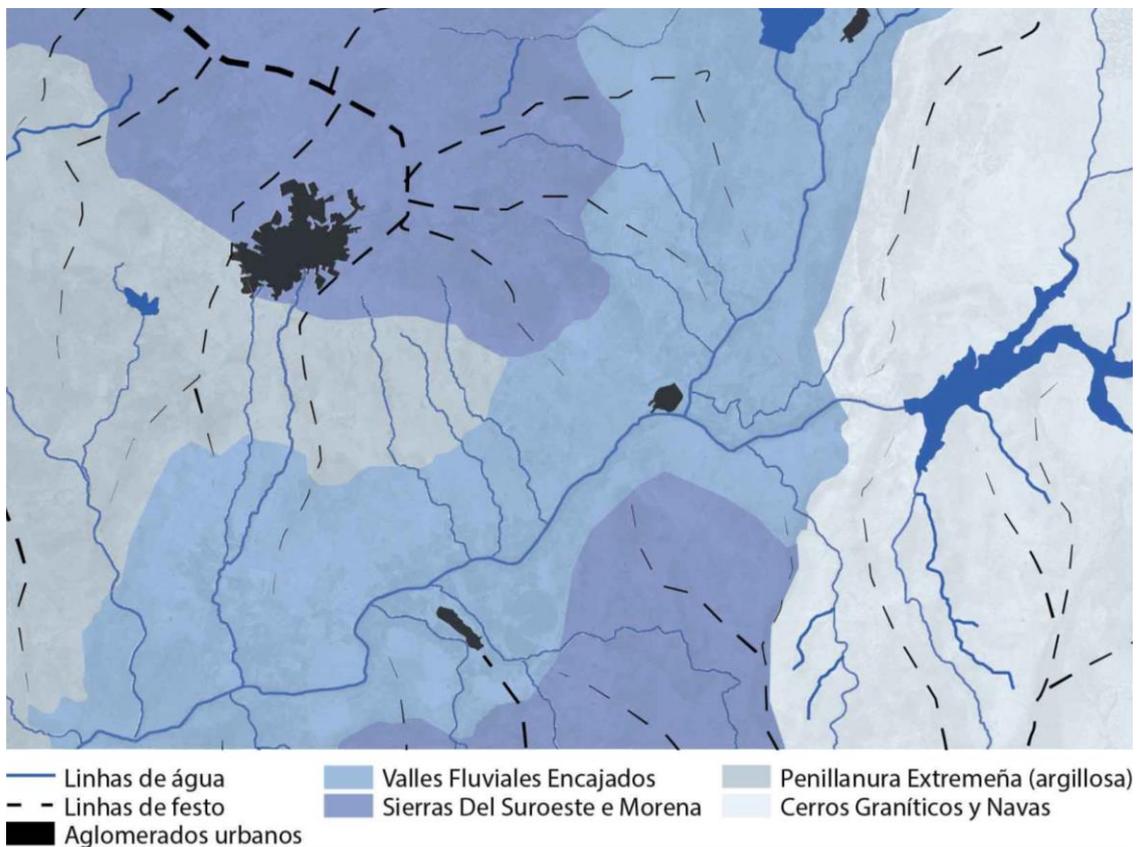


Figura 38: Unidades de paisagem. Escala 1:9000. Fonte: Adaptado da Junta de Extremadura.

4.4.3. Enquadramento urbano

Em 1952 foi declarado de interesse social a expropriação de uma propriedade denominada “La Bazana”, para a implantação de um novo povoamento de colonização. Este viria a localizar-se num planalto com uma ligeira pendente transversal, entre dois cursos de água, Arroyo de la Plata (a nordeste) e Arroyo de Carbajo (a sudoeste), e junto à foz destes no Rio Ardila. A posição fisiográfica tem uma grande importância no caráter do lugar, no sentido em que a estrutura urbana é adaptada à topografia, compreende aberturas visuais em direção ao Rio Ardila e permite a proximidade entre as áreas de residência e trabalho. Para a criação do povoamento, o Instituto Nacional de Colonização tinha definido, *à priori*, um conjunto de critérios que unificavam os *pueblos de colonización*. Quanto à estrutura urbana salientam-se: a rutura de perspectivas visuais; o estabelecimento de uma praça que concentre os equipamentos e o comércio; o agrupamento das construções de modo a criar a perceção de uma massa contínua; a segregação das vias para automóveis e peões; o traçado de uma rua principal que desemboca visualmente na torre da igreja; a plantação de bosques que limitem o aglomerado. Mais concretamente, quanto aos edifícios, os critérios são o

destaque da igreja e respetiva torre como elemento preponderante do lugar e a diferenciação das habitações para se adaptarem às necessidades e singularidades dos habitantes, criando atratividade (Rando, 2014). No fundo, os arquitetos responsáveis deveriam desenhar a localidade inteira como um todo, desenhando tanto espaço público como privado, tanto espaço aberto como edificado. No contexto do Plano de Colonização, integra o grupo dos “pueblos estabilizados”, ou seja, tem um número fixo de colonos, sem ampliação prevista, pelo que é projetada para uma população máxima definida.



Figura 39: Relação de La Bazana com a topografia. Fonte: Adaptado de Estrella Rando, 2015.

Atente-se ao projeto original para La Bazana proposto por Alejandro de la Sota, datado de 1953. O conceito arquitetónico baseou-se no distanciamento, ou seja, num povoamento afastado de tudo, isolado, que, por isso, seria projetado para dentro. Citando De La Sota, trata-se de um povoamento que “[...] por su situación de vivir aislado; no se verá desde ninguna carretera, ni camino importante. Se proyectó por esto, para sí, hacia dentro”¹⁵. Privilegia-se a vida de quem está dentro ao invés da imagem exterior. Ao mesmo tempo, a estrutura urbana assenta na repetição de núcleos e tipos de vivendas, onde o espaço é organizado segundo o agrupamento de vivendas e espaço aberto. Salienta-se a importância destes espaços abertos e do espaço público, coletivo, tornando-os no elemento principal de composição do aglomerado urbano. Fala-se, neste contexto, nas cinco praças criadas pelo arquiteto como o coração de La Bazana. Estes são os pontos mais agradáveis para se viver e o lugar de reunião da população. Em forma de ferradura aberta sobre o rio, permitem uma relação visual com a paisagem envolvente. Atribui-se, possivelmente, a ideia de ferradura nas origens

¹⁵ “[...] pela situação de vida isolada; Não será visto de nenhuma estrada, nem uma estrada importante. Foi projetado por isso, por si só, para dentro” - Tradução livre.

etimológicas de La Bazana – Albazana – que designa comumente um cavalo ou uma égua. A orientação a sul permite a incidência de sol durante todo o dia. Os acessos a estas praças pela via principal são marcados por espaços plantados, abertos, possibilitando alguma amplitude visual em direção aos campos que rodeiam a localidade. Contam-se ainda cinco fontes, uma em cada praça, que intentam trazer o elemento de água para dentro do tecido urbano e, simultaneamente, distinguir os núcleos. São elementos tradicionais da arquitetura popular estremenha, corroborando a necessidade de pertença ao lugar e de criação de identidade. As praças são confinadas por 10 residências, resultando do seu agrupamento. As vivendas marcam o limite entre o espaço para conviver e o espaço para habitar. Junto às fachadas é proposta arborização para uma climatização natural das construções. O conjunto entre as 10 habitações e a praça consiste num núcleo que se repete 5 vezes de modo a assegurar as 50 habitações requeridas pelo programa do Plano de Colonização. O agrupamento das vivendas tem como objetivo criar uma imagem de conjunto, unificada, ainda que os núcleos tenham alguma diferença entre si. O arquiteto focou-se na organização do edificado, planimétrica e altimétrica, como fator essencial para o conjunto. Por outro lado, o aspeto último das vivendas, o exterior, não era essencial dizendo respeito aos habitantes. O facto de serem eles a ditar o exterior, contribuiria para um apropriação do espaço que os iria conectar com este e uma diferenciação entre si fruto das singularidades de cada pessoa.

No caso de La Bazana, o programa do Plano de Colonização requer 50 vivendas com propriedades agrícolas correspondentes, uma escola-capela mista, a casa-do-professor, um edifício administrativo, um espaço comercial e uma cantina. O projeto de Alejandro de la Sota, no entanto, não contempla todas estas estruturas. O edifício administrativo, por exemplo, não existe, sendo remetidas essas mesmas funções para o povoamento vizinho, Valuengo. Existe, portanto, a evidência da relação e interdependência dos povos de colonização entre si. A carência de serviços mínimos, como o comércio ou um posto de saúde, levou à posterior dificuldade em fixar população. A escola-capela acabou por ser o único edifício público projetado pelo arquiteto que, em conjunto com a casa-do-professor, foram remetidos para um pequeno planalto isolado, junto à via principal de acesso a Valuengo, destacando-se do núcleo urbano. Existiram alguns erros na passagem da proposta para a realidade, o que pôs em causa alguns conceitos chave. A proposta previa um edifício com orientação norte-sul e perpendicular à absida da capela. Entre esta construção e a casa-do-professor, localizava-se o pátio de recreio semipúblico, com pérgola. Contudo, na realidade, existiu uma mudança na orientação do edifício tendo conduzido, entre outras consequências, à redução de área do recreio que, inclusive, viu aumentar a pendente.

Quanto ao sistema de percursos, a localidade apresenta uma segregação entre as redes viária e pedonal. Os espaços pedonais são, essencialmente, as praças. São estas, inclusive, que dão acesso às habitações. A rede viária, por seu lado, é reduzida à acessibilidade às praças, pela importância que eles tomam no projeto e na vida da

população. A via principal atravessa o aglomerado na longitudinal e liga Jerez de los Caballeros a Valuengo; a via secundária contorna os núcleos habitacionais e, sendo mais adaptada à topografia, toma contornos mais orgânicos. As vias restantes são vias transversais que ligam a via principal à secundária e separam os cinco núcleos. Encontrando-se em contexto rural, esta definição pode ser ténue uma vez que a população circula por todas as vias disponíveis.

Além das zonas permeáveis entre a via principal e a zona residencial e as praças com arborização, a estrutura ecológica do aglomerado conta com um bosquete de proteção que perfaz o limite urbano a sul. Consiste num corredor ecológico capaz de proteger contra os elementos naturais bem como permite fechar o aglomerado sobre si próprio, impedindo que seja visto.

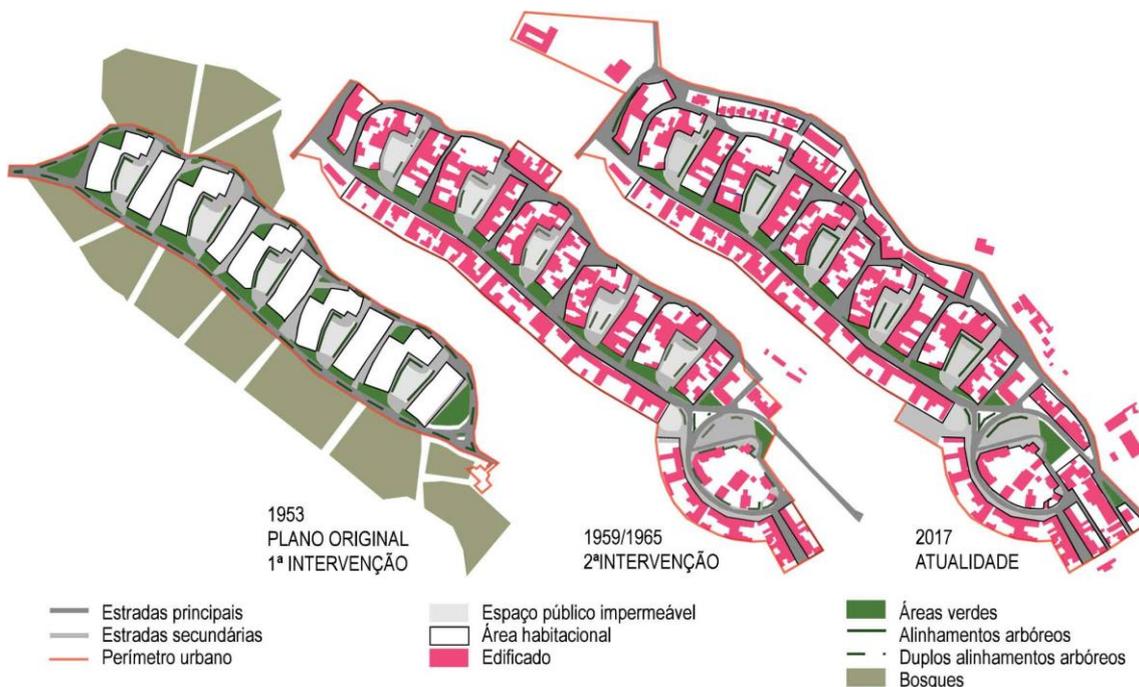


Figura 40: Evolução urbana. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

Com o decorrer do tempo, La Bazana foi sendo transformada, sendo de destacar dois momentos: a intervenção do arquiteto Perfecto Gomez entre 1959 e 1965 e a situação atual. A intervenção de Gomez foi considerada necessária pela carência de serviços mínimos mencionada anteriormente. Apesar de necessária, implicou alterações no traçado original que colocou em causa o conceito e os valores patrimoniais por ele sustentados. A intervenção respeitou, ainda assim, o desenho original das praças. O aumento da área construída resultou numa expansão do aglomerado. A escola-capela

e a casa-do-professor deixaram de estar isoladas e em destaque para passarem a ser parte do interior do tecido urbano. Em seu redor surge um novo núcleo desenquadrado dos restantes, contribuindo para a criação de um contínuo construído. Entre os novos edifícios surgem o *ayuntamiento* (corresponde à junta de freguesia), a igreja/centro paroquial, as oficinas, a leitaria, a Irmandade Sindical e o *coso*. O *coso* é uma pequena praça de touros e corresponde à construção mais tardia. A Irmandade Sindical data de 1960, encontra-se no centro da via principal e desenvolve-se em torno de três pátios, cada um com funções e usos diferentes. Apoia a agricultura e a pecuária, consistindo num sindicato onde os produtores colaboram no sentido de desenvolver a atividade. A leitaria é uma construção posterior a 1977, mas ainda se pode enquadrar nesta segunda intervenção. Devido à expansão urbana, a via principal que outrora fora exterior ao conjunto edificado, passa a ser um elemento interior capaz de dividir a intervenção original das que se seguiram. Ao mesmo tempo, a expansão levou o bosque a ver-se reduzido quase para a inexistência.

No que respeita à situação atual, voltamos a observar uma expansão urbana, desta vez a norte/nordeste. As novas construções consistem em habitações e alguns apoios agrícolas. De referir que as habitações, inclusive as já existentes, têm vindo a aumentar o número de pisos, indo contra a organização altimétrica do conjunto prevista pelo projeto original de De La Sota. Onde antes havia um padrão, núcleos com um piso onde sobressaía um único edifício maior, agora existe uma amálgama de construções que variam entre 1 e 3 pisos. Em termos de funções e usos do espaço, foi acrescentada uma área hoteleira, no extremo noroeste da localidade, e um campo desportivo junto ao *coso*. Dadas as proporções do espaço urbano atual, foi necessário construir uma via que perfaz o novo limite norte do aglomerado. No que respeita à estrutura ecológica¹⁶, encontra-se fragmentada e inconsistente. A estrutura ecológica fundamental acontece, pontualmente, junto aos cursos de água ou nos resquícios do bosque. A estrutura ecológica integrada, de praças, jardins e logradouros, encontra-se dispersa pelo tecido urbano sem conseguir criar qualquer continuidade. Excetua-se a estrutura ecológica cultural por ser aquela que tem mais consistência. O contexto rural com a presença de agro-sistemas tradicionais assim o permite.

¹⁶ Não existindo conhecimento acerca da existência da figura da Estrutura Ecológica, ou equivalente, no planeamento espanhol, recorreu-se à terminologia e tipologias portuguesas para melhor compreender e projetar o lugar.

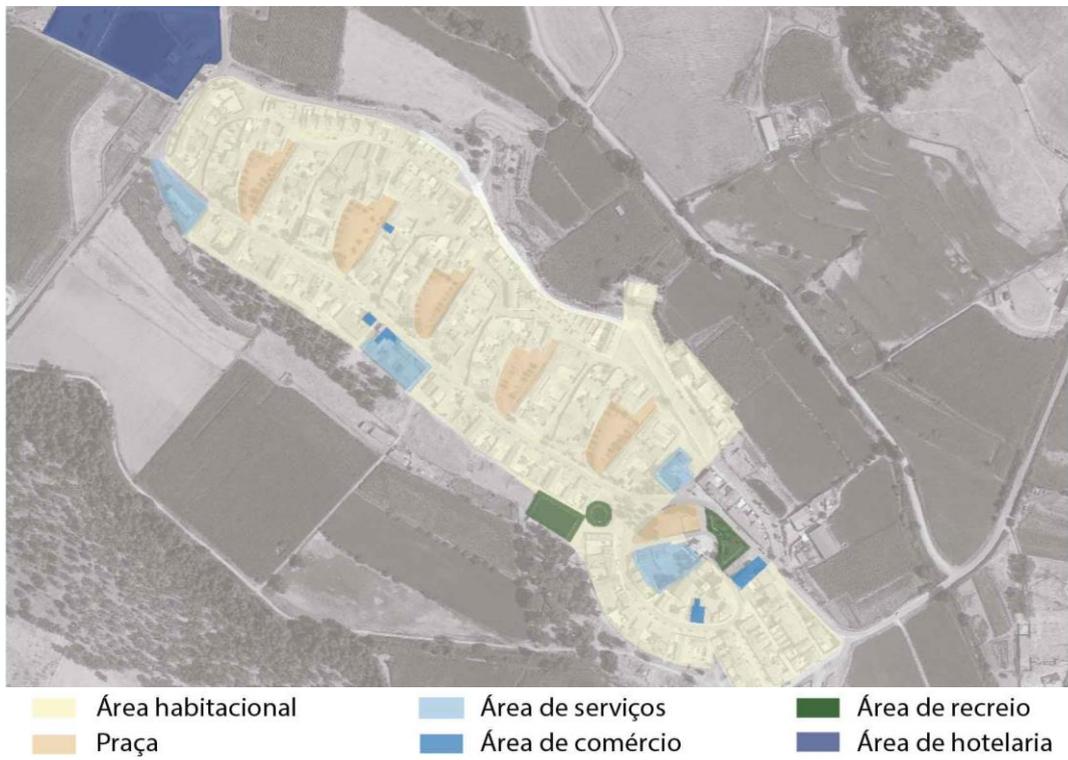


Figura 41: Zonamento atual. Escala 1:4500. Fonte: Equipa projetista.



Figura 42: Estrutura Ecológica. Escala 1:4500. Fonte: Equipa projetista.

4.4.4. Breve enquadramento socioeconómico

Apesar da tendência do espaço rural para perder população para as grandes cidades, desde o ano 2000, La Bazana verifica um ligeiro aumento populacional, mais concretamente, de 10 pessoas. Atualmente contam-se 332 pessoas, entre as quais, 116 homens e 166 mulheres numa população cada vez mais envelhecida. A população com idade inferior a 25 anos é parca. A atração e fixação de população, principalmente a mais jovem, torna-se essencial para a sobrevivência da localidade e, nesse sentido, qualquer proposta terá que considerar esta necessidade básica. O espaço urbano foi criado pelo homem e só persiste enquanto ele lá viver.

Os principais setores económicos da localidade, e do município em geral, são a agricultura e a pecuária. La Bazana tem uma importante relação com Jerez de los Caballeros, uma vez que parte da sua população ali trabalha. O tecido empresarial é inferior a 10 empresas e não consegue fazer jus à necessidade de emprego. Existe falta de postos de trabalho. Neste contexto, o desemprego é mais vincado no setor dos serviços, seguindo-se a indústria e a construção. Na agricultura, entre 2000 e 2014, não se verificou desemprego. Quem mais sofre com esta situação são as mulheres, principalmente as com idades superiores a 25 anos. O setor terciário é o que mais as emprega mas, ao mesmo tempo, é aquele que maior taxa de desemprego apresenta. Isto deve-se à falta de serviços na localidade, pelo que os existentes não conseguem suportar todos os desempregados. As contratações entre 2000 e 2014 são superiores para as mulheres acima dos 45 anos e superiores para os homens abaixo dessa idade. La Bazana, em termos de serviços, conta com recolha de resíduos sólidos, fornecimento de água potável, manutenção de espaços públicos, serviços sociais e culturais, posto médico, escola e um equipamento desportivo. O programa do concurso considera que carece, fundamentalmente, de transportes públicos e do aumento do tecido associativo (atualmente conta apenas com uma associação cultural).

4.5. Proposta

(Sugere-se o acompanhamento da leitura com o diagrama do Plan Acequia e com o plano geral – em anexo)

4.5.1. Conceito geral

O Plan Badajoz foi concebido na tentativa de contrariar a tendência de abandono e desertificação da província defendendo a conversão de extensas áreas de sequeiro em culturas de regadio. Para tal, seriam criadas infraestruturas e condições de vida para os colonos. As infraestruturas compunham-se de uma estrutura de irrigação complexa onde sobressaíam canais de irrigação que utilizavam a força gravítica para distribuir a

água, as “acequias”¹⁷. Estas, em conjunto com uma rede de percursos de mobilidade suave, relacionam e conectam todos os *pueblos de colonización*. A proposta assenta numa estratégia de desenvolvimento que é assegurada pela conectividade. Entenda-se que os povoamentos como La Bazana são frágeis quando vistos individualmente mas podem tornar-se consistentes e estáveis quando encarados em conjunto. Tal como acontece com as acequias, pretende-se criar uma rede de povos onde estes funcionam em conjunto, mas são individualmente autossuficientes. Esta visão proposta, estruturada num plano denominado Plan Acequia, usa a estrutura de acequias que interliga todos estes povoamentos como ponto de partida e metáfora para o planeamento. Ao mesmo tempo que se evidencia uma origem e situação atual comum, demonstra-se uma intenção: unir, criar vida, distribuir riqueza, criar oportunidades e gerar produtividade. Além do mais, subentende-se a importância da água como elemento de fertilidade, criador de vida – o mesmo que pretende a proposta.

A evolução da região foi marcada por profundas estratégias de desenvolvimento. De uma paisagem de sequeiro foi transformada numa paisagem fértil de regadio, que foi perdendo vigor e, no presente, comporta algumas fragilidades. Atualmente, os povoamentos de colonização encontram-se numa situação de desemprego, abandono, envelhecimento da população e falta de oportunidades, atratividade e produtividade. O Plan Acequia pretende, não só possibilitar a sobrevivência destas povoações, mas impulsioná-las. Através de uma organização centralizada, da Associação Acequia e de uma visão baseada em solidariedade, ecologia e promoção patrimonial, o plano defende uma gestão comum das funções produtivas dos povos de colonização, de acordo com o seu carácter individual e coletivo, com as suas sinergias e complementaridades. Os objetivos principais deste plano são: gerir a rede de povos de colonização, aumentar a produtividade da região, oferecer produtos e serviços de qualidade, atrair população, implementar o conceito de economia social e promover a qualidade de vida, a prosperidade, o sentido de comunidade, a felicidade, a segurança e a saúde. A estratégia do Plan Acequia pretende ter uma visão integrada de todos os setores que suportam as condições de vida humana e a manutenção sustentável da paisagem. La Bazana será o projeto-piloto que se prolongará, numa fase seguinte, para os vizinhos Valuengo e Brovales e, posteriormente, para os restantes povos de colonização do Plan Badajoz.

¹⁷ Do árabe “as-sáquiya”, o termo “acequia” designa um canal ou fosso por onde as águas são conduzidas quer seja para rega ou outro uso. Nas fazendas, é comum ver-se uma vala, ou acequia, para prevenir inundações (E-Cultura Group, 2014).



Figura 43: Marcos na transformação da paisagem e evolução da produtividade. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

A estratégia de desenvolvimento baseia-se em 7 princípios¹⁸ que serão os pilares de todas as intervenções ao abrigo do Plan Acequia – Dehesa (montado), Água, Património, Pessoas, Comunicação, Ciclos e Rede de povoamentos de colonização. O montado misto, enquanto sistema multifuncional integrado e sustentável, funcionará como fornecedor da matéria-prima necessária à indústria e ao artesanato e como impulsionador de serviços capazes de gerar emprego. A sua gestão implica a preservação do carácter do lugar e, conseqüentemente, poderá ter interesse turístico. O objetivo é despoletar o desenvolvimento das povoações a partir das suas características particulares, tirando partido das qualidades do lugar. As matérias-primas variam entre os espaços de *ager*, *saltus* e *silva*. No *ager* podem-se encontrar cereais e vegetais, no *saltus*, animais para alimento ou recreio, e na *silva*, madeira, pinhas, cortiça ou mel. Estes e outros produtos poderão vir a ser transformados, embalados, distribuídos e comercializados sobre a bandeira da marca Acequia. Quanto ao pilar da água, este assenta na importância ambiental e patrimonial deste elemento. Promove-se a sua infiltração e gestão consciente, evidencia-se a sua presença, respeita-se o seu valor simbólico e tira-se partido das suas qualidades recreativas. A sua presença passa a notar-se não apenas na paisagem envolvente, mas dentro do tecido urbano. No que respeita ao Património pretende-se valorizar, preservar e dar a conhecer o património local, seja ele cultural ou natural. A valorização pode acontecer através da reabilitação urbana, porventura com projetos de autoconstrução para envolver os cidadãos no processo, ou através da criação de novas valências e funções. A preservação pode, por sua vez, funcionar através de leis ou pela responsabilização individual e coletiva de quem põe em causa o património. Com vista a dar a conhecer o lugar, é promovida uma nova rota de mobilidade suave onde se unem os povoamentos de colonização – a “Rota da Acequia”. Como o próprio programa do concurso deixa claro, as pessoas que ali vivem são os protagonistas do espaço, a origem e consequência de todos os frutos que

¹⁸ Ver diagrama do Plan Acequia em anexo.

a estratégia pode trazer. Neste sentido, o pilar das “Pessoas” pretende dar à população o papel principal no processo de implantação e evolução da estratégia de desenvolvimento. Diga-se que a proposta assenta na existência de uma rede de cooperação entre toda a população tornando-a numa verdadeira comunidade. Todas as pessoas que habitam em La Bazana, e posteriormente nos restantes povos de colonização, farão parte de um sistema cooperativo onde todos terão um papel a cumprir como forma de alcançar o bem-comum. Existirá uma abordagem *bottom-up* onde as decisões são partilhadas e o futuro da localidade e dos cidadãos é responsabilidade de todos. Em termos de premissas mais concretas, serão criados fundos para a reabilitação de habitações, serão concebidas infraestruturas comunitárias e culturais, serão promovidas iniciativas multigeracionais e, por fim, serão incentivados os projetos de autoconstrução como forma de envolver a comunidade no espaço onde vive. O novo paradigma de desenvolvimento implica não só transformações físicas mas, essencialmente, adaptações a uma forma de vida coletiva e participativa. Através do sentido de comunidade poder-se-ão consolidar dinâmicas sociais. O pilar da “Comunicação” prevê ações ao nível da comunicação interna e externa. A interna baseia-se na participação pública, na articulação dos diferentes setores e na criação de instalações multigeracionais. A articulação dos setores diz respeito à interação entre as diferentes entidades e serviços urbanos, de modo a que todos se influenciem e suportem mutuamente. Por exemplo, a escola pode ter atividades nas estufas promovendo o conhecimento da terra junto das crianças e a interação entre estas e os trabalhadores. As instalações multigeracionais caracterizam-se por juntar faixas etárias diferentes no mesmo espaço, das quais o centro cívico é exemplo. Une as crianças do ATL com os idosos do centro de dia. Ambas as gerações têm algo a oferecer e a sua interação irá beneficiar todos. Quanto à comunicação externa, terá que existir uma promoção da marca Acequia enquanto fornecedor de produtos locais de qualidade. A venda dos produtos será essencial para a economia local. Os eventos e festividades terão também o seu papel na interação entre a localidade e o exterior. No que se refere ao pilar “Ciclos do Plan Acequia”, este incorpora a visão holística e integrada que se intenta com a proposta. A existência de ciclos abertos significa desperdício e, portanto, a manutenção de ciclos onde a energia não se perca é fundamental. Digam-se, ciclo de energia, de produção, de trabalho, de matéria, da água, da educação, de eventos e de proveitos económicos (economia circular). Por fim, quanto à “Rede de Povoamentos de Colonização”, remete para o sistema cooperativo onde a comunidade trabalha para o bem-comum e existe complementaridade de serviços e estruturas urbanas oferecidas.

Quanto à produção e funcionamento da marca Acequia, os povos irão partilhar os mesmos canais de distribuição dos produtos e irão criar uma rede de trabalhadores onde, ainda que de localidades diferentes, irão se ajudar em caso de necessidade. Quanto à complementaridade de serviços, pode ocorrer ao nível do sistema de educação, do sistema de saúde, das infraestruturas de recreio ou das instalações industriais. Por exemplo, uma localidade pode albergar um centro de transformação de azeite, lagar, e outra um centro de secagem. No fundo, a relação que existia originalmente aquando do Plan Badajoz entre os *pueblos de colonización* volta a existir numa versão atualizada.

A implementação do Plan Acequia (ver figura 44) terá como ponto de partida os povoamentos de colonização no seu contexto comum, passado e atual. Tirando partido do seu potencial, promove-se uma alteração de paradigma que viabilize o desenvolvimento local. A gestão do uso do solo é essencial para a estratégia e, nesse sentido, os proprietários dos terrenos poderão alugá-los à organização da Acequia – uma associação de moradores que fará a gestão da rede –, trabalhar num dos serviços do plano ou participar enquanto produtor.

Figura 44: (à direita) Plano de implementação. Fonte: Equipa projetista.



A gestão centralizada dos diferentes serviços da marca Acequia, pela associação com o mesmo nome, irá conduzir a melhores condições de vida, à criação de comunidades produtivas e à sobrevivência e prosperidade das localidades. La Bazana será a primeira localidade a ser intervencionada, seguindo-se Valuengo e Brovales. As outras localidades ir-se-ão juntar ao plano sucessivamente, quer seja pela proximidade, tipologia ou potencial. No final pretende-se a criação de uma rede de colonização produtiva baseada numa transformação social, económica e paisagística. Uma visão holística e integrada será fundamental na implementação e decorrer da estratégia.

4.5.2. Espaço de intervenção

Segundo o plano original de Alejandro de la Sota, as praças seriam o coração de La Bazana e o principal espaço de reunião, o bosque no limite urbano iria restringir a sua expansão e a estrutura desenhada iria permitir a criação de vistas privilegiadas sobre a paisagem. A grande maioria do espaço tinha funções de proteção, habitação ou recreio, com parca presença de serviços. No panorama atual, as praças não são usadas e encontram-se degradadas, os carros têm um forte impacto na ambiência do lugar e as construções desencadearam-se sem qualquer ordenamento, tanto que obstruíram as vistas e a relação com a paisagem. A área de habitação e serviços aumentou e, em contrapartida, deixou de existir produção. Com o Plano Acequia, a visão para 2020 consiste no restabelecimento dos antigos espaços de reunião e criação de novos, a segregação dos automóveis para os limites exteriores da localidade, a criação de vistas sobre a paisagem envolvente e a criação de um novo corredor ecológico que envolva o aglomerado. La Bazana será um espaço multifuncional onde habitação, serviços, produção, proteção e recreio estarão em proporções harmoniosas. Multifuncionalidade pode ser sinónimo de produtividade e, conseqüentemente, conduzir à sustentabilidade.

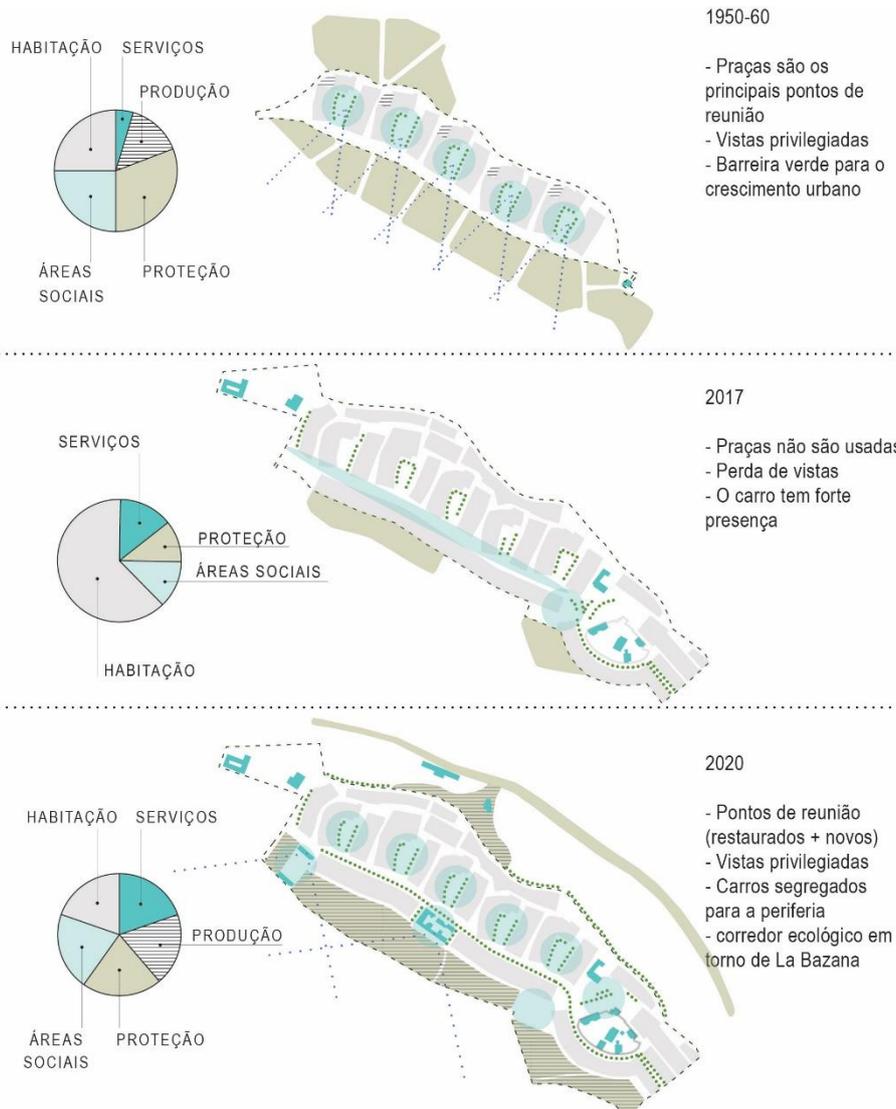


Figura 45: Evolução da multifuncionalidade em La Bazana. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

As praças voltarão a ser o coração de La Bazana. O espaço multifuncional e informal projetado por La Sota será devolvido ao peão, dando acesso a um verdadeiro espaço de recreio e reunião. Não podendo apagar a expansão urbana, é necessário voltar a estruturar o espaço urbano como um todo. Assim, surge uma nova praça envolvendo a escola-capela. Diferencia-se das demais por ser um centro de serviços dinamizador da localidade integrando os serviços existentes (igreja, escola, junta e o novo centro cívico) numa única área de uso pedonal. Soma-se-lhes um mercado ao ar livre para comercializar os produtos locais.

A proposta materializa-se em intervenções que promovem a produtividade, sendo previstas três infraestruturas públicas fundamentais para a nova dinâmica de La Bazana:

o centro cívico, a sede da Associação Acequia e o centro de transformação. O centro cívico localiza-se na antiga capela da escola, tomando um lugar estratégico e simbólico para a comunidade. Fundamental para a dinâmica social, oferece apoio à população contando-se serviços comunitários, programas multigeracionais ou apoio educativo. O edifício irá incorporar uma biblioteca, oficinas, uma sala multimédia e uma área multifuncional. Ainda que não estejam presentes no centro de serviços, existem duas estruturas fundamentais para a proposta, nomeadamente a sede da Acequia e o centro de transformação. A sede da Acequia localiza-se no edifício da Irmandade Sindical, no centro da via interior ao tecido urbano e de frente para o “coração” da localidade, transparecendo simbolismo. A sede é onde se encontram os serviços administrativos e de comunicação da associação. Além de ser o centro de operações, agrega áreas diversas como oficinas, escritórios, uma loja para comercialização dos produtos Acequia, uma cafetaria e sala de provas, o posto de turismo, uma estrutura de apoio à piscina pública e a paragem de autocarros. É a partir deste ponto que as pessoas se dispersam pelo tecido urbano. Este edifício toma como princípios e objetivos aqueles estipulados pelo Plan Acequia sendo o motor que viabilizará a estratégia. Por outro lado, é importante referir o centro de transformação como o grande dinamizador da economia local. É o espaço onde a maioria dos produtos são transformados, promove os produtos locais, emprega direta ou indiretamente grande parte da população e contribui para contrariar a tendência dos trabalhos sazonais. A estrutura tem diversas zonas para fazer face às diferentes fases do processo de produção e poderá vir a ser complementada por estruturas nos povos de colonização vizinhos.

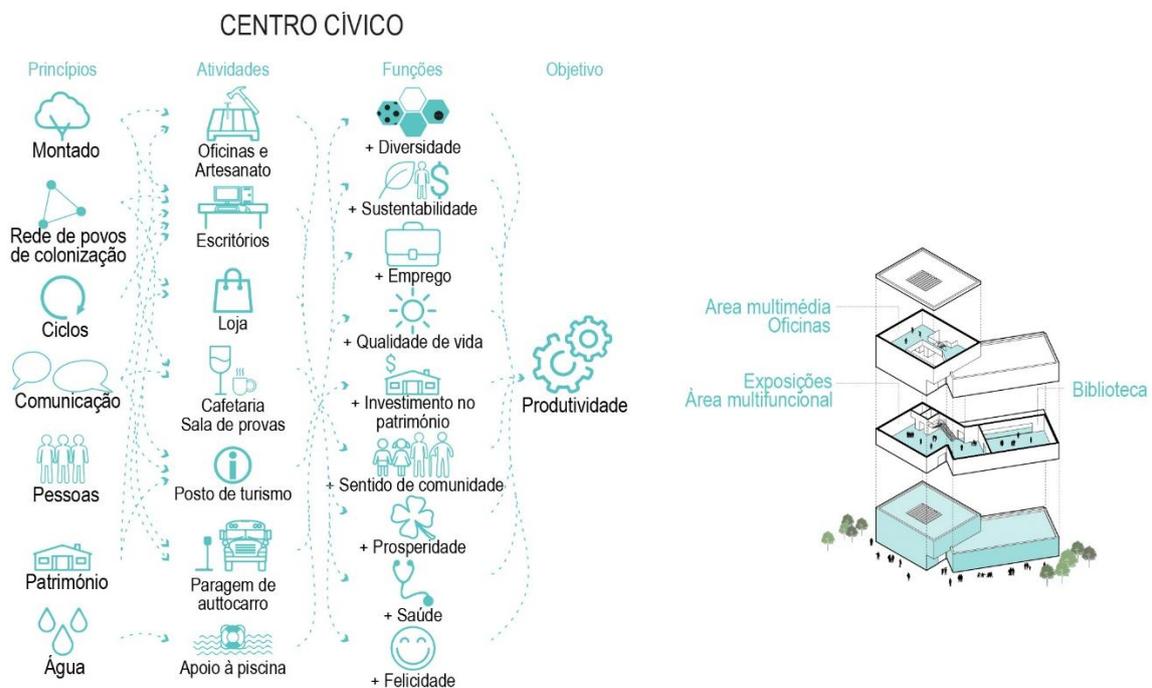


Figura 46: Instalações públicas fundamentais para a produtividade e comunidade em La Bazana: centro cívico. Fonte: Equipa projetista.

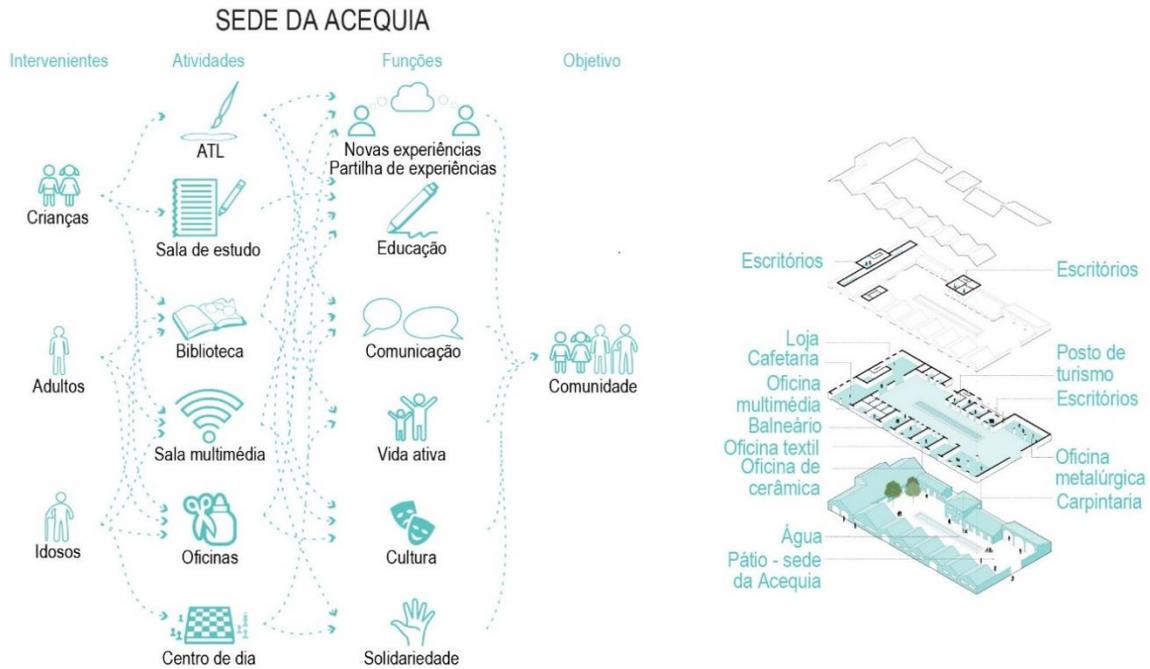


Figura 47: Instalações públicas fundamentais para a produtividade e comunidade em La Bazana: sede da Acequia. Fonte: Equipa projetista.

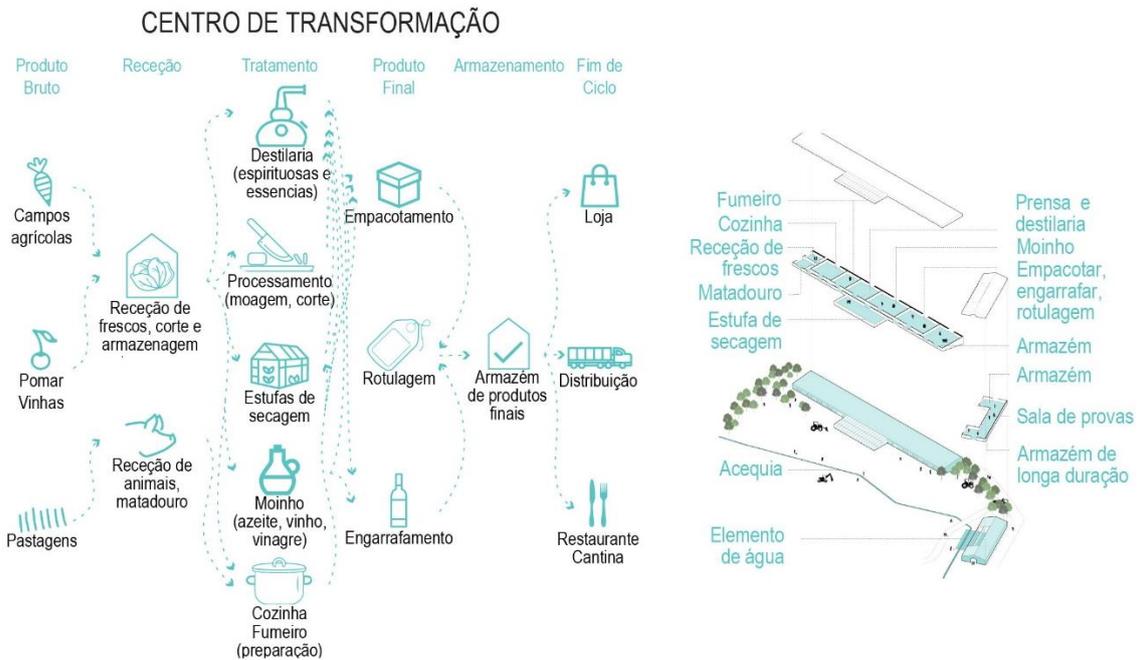


Figura 48: Instalações públicas fundamentais para a produtividade e comunidade em La Bazana: centro de transformação. Fonte: Equipa projetista.



Figura 49: Vista sobre o claustro da sede da Acequia (à esquerda) e sobre a antiga leitaria (à direita) que é hoje um espaço multifuncional com picadeiro. Fonte: Equipa projetista.

A proposta baseia-se também na restauração dos sistemas ecológicos e urbanos como base para uma rede produtiva. O corredor ribeirinho é replantado com os diferentes estratos da vegetação ripícola potencial e, a partir desta estrutura, vários corredores ecológicos conectam esta área de frescura aos meandros urbanos permitindo que as brisas fluam para a cidade. Como complemento desta nova estrutura ecológica, as parcelas agrícolas são limitadas por sebes. O bosque planeado originalmente será restabelecido sob a forma do novo Parque de La Bazana, com funções de produção, proteção e recreio. Encontrando-se no limite da localidade, intenta controlar a expansão urbana e preservar o carácter rural. Fazendo a transição entre o *ager* e a *urbe* existem caminhos que aproximam as pessoas de ambas as realidades. O parque oferece vários programas para a comunidade - um estábulo para cavalos e área de equitação, uma piscina orgânica pública, uma área de acampamento e grandes áreas de recreio informal. O estábulo localiza-se junto à Antiga Leitaria e pretende promover atividades recreativas e desportivas como passeios equestres ou aulas de equitação. A sua presença evidencia um potencial que fora esquecido, uma vez que os cavalos são parte da cultura local. A Antiga Leitaria, por sua vez, será restaurada tendo em consideração as suas características e funcionará como um espaço multifuncional capaz de albergar diversos eventos. Apresenta, inclusive, um restaurante e um espaço para fazer workshops. Quanto à piscina orgânica pública, a ideia é criar um elemento de água de grandes dimensões que faça a transição entre as infraestruturas de irrigação dos campos agrícolas e a presença lúdica da água em espaço urbano. Além de atrair pessoas para dentro do parque, é um espaço de frescura que encerra várias funções ecológicas. O facto de permitir o uso por parte da população significa mais dinâmica para a localidade e promove um estilo de vida ativo. O programa do concurso sugeria a criação de uma estrutura desportiva. Sendo que já existe um pavilhão em La Bazana e outros nas localidades vizinhas, a estratégia passa por criar uma estrutura complementar às existentes que possa ser usufruída por uma população mais abrangente do que apenas a de La Bazana. No que respeita à área de campismo, pretende-se uma zona de estadia inserida no contexto do parque e que mantenha com

este uma relação informal. Não existindo barreiras físicas, o funcionamento do parque e da área de campismo dão-se de forma harmoniosa, permitindo aos utilizadores um contacto próximo entre si e entre eles e a natureza. Os visitantes ou trabalhadores temporários têm, neste sentido, duas opções de alojamento: o campismo ou a pousada. Esta localiza-se nas proximidades da localidade, a 500m, mas suficientemente afastada para possibilitar uma conexão entre os visitantes e a paisagem. O edifício é pré-existente e encontra-se ao abandono, propondo-se a sua requalificação. Na transição entre o Parque de La Bazana e o centro de serviços encontra-se o “coso”. Sendo ainda utilizado nas festividades, decidiu-se preservar a sua estrutura e carácter multifuncional. Contudo, as áreas envolventes serão reabilitadas para integrar melhor a construção no tecido urbano.



Figura 50: Programas que promovem a produtividade e comunidade em La Bazana: pousada, piscina orgânica e antiga leitaria. Fonte: Equipa projetista.



Figura 51: Vista sobre a pousada (à esquerda) e a piscina orgânica (à direita). Fonte: Equipa projetista.

O programa proposto engloba ainda uma cantina para toda a população, trabalhadores e visitantes. Esta posiciona-se junto à escola, numa construção pré-existente. Considera-se um complemento ao restaurante da antiga leitaria apresentando uma tipologia diferente. Na área adjacente, tirando partido de uma torre ao abandono, é proposto um miradouro. De mencionar que todas as intervenções podem assumir-se como projetos de autoconstrução, onde a população é chamada a dar o seu contributo.

Como referido anteriormente, a proposta pretende destacar a presença do elemento de água no seu valor estrutural e simbólico, trazendo-o dos campos agrícolas para o tecido urbano. O seu carácter é preservado e multiplicado por toda a localidade assumindo diferentes configurações. À semelhança das praças originais, a nova praça de serviços incorpora um elemento de água que direciona os transeuntes para o parque onde irão encontrar a piscina biológica. Mais ou menos visível ao utilizador, a circulação, retenção e infiltração da água foram fatores determinantes no desenho urbano. Através da sua consideração existe uma forte ligação à identidade do lugar.

A proposta pretende, simultaneamente, retirar o impacto da sazonalidade nas dinâmicas da população. A maioria das atividades e dos empregos são na época estival, impedindo a qualidade de vida e um desenvolvimento estável. Sem rendimentos, atividades ou dinâmicas contínuas no tempo, não é possível alcançar um desenvolvimento gradual do território, nem oferecer estabilidade, sinónima de qualidade de vida, às famílias. Nesse sentido propõem-se atividades e empregos associados ao programa e às tradições locais, capazes de tornar La Bazana num local produtivo ao longo de todo o ano. De salientar o Festival Acequia que marca o início de uma nova etapa na vida da região e, além do mais, colmata uma época do ano sem festividades. Atente-se no seguinte gráfico onde, quanto mais intensa a cor, mais intensa a atividade.

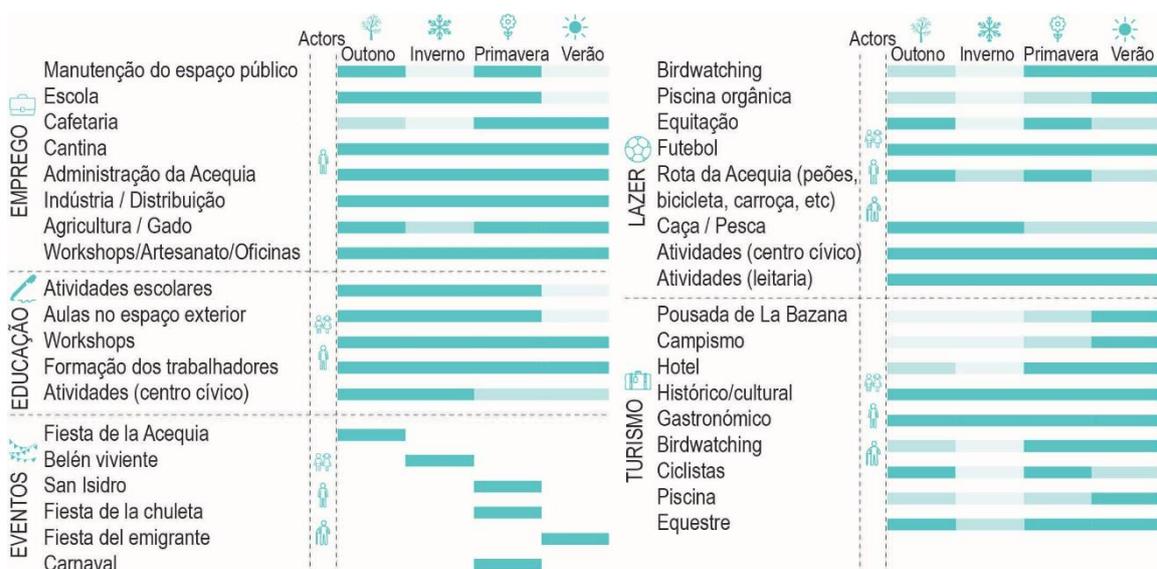


Figura 52: Sazonalidade - Calendário proposto. Fonte: Equipa projetista.

4.5.3. Implantação faseada do projeto

Para assegurar a viabilidade da estratégia, a intervenção em La Bazana acontecerá em três fases. Em todas as fases é previsto um PCC (Projeto Construído pela Comunidade), ou projeto de autoconstrução, a fim de reduzir custos e envolver a comunidade no processo de transformação. Deste modo poder-se-ão desenvolver ligações emocionais capazes de unir as pessoas em comunidade, bem como conectar a comunidade à terra. Os PCC a seguir mencionados foram selecionados pela equipa projetista, podendo a comunidade decidir participar em outros projetos. Na primeira fase serão construídos a sede da Acequia e o centro de transformação, por serem os dois elementos fundamentais para impulsionar a produtividade. O parque, bem como os equipamentos a ele associados, também serão implementados nesta fase restabelecendo uma continuidade ecológica, impedindo a expansão urbana e proporcionando um novo espaço de recreio e lazer para a comunidade. A piscina orgânica foi o PCC selecionado para a primeira fase de implementação, podendo incorporar um propósito educativo, nomeadamente ao nível do ciclo da água e da depuração feita pela vegetação. Esta fase tem a duração prevista de 5 anos.

A segunda fase caracteriza-se por dois objetivos principais, mais especificamente, aumentar a capacidade de produção ao construir um edifício de armazenamento perto do centro de transformação e melhorar o espaço urbano existente. A nova praça será intervencionada incluindo a requalificação da área envolvente ao coso e a construção do centro cívico. As cinco praças do projeto também serão requalificadas, tendo sido as áreas selecionadas para o projeto comunitário. A envolvência da população nesta intervenção contribuirá para que tenha presente a história do lugar onde vive e, ao mesmo tempo, perceber as novas regulamentações urbanas. Esta fase tem prevista uma duração de 5 anos.

No que respeita à terceira fase de implementação, serão implementadas todas as funções complementares. Digam-se a pousada, a cantina e a cafetaria. Estas terão um papel importante no quotidiano dos moradores e trabalhadores de La Bazana. Com vista a melhorar as funções ecológicas e aumentar a produtividade agrícola, será restabelecida a vegetação ribeirinha através de ações de plantação ao longo das linhas de água, sendo este o último PCC selecionado. Para a requalificação do corredor ribeirinho é proposto um projeto multigeracional que conta com a participação do centro cívico e da escola. Esta última fase tem a duração de 5 anos. Finalizada a implementação da proposta em La Bazana, a evolução da estratégia ditará quando o Plan Acequia se propagará para os restantes povos de colonização. É fundamental entender que La Bazana é apenas a primeira fase de um processo complexo de desenvolvimento de uma região.

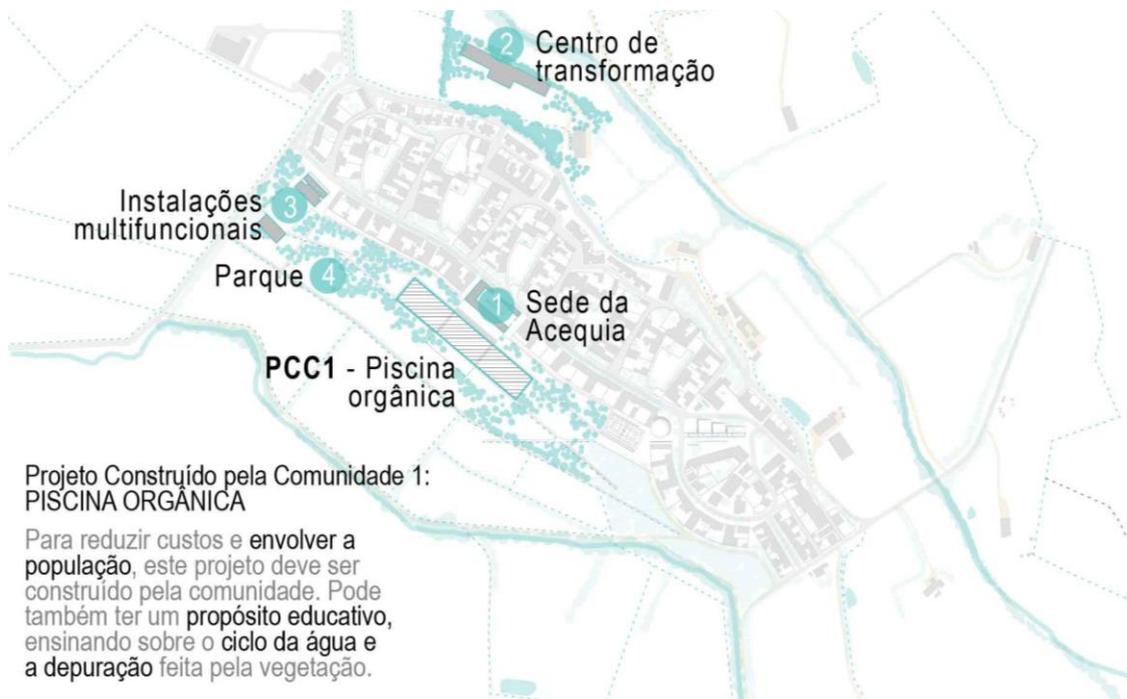


Figura 53: Fase 1 da implementação do Plan Acequia - 2020/2025. Fonte: Equipa projetista.

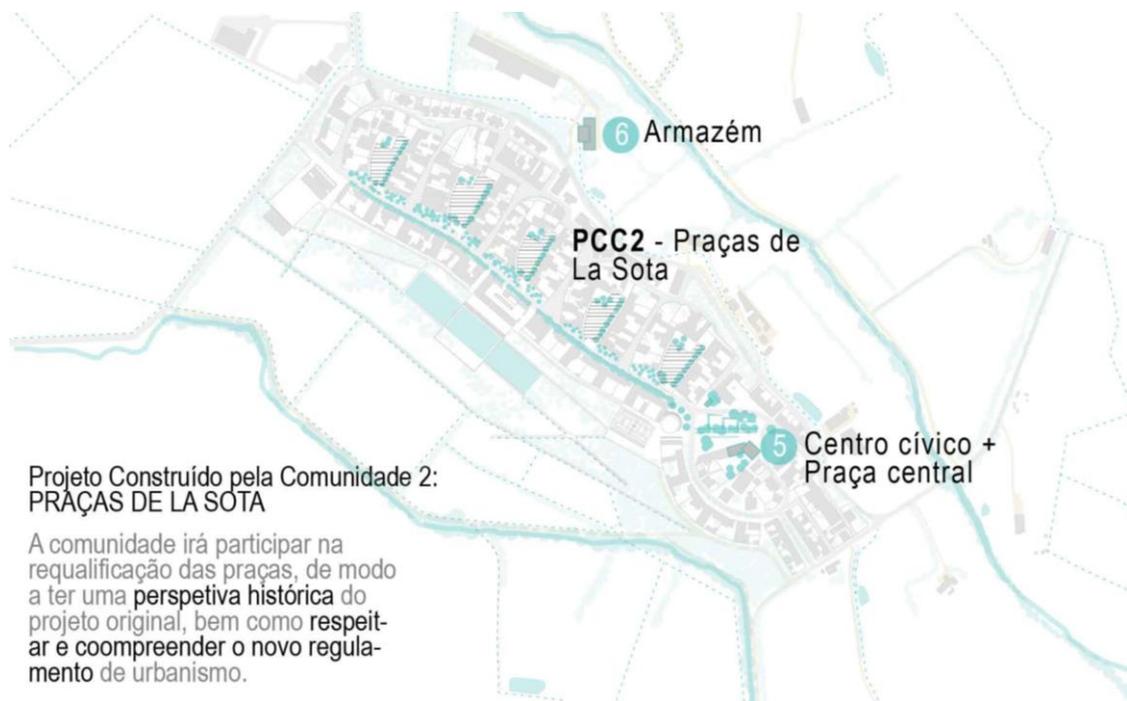


Figura 54: Fase 2 da implementação do Plan Acequia - 2025/2030. Fonte: Equipa projetista.

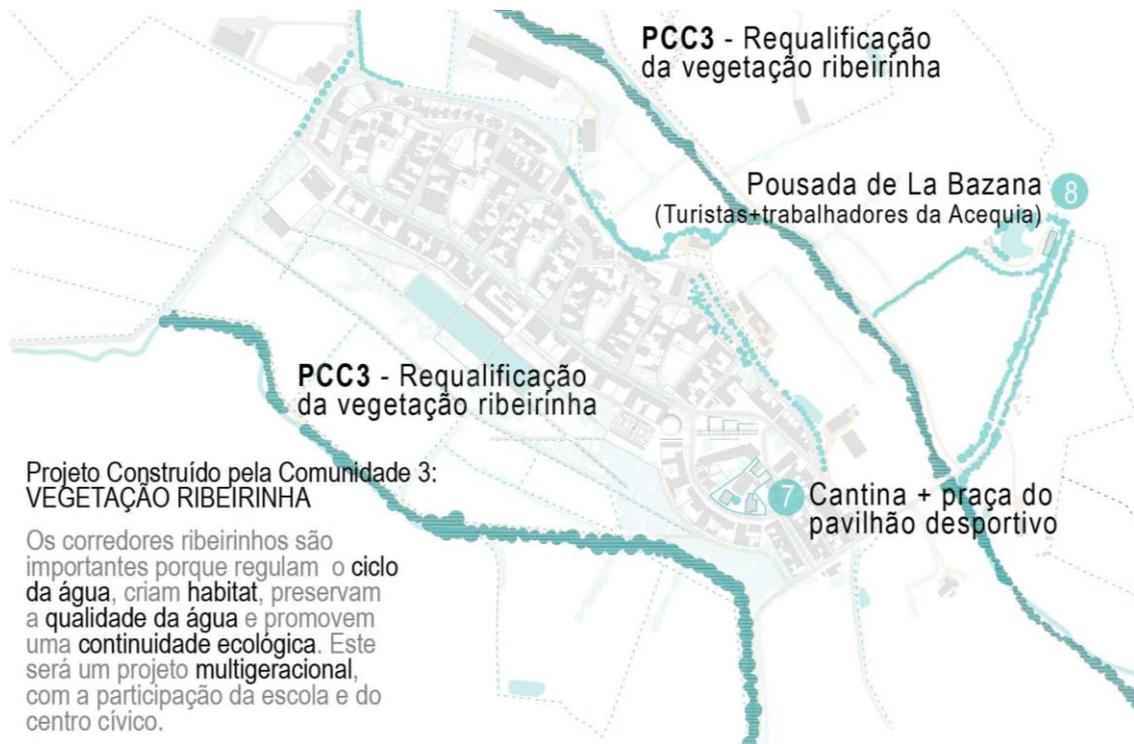


Figura 55: Fase 3 da implementação do Plan Acequia - 2030/2035. Fonte: Equipa projetista.

4.6. Paisagem Global em revista: Entre a identidade e a globalização

O caráter do lugar e a sua identidade são o resultado da combinação única de fatores e processos ecológicos, culturais e socioeconómicos refletindo a história de um território num dado momento (Cancela d'Abreu, 2007). Assim, a identidade é uma construção no tempo, dinâmica e relativa a um lugar concreto. Numa relação simbiótica com o homem, tem um valor imaterial ao qual está associado um sentimento de pertença. Ao ser um processo de construção onde as comunidades humanas têm um papel fundamental, o caráter do lugar e a identidade tornam-se o reflexo da memória coletiva das populações. Esta memória é o resultado e a garantia da identidade. Assim, se por um lado é uma construção, por outro carece de um reconhecimento. Reconhecer a identidade de um lugar não é mais do que compreender a sua paisagem. Cite-se Italo Calvino em *As cidades invisíveis*:

“(…) Uma descrição de Zaira tal como é hoje deveria conter todo o passado de Zaira. Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes.”

(Calvino, 2016, pp. 26-27)

No entanto, a identidade dos lugares, a memória e o sentimento de pertença encontram-se ameaçados pela globalização. Entenda-se, o fácil contacto entre comunidades e lugares permite uma permeabilidade que conduz à homogeneidade, quer da sociedade, quer da paisagem. Verifica-se uma repetição de identidades que é o mesmo que dizer uma não-identidade. Ao mesmo tempo, o próprio progresso técnico (produção, transportes, entre outros) leva a que a interdependência entre a paisagem e os seus habitantes se vá diluindo. A reprodução de práticas, vivências e modelos conduzem à perda de autenticidade o que compromete o carácter e a identidade dos lugares (Caldeira Cabral cit in Matos, 2011). Esta padronização coloca, assim, em causa a continuidade intrínseca à paisagem, por exemplo no que respeita aos fluxos culturais, bem como à diversidade que a caracteriza. Sem cultura e sem identidade, as sociedades permanecem desenraizadas e o que não tem raiz dificilmente sobrevive.

Como atuar numa atualidade regida pela comunicação, tecnologia e inovação, numa sociedade sem pátria ou em lugares sem fronteiras? A resposta poderá encontrar-se no equilíbrio, numa abordagem de compromisso entre a história e a inovação, entre a identidade local e global. Não se deverá cair no erro da musealização, como também não se deverá limpar os vestígios da ocupação anterior. O progresso é criado a partir da herança protegendo, fortalecendo e reafirmando uma identidade. Contextualizada num mundo cada vez mais pequeno com necessidades próprias, os lugares devem ser integrados nessa escala maior, mas viverem da sua escala própria. Os seus habitantes são cidadãos do mundo mas, em primeira instância, a sua casa são as ruas que percorrem, os jardins onde descansam, o horizonte que a vista alcança. As suas memórias são as memórias do lugar onde vive, a sua identidade nasce da identidade da paisagem que o envolve, a sua sobrevivência depende da firmeza da sua raiz. No caso de La Bazana, proteger a identidade foi fulcral para conseguir uma proposta viável que permitisse a sobrevivência do povoamento. Sem atender ao carácter do lugar, não se conseguiria alcançar uma estratégia fundamentada e exequível. Conhecer e contextualizar é fundamental. Por exemplo, no que respeita à ligação urbano/rural, tão importante para a paisagem global e destacada no caso de La Bazana, deve tirar partido de uma identidade própria, individual e de conjunto. Ao invés de se tornarem híbridas as características urbanas e rurais, devem-se aproximar os modos de vida e as culturas através da partilha de uma identidade. Na articulação entre os dois espaços, surgem o *continuum naturale* e o *continuum culturale* (Matos, 2011). Assim, destaca-se a

importância de existir uma linha cronológica que, apesar de distinguir momentos onde a paisagem sofreu transformações, salienta que a paisagem é um processo onde a atualidade carece de novas formas e funções mas não suprime aquelas do passado. O Plan Acequia é um novo capítulo de uma história e, por isso, está intimamente ligado à origem e ao que se pretende que sejam os desenvolvimentos seguintes. Mais concretamente, o plano original de La Sota foi tido em consideração e, porventura, adaptado às condições atuais. O elemento de água como fonte de vida e base da população foi enaltecido trazendo a paisagem envolvente para dentro dos meandros urbanos. O programa e as novas funções propostas em tudo estão relacionadas com as idiossincrasias locais e regionais. Não faria sentido de outro modo. Quem vive em La Bazana quer viver lá pelo seu caráter singular, ou então poderia viver num outro lugar qualquer pois seriam todos iguais. A diversidade é a riqueza do mundo e das comunidades. A estratégia de desenvolvimento presente no plano foi concebida para um contexto específico tornando-o viável e dificilmente replicável.

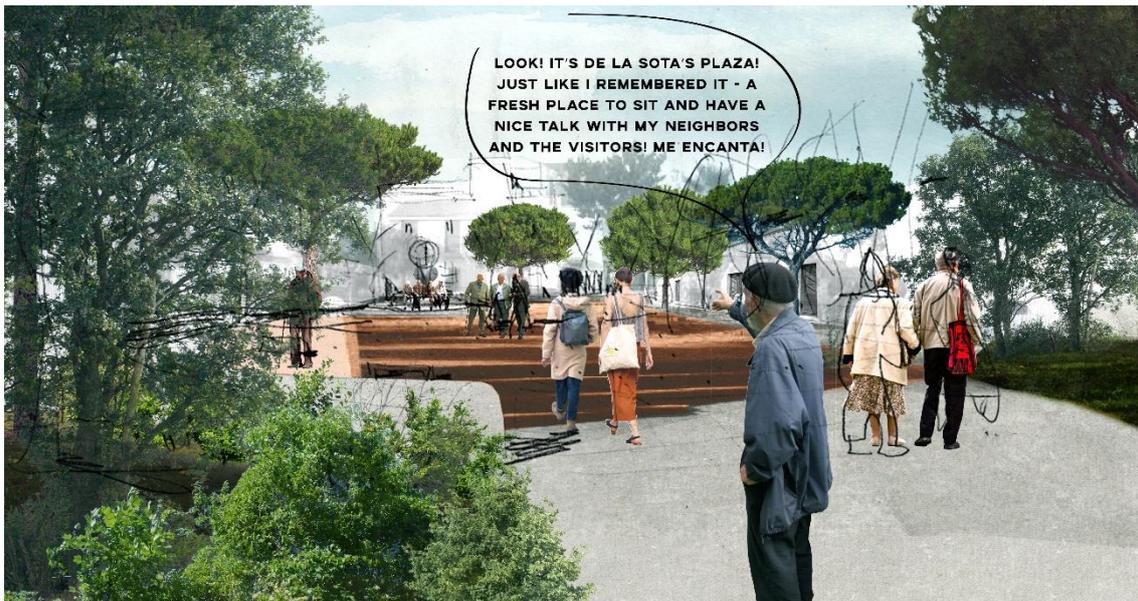


Figura 56: Vista sobre a entrada de uma das praças originais, com a sobreposição do desenho de Alejandro de la Sota. Fonte: Equipa projetista.

4.7. Conclusões preliminares

A paisagem é um processo onde o tempo é protagonista. Uma sobreposição de camadas que formam e refletem a História. É na paisagem que estão gravados os momentos do passado, se vivem os momentos presentes e se sonha com o futuro. Assim, ela faz a ponte entre o tempo passado e futuro protegendo uma continuidade

que transmite um sentimento de pertença à humanidade e, conseqüentemente, de segurança. Se perceber de onde vem, o homem aprende para onde vai. A espessura temporal da paisagem, em estreita relação com a evolução espacial, cria progressivamente um caráter singular. Este forma-se por características físicas concretas, mas também por ligações imateriais e sensíveis com o homem. Deste caráter resultará uma identidade na qual a humanidade se reconhece e forma a sua própria identidade. Para Norberg-Schulz, o homem só consegue habitar os lugares que para ele têm significado, com os quais se consegue identificar, nos quais se consegue movimentar (Paiva, 2009). É mais do que um abrigo, é um lar. Os lugares e a paisagem são responsáveis por criar e registrar a memória coletiva da humanidade permitindo que ela se sinta parte integrante do todo. Os sentimentos de pertença e integração são essenciais ao ser humano para que este possa, efetivamente, habitar. Ora, a paisagem global pretende conectar o homem com a natureza e, ao mesmo tempo que protege a identidade dos lugares, permite que o homem consiga neles habitar. No entanto, os efeitos da globalização ameaçam os fundamentos da paisagem global ao simplificarem a paisagem, criarem homogeneidade e, no fundo, descaracterizarem-na. Ser parte de algo maior é tentador, mas são as íntimas ligações que permitem ao homem e à natureza sobreviver. A diversidade perde-se em detrimento de uma simplificação, a singularidade perde-se em detrimento da homogeneidade. Carecendo de identidade, como habitar em lugares que não nos pertencem? Carecendo de espírito, como conectar com uma natureza falsificada? Carecendo de relações, como proteger um sistema? Retornemos às raízes. Não retornemos ao ponto inicial, mas solidifiquemos a nossa base.

O presente projeto foi aquele que mais interesse me suscitou pela abordagem que tomámos. Não é necessário existir um desenho forte quando as necessidades da população são mais profundas carecendo, fundamentalmente, de uma estratégia. Habitados a trabalhar no espaço ao nível do desenho e da matéria, foi muito importante perceber como a arquitetura paisagista pode trabalhar a um nível não-palpável mas essencial. A própria estratégia defendida tem, na sua essência, os fundamentos da disciplina. Sendo concebida sobre o caráter do lugar, a estratégia tem uma visão integrada e condições para ser viável. É interessante perceber como, a ser implementada a proposta, poderemos mudar definitivamente a forma de vida daquela comunidade.

Em termos de processo criativo, foi interessante perceber que quando encontrado um conceito forte, todo o trabalho tem um sentido. O *brainstorm*, que por vezes acontece na equipa, tem impacto no desenvolvimento do projeto mas, acima de tudo, em nós, como forma de abrir horizontes e, seguindo os princípios da arquitetura paisagista, ter uma abordagem diferente e inovadora. Partindo das mesmas premissas, as abordagens podem ser completamente diferentes. O trabalho em equipa é, neste contexto, essencial para romper ideias preconcebidas, rever conceitos e práticas ou completar e estruturar pensamentos.

5. W.E.B. West East Bond Projeto para o corredor Oxford/Cambridge, Reino Unido

Ter uma visão utópica significa caminhar para algo inalcançável, mas é esta utopia que nos permite perceber para onde queremos ir. Num mundo onde opera um caos de vontades e interesses, é imperativo alcançar um denominador comum que nos faça atuar com um mesmo propósito, que nos faça caminhar num mesmo sentido, que nos impeça de andar em círculos. Há que encontrar o equilíbrio. Porque pensar na paisagem é pensar na humanidade, encontremos a utopia que sustente todas as formas de vida.

“A construção da paisagem humanizada faz-se procurando harmonizar interesses do homem com a Natureza porque ele é, ao mesmo tempo, senhor e escravo dela.”

(Ribeiro Telles, 2016)

5.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: Ana Queirós e José Maia

Direito: Helena Barbosa Amaro

Geografia: ICA - Climate Independent Adviser

Geobotânica e fitossociologia: Mauro Raposo

Engenharia civil e ambiental: André Gomes Antunes e Márcia da Mina Silva

Plataforma multidisciplinar: Ateliermob

Criatividade e Inovação: Mindshake

5.2. Programa do concurso

O organizador da competição é a “Malcolm Reading Consultants”, enquanto a entidade promotora é a “National Infrastructure Commission”. Esta surge como a entidade que apresenta as necessidades em infraestruturas ao parlamento para que este possa atuar nos cinco anos seguintes. A competição encontra-se dividida em duas fases. A primeira consiste na entrega da visão defendida (proposta conceptual) e dos detalhes da equipa, sugerindo-se uma equipa multidisciplinar. Depois da avaliação do júri, o organizador irá contactar os participantes para comunicar-lhes se estes seguem ou não para a segunda fase. Apenas quatro equipas irão prosseguir. Nesta fase, serão atribuídos novos *briefs* e os projetos consequentes irão integrar o relatório final da Comissão a entregar ao parlamento.

O corredor de ligação entre Cambridge e Oxford abarca a faixa envolvente ao *greenbelt* de Londres. Este, muitas vezes, restringe a expansão urbana dos aglomerados presentes na faixa, não possibilitando a satisfação das necessidades de habitação que existem e, conseqüentemente, encarecendo os preços praticados pelo setor imobiliário. Caracterizado pela presença de universidades e empresas de trabalho qualificado, o corredor tem a sua economia baseada numa “economia de conhecimento”. Além disso, apesar da construção de novas vias e de uma ferrovia, verificam-se dificuldades nos transportes e na mobilidade dentro e entre localidades. O programa identifica, ainda, a carência de lugares atrativos. As presentes deficiências põem em risco o crescimento económico deste importante eixo.

Neste contexto, o objetivo do concurso é apresentar uma proposta conceptual inovadora

para resolver os problemas do corredor estimulando um crescimento sustentável, criativo e inteligente. Deverá explicitar uma visão, os princípios de desenho e as diretrizes. Mais especificamente deverá atender ao desenho do lugar, às infraestruturas e à habitação. Segundo uma abordagem única, a proposta deverá defender uma economia conjunta, uma rede de conhecimento e a preservação da identidade de cada lugar intensificando a identidade do corredor como um todo. Assim, a proposta deverá incorporar conceitos como conectividade, multifuncionalidade, identidade e necessidade. No fundo, pretende-se uma estratégia que melhore a qualidade de vida da população. O programa do concurso sugere algumas formas de crescimento, ainda que possam ser sugeridas outras, novas ou híbridas. As tipologias conceptuais devem fazer um balanço de diversos critérios, mais concretamente: qualidade de vida, impacto no carácter do lugar, forma urbana, uso do solo, paisagem, ecologia, sustentabilidade, requisitos e restrições do planeamento, património, viabilidade, administração, subsídios, entre outros. Neste sentido, pode acontecer uma “intensificação urbana”, “lugares conectados” ou “lugares autónomos”. A “intensificação urbana” implica densificar os aglomerados existentes tanto no centro como na periferia e subúrbios, os “lugares conectados” consistem num desenvolvimento que tira partido das infraestruturas e do aglomerado existente e os “lugares autónomos” focam-se em novos assentamentos com escala suficiente para exigir, manter e operar a sua própria estrutura urbana.

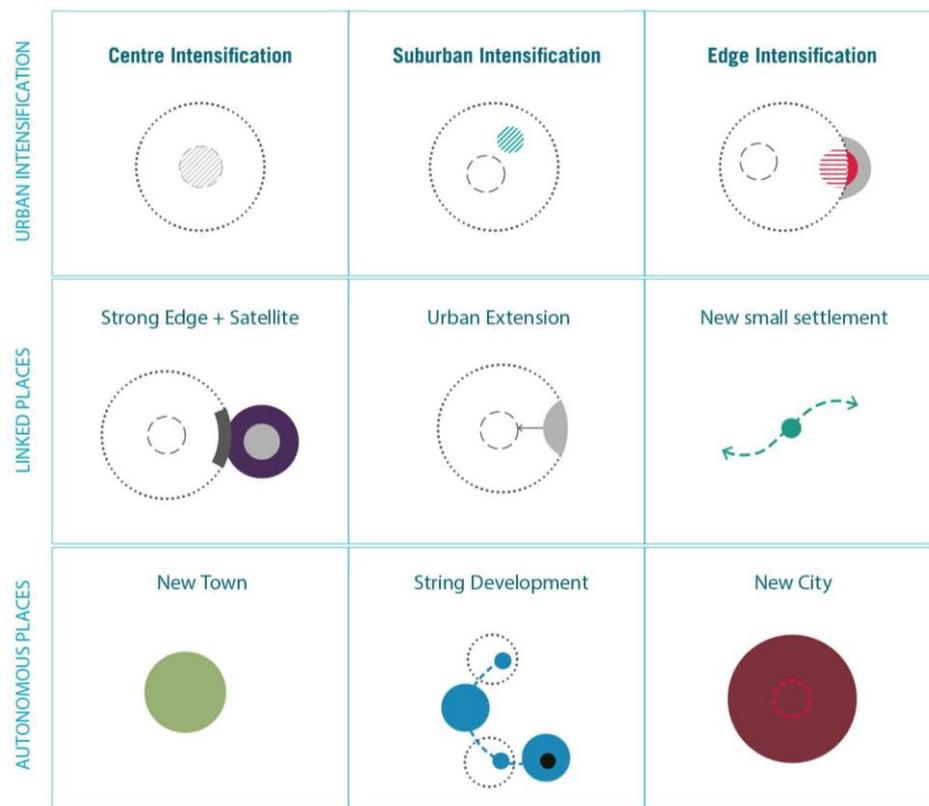


Figura 57: Potenciais formas de crescimento para o corredor. Fonte: 5th Studio; Programa do concurso.

5.3. Área de intervenção

O corredor entre Oxford e Cambridge abarca uma faixa de 209,21km de extensão e 10100,95km² de área ao longo das vertentes norte e oeste da cintura verde, ou *greenbelt*, de Londres, em Inglaterra. Encontra-se limitado, a norte, por Daventry e Wellingborough e, a sul, por Luton, Stevenage e Aylesbury. Pela proximidade à capital e por ser uma zona próspera, conta com uma população de, aproximadamente, 3,3 milhões de pessoas com tendência a aumentar. Com necessidade de crescer, os três *greenbelts* que circundam Oxford, Cambridge e Londres, apresentam-se como uma restrição ao crescimento urbano. Além disso, os principais assentamentos posicionam-se junto dos rios principais e, portanto, em zonas de cheias. As cidades de Bedford, Northampton ou Aylesbury, não estando condicionadas pelas cinturas verdes, carecem de planeamento.

As cidades e vilas presentes no corredor são as mais prósperas e com maior crescimento de Inglaterra. Os setores da educação e da tecnologia, por exemplo, encontram-se bastante desenvolvidos. Contudo, apesar de produtivas, as cidades apenas estabelecem ligação com Londres, carecendo de ligações entre si. O objetivo do presente concurso é criar uma estratégia de ordenamento do território que, invés de considerar os municípios isoladamente, considera o corredor no seu todo. Deste modo poderá ser desenvolvida uma estratégia de conexão entre todos os aglomerados, ao mesmo tempo que se faz face às diversas necessidades da população. Se há pouca oferta de habitação perante a crescente procura, terá que haver uma intervenção que colmate a situação sem pôr em causa, por exemplo, as áreas de importância ecológica.

Qualquer proposta defendida terá que corroborar as necessidades urbanas sem comprometer a eficiência do espaço rural envolvente. Qualquer proposta deverá assegurar o sistema cultural e o sistema natural, assentando portanto na visão de paisagem global.

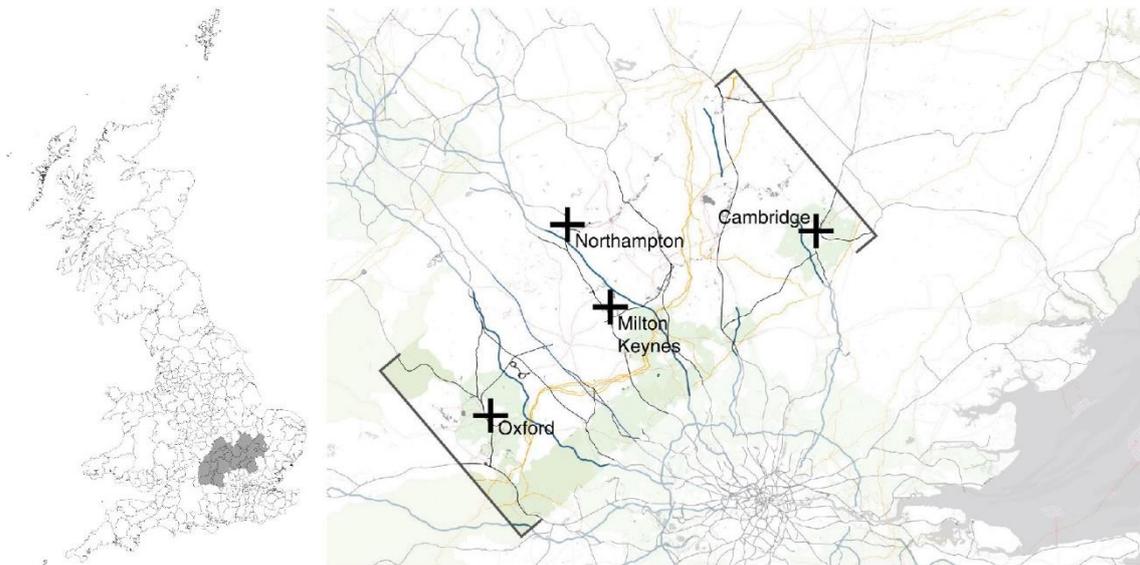


Figura 58: Posição do corredor face ao país e à capital. Fonte: 5th Studio; Programa do concurso; Cambridge – Milton Keynes – Oxford corridor: Interim report.

5.4. Análise do espaço

5.4.1. Enquadramento

Segundo a classificação climática de Köppen e Geiger, o clima da zona em estudo classifica-se como Cfb, ou seja, um clima temperado marítimo húmido com verão temperado. Entenda-se, um clima mesotérmico com temperaturas médias de 9.8 °C e pluviosidade significativa durante todo o ano inclusive no mês mais seco.

No corredor, os solos são maioritariamente argilosos. Encontrando-se numa zona de baixas altitudes, a área em estudo está limitada, a norte, por uma cadeia de pequenas colinas denominada de Cotswolds e, a sul, por Chilterns que são escarpas calcárias que se estendem de Oxfordshire até Buckinghamshire. Quanto à rede hidrográfica, os rios principais são Cam, Ouse, Isis e Cherwell que drenam para Fens, a este, e para Thames Valley, a oeste. O limite das bacias hidrográficas localiza-se, sensivelmente, a meio do corredor. Junto aos rios principais encontram-se os maiores assentamentos. A própria estrutura urbana advém desses cursos de água e respetivas zonas de cheia. Limitada por paisagens protegidas diversas, a estrutura ecológica do corredor apresenta várias áreas de valor ecológico mas carece de uma estrutura contínua. Denote-se ainda a presença dos *greenbelts*, não apenas o de Londres que delimita o corredor a sul, mas também o de Oxford e Cambridge. No caso de Oxford, está também rodeado pela zona de cheia. As cinturas verdes são espaços multifuncionais que circundam um aglomerado urbano com vista a assegurar diversas funções como limitar a expansão urbana, impedir

a sobreposição de cidades vizinhas, proteger o espaço rural da expansão urbana, preservar a configuração e o caráter das cidades históricas, auxiliar a regeneração urbana incentivando a reutilização de terras, entre outras. O facto de limitar o crescimento torna-se um constrangimento em situações de aumento populacional e maiores necessidades de habitação e emprego.

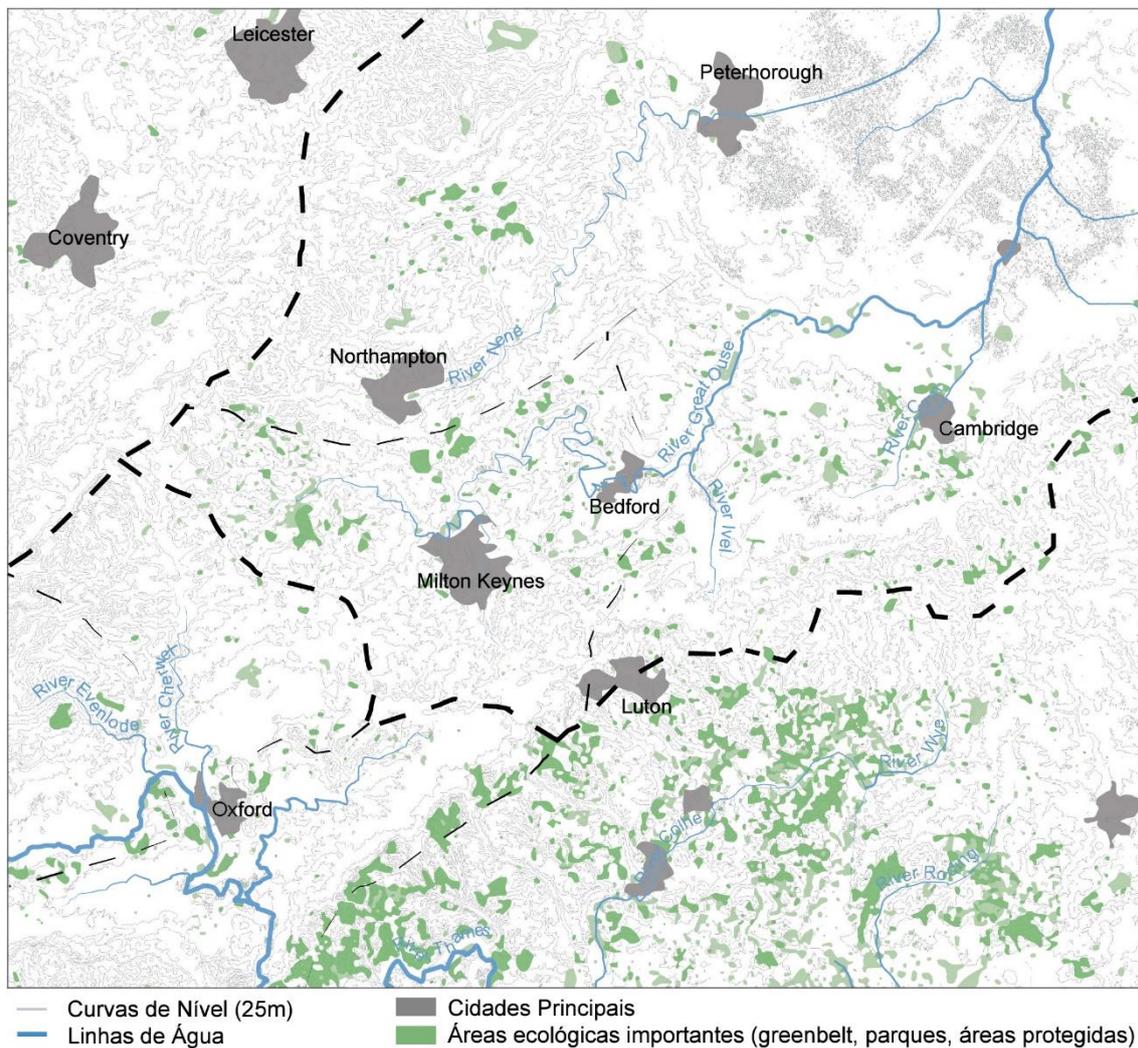


Figura 59: Síntese de relevo e estrutura ecológica. Sem escala. Fonte: Programa do concurso.

Os principais aglomerados urbanos são Oxford, Milton Keynes, Northampton e Cambridge. Oxford é uma cidade universitária, a sudoeste do corredor, com um centro urbano compactado pela cintura verde, pela rede hidrográfica e respetiva zona de cheia. Com uma arquitetura medieval, a cidade tem vários parques históricos e espaços de

conservação da natureza. Verifica-se uma concentração de empresas de trabalho qualificado e, simultaneamente, um maior número de empregos face aos residentes, o que significa migrações pendulares em direção à cidade. Entre as diferentes atividades destacam-se as áreas da saúde, educação, tecnologias, publicidade ou biociências. Com 158000 habitantes e uma área de 50km², Oxford conta com uma densidade populacional de 3160 habitantes/km². Milton Keynes é uma cidade criada após a 2ª Guerra Mundial, integrada nas chamadas “new towns”, cujo nome provém de uma aldeia nos arredores. Desde 1980, devido à construção da West Coast Mainline e da estrada M1, tem verificado um crescimento exponencial. Ainda assim, a cidade apresenta uma baixa densidade populacional em comparação com as restantes do corredor, mais concretamente, 844 habitantes/km², ou seja, 261800 habitantes dispersos por 310km². Apesar do desenho urbano baseado no automóvel, a cidade carece de transportes públicos. Entre as indústrias destacam-se a engenharia de alto desempenho, educação ou informática. Northampton, por sua vez, é um assentamento medieval que, em 1968, foi considerado uma “new town” por albergar o excedente populacional da capital. Na altura foram construídas mais casas e indústrias tornando-se, hoje, numa das maiores cidades do país. Durante a revolução industrial, a cidade tinha várias indústrias de sapatos. Atualmente tem indústrias de desportos motorizados e empresas tecnológicas que se posicionam, essencialmente, na periferia. Com 222500 habitantes em 80km², apresenta uma densidade populacional de 2781 habitantes/km². No extremo este do corredor, junto ao Rio Cam, surge Cambridge. Caracterizada por ser uma cidade universitária, é também um polo tecnológico importante com diversas empresas capazes de gerar um grande número de empregos. Muitas das empresas de alta tecnologia estão situadas em Silicon Fen, na periferia. Entre elas enumeram-se indústrias de eletrónica, TIC ou biotecnologia. Conta com 130900 habitantes dispersos por uma área de 40km², o que significa uma densidade populacional de 3272 habitantes/km².

No que respeita as infraestruturas, nomeadamente as de transporte, considera-se que a direção norte/sul do corredor está conectada, sendo que não há tanta consistência na direção este/oeste. A única forma de viajar, atualmente, de comboio entre localidades é passando por Londres, estando as vias de comunicação organizadas num sistema radial que conflui para a capital. As únicas ligações ferroviárias existentes são entre Bedford e Bletchley e entre Oxford e Bicester. Neste contexto, e face à pressão nas infraestruturas urbanas devido ao aumento populacional, foram planeadas a East West Rail (EWR) e a Oxford to Cambridge Expressway (OCE), criadoras de uma coluna de mobilidade estruturante. A EWR pretende restabelecer a ligação ferroviária entre Cambridge e Oxford, fechada em 1967, e assim poder expandi-la para outras zonas do país. A primeira fase prevê permitir viagens entre Oxford e Bicester e a segunda reativar as linhas de Clayton. Atualmente já faz a ligação Oxford/Bedford. Apesar de poderem surgir novas estações, serão sobretudo utilizadas as estações existentes. Com a ferrovia concluída, será possível realizar viagens diretas entre diferentes localidades, diminuir tempos de deslocação e criar uma alternativa à rodovia. Quanto ao OCE, o

troço entre Bedford e Cambridge já se encontra em construção. A ligação entre Oxford e Milton Keynes, por sua vez, ainda não tem rota definida estando em fase de ponderação. Este eixo viário irá completar falhas na rede de transporte nacional e aliviar o congestionamento entre localidades. Prevê-se que ambas as vias estejam operacionais nos próximos 15 anos. Segundo o relatório “Cambridge – Milton Keynes – Oxford corridor: Interim report”, estão a decorrer, simultaneamente, estratégias para transportes locais de forma a potenciar o desenvolvimento gerado pelas duas vias acima mencionadas. A oportunidade de desenvolvimento gerada pelas novas ligações não será totalmente realizada sem a colaboração das autoridades locais. É delas a responsabilidade de criar as ligações entre as vias principais e secundárias, entre as novas vias, as cidades, as vilas e as aldeias. Esta poderá ser uma oportunidade para alterar o comportamento da população no que respeita ao modo de deslocação. O relatório sugere estratégias assentes, fundamentalmente, na conectividade.

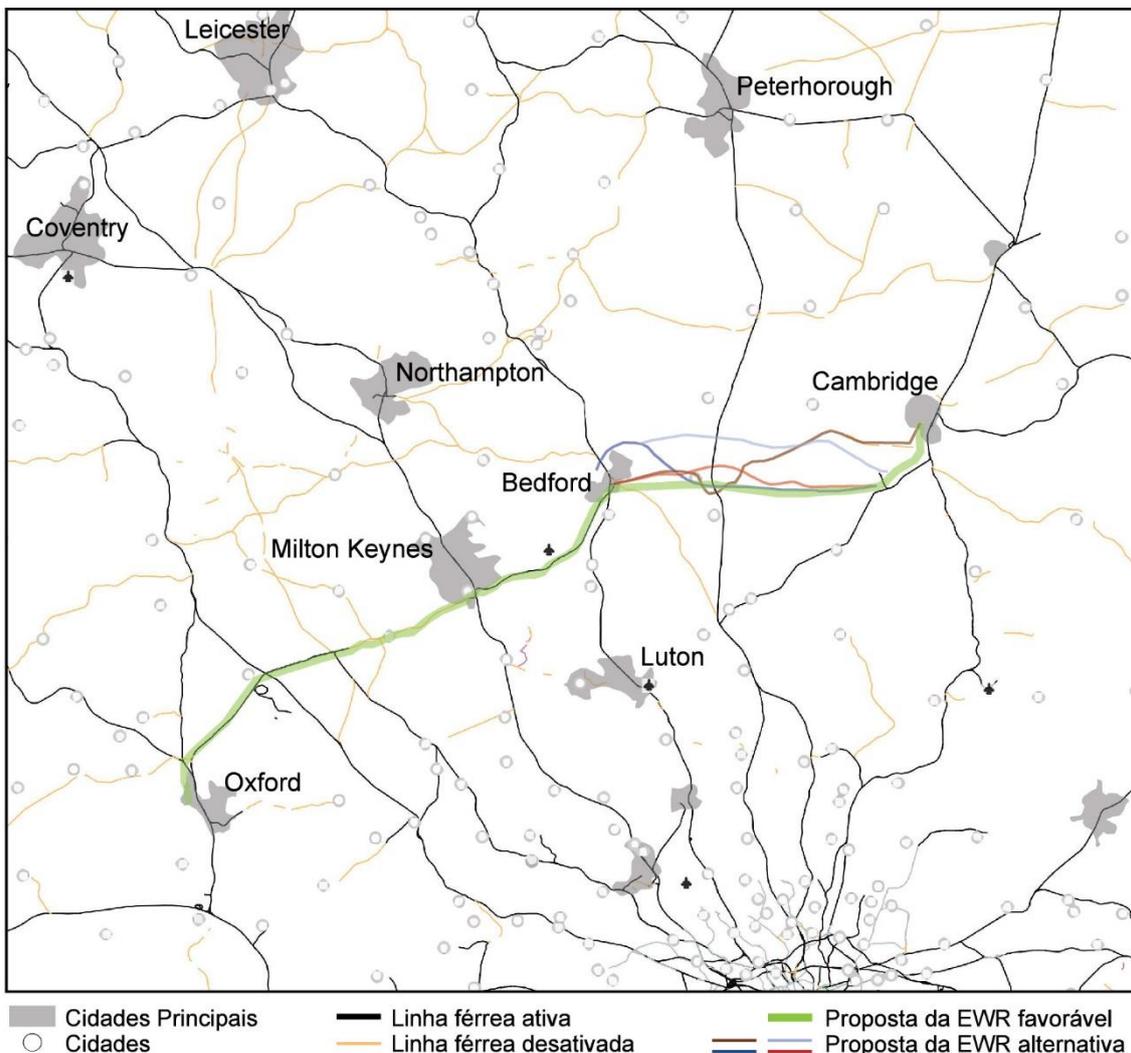


Figura 60: Rede ferroviária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

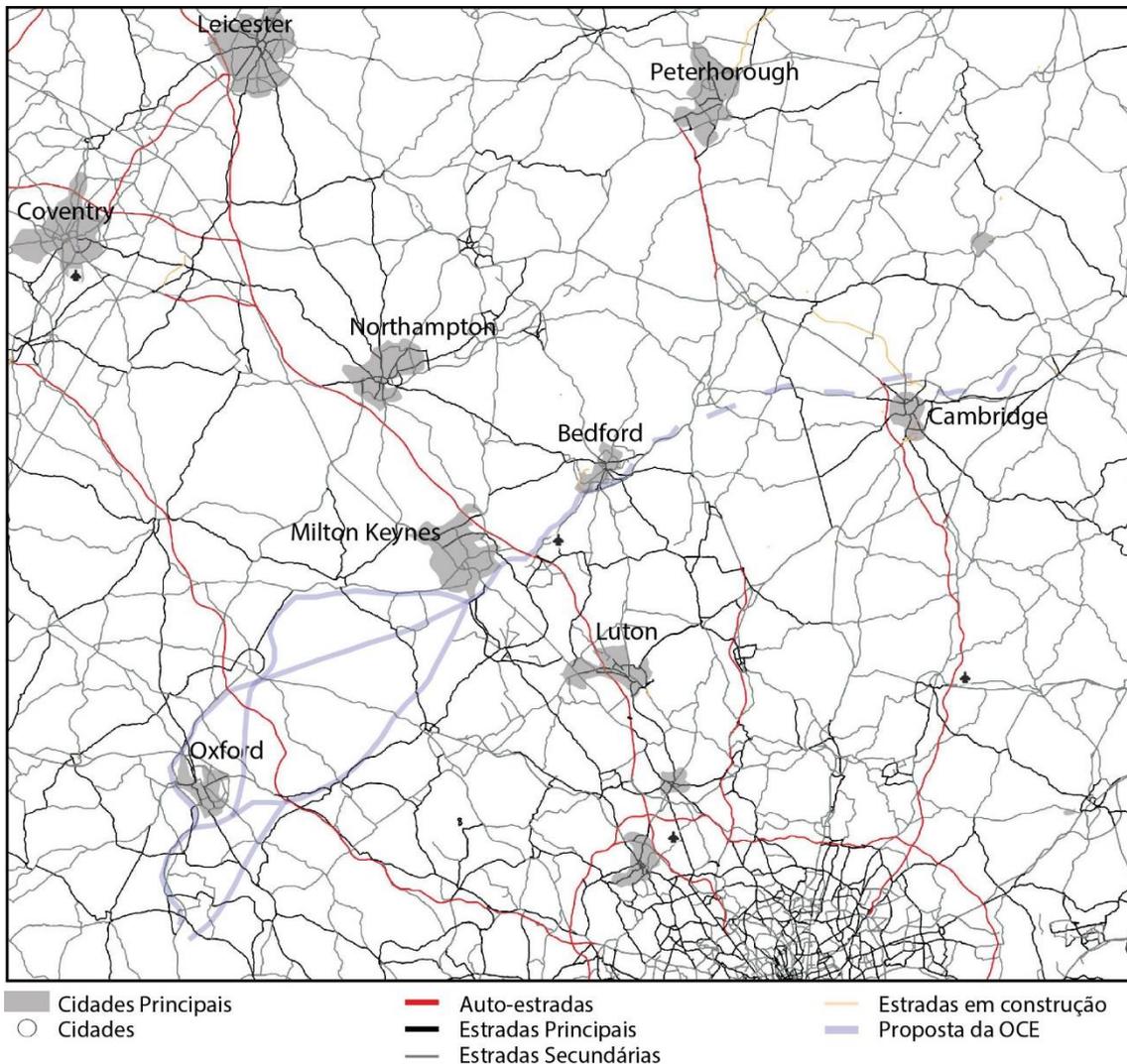


Figura 61: Rede viária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

5.4.2. Enquadramento socioeconómico

O corredor é a zona em Inglaterra com maior concentração de pessoas qualificadas, justificando a presença de inúmeras empresas de trabalho qualificado. Mais concretamente, 40% da população do corredor tem uma licenciatura, subindo para 60% em Oxford e Cambridge. Existem diversas empresas nos setores da pesquisa e desenvolvimento científico, fabrico de alta tecnologia, entre outros. Verifica-se, simultaneamente, uma grande concentração de negócios start-up. Oxford e Cambridge foram consideradas duas das cidades mais inovadoras da Europa, Northampton foi a segunda cidade com um maior aumento de empresas no país e Milton Keynes é a cidade inglesa com maior crescimento de emprego e população além de albergar a

maior universidade do país. Em muito devido à presença de universidades, denota-se, algumas das mais prestigiadas do mundo, estima-se que 419000 pessoas trabalhem em economia do conhecimento. O potencial no setor da educação poderá vir a constituir uma alavanca para o desenvolvimento de outros setores. A relação da investigação das universidades com as indústrias cria um sistema que atrai investidores para o corredor. Apesar da relação entre as diferentes entidades, através da comercialização dos projetos de investigação, as diferentes indústrias não estão conectadas entre si. Cada cidade tem indústrias com qualidades particulares, mas as interações que se lhe estabelecem dão-se no sentido de Londres faltando uma ligação produtiva no sentido este/oeste. O corredor abarca as cidades mais prósperas e com maior crescimento de Inglaterra sendo, por isso, essenciais para a prosperidade económica do país.

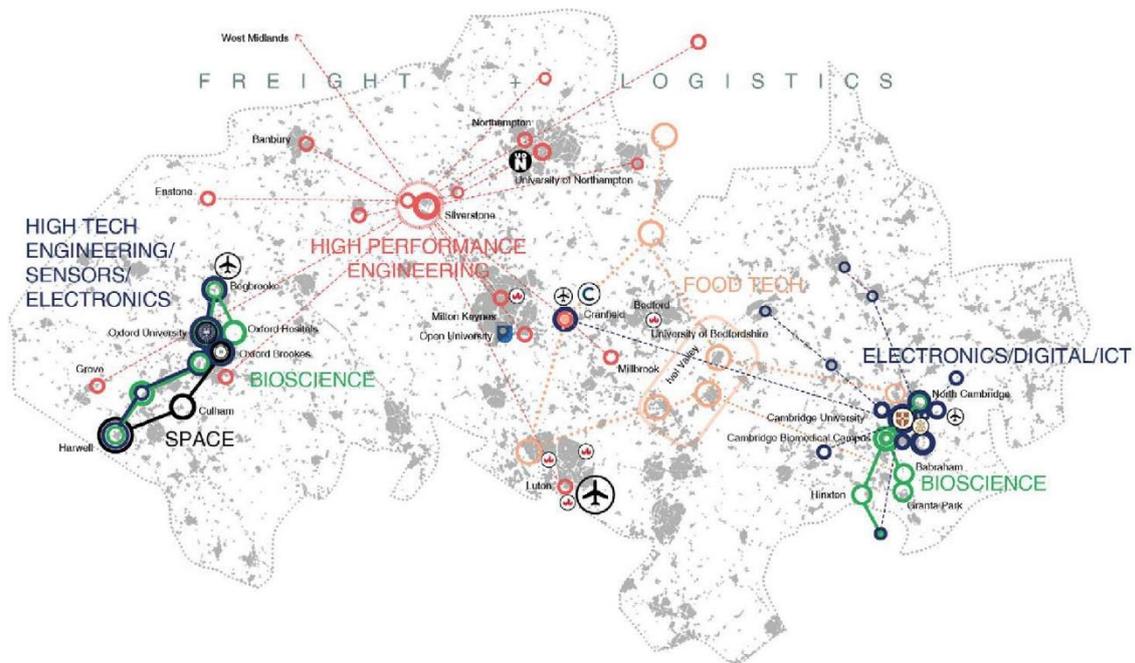


Figura 62: Distribuição das áreas de conhecimento no que respeita às universidades com repercussões na distribuição das indústrias. Sem escala. Fonte: Programa do concurso.

Os grandes desafios que se colocam são a muita procura e a pouca oferta de habitação de qualidade e a pressão nas infraestruturas urbanas existentes. Apesar do aumento das áreas habitacionais, este não é suficiente para atender às necessidades atuais e futuras. A par da escassez da oferta, a habitação está cada vez mais cara e inacessível, tanto para compra como para venda. Dentro do corredor os preços variam e, ao contrário das outras localidades, Oxford e Cambridge são mais caras no centro do que na periferia. As zonas mais acessíveis encontram-se nos arredores de Northampton.

Para não interferirem nos limites administrativos adjacentes, as autoridades responsáveis estão a descurar os usos que a periferia poderia ter. Assim, a falta de coordenação entre autoridades dificulta a solução da escassez de habitação. As cidades podem complementar-se entre si. Na procura de habitação pressupõe-se a proximidade ao emprego ou fáceis acessos a este. Na conjuntura atual, as longas viagens até ao trabalho aumentam o congestionamento automóvel. As maiores lacunas são em Oxfordshire, Swindon, Hertfordshire e Northamptonshire. Uma das maiores restrições à habitação é a disponibilidade de terras. As cidades com mais necessidade, Oxford e Cambridge, são aquelas que, pela impossibilidade de urbanizar as suas áreas ecológicas importantes, os *greenbelts*, estão circunscritas à área edificada já existente. Localidades adjacentes estão a tentar equilibrar a situação. As restantes localidades não se encontram limitadas por nenhuma cintura verde, ainda que qualquer solução encontrada tenha que se ajustar ao seu caráter específico. O grupo de população a arrendar casa é heterogéneo desde famílias, a migrantes ou pensionistas. As migrações pendulares mais intensas para Londres fazem-se com Oxford e Cambridge (3 lugares cujas economias estão relacionadas com empresas de conhecimento). A segunda maior migração pendular para Oxford é a partir de Cambridge (40% das migrações para Oxford e Cambridge são de estudantes). O relatório “Cambridge – Milton Keynes – Oxford corridor: Interim report” considera que as infraestruturas de transporte poderão solucionar o problema (National Infrastructure Commission, 2016). Se os locais onde as casas são mais baratas tiverem bons acessos, principalmente ao local de trabalho, e os transportes públicos forem desenvolvidos e promovidos, as pessoas poderão começar a morar mais longe do emprego e a população começará a distribuir-se pelo território. O sistema de transportes públicos torna-se crucial nesta demanda, sendo a alternativa mais rápida, económica e ecológica para fazer face ao automóvel, solucionando problemas como o congestionamento do trânsito.

Ainda no setor imobiliário, as instalações comerciais têm mais procura do que oferta. Apesar de ainda existir alguma quantidade, o tamanho e a qualidade pode não ser aquela que as empresas precisam. As grandes consequências são o constrangimento do crescimento económico local e o aumento das rendas afeta a produtividade e competitividade das empresas. O mesmo sucede com as indústrias (Savills, 2016).

5.4.3. Análise SWOT

Os pontos fortes (*strengths*) encontrados podem ser resumidos em: estrutura ecológica¹⁹, inovação, indústrias produtivas e polo de conhecimento. Uma estrutura ecológica consistente é fundamental para o desenvolvimento sustentável do corredor. Verificam-se, ainda hoje, algumas preocupações ecológicas pela marcação de zonas a

¹⁹ Apesar de existir uma figura equivalente à Estrutura Ecológica no planeamento inglês, recorreu-se à terminologia e tipologias portuguesas para melhor compreender e projetar o lugar.

proteger, como é o caso dos *greenbelts*, considerando-se que existe um caminho percorrido na consciencialização para a proteção ecológica, restando incutir ideias de construção de uma estrutura. Denote-se que o ponto forte “estrutura ecológica” remete, essencialmente, para a preocupação da salvaguarda da estrutura existente. A estrutura em si revela fragilidades ao nível da conectividade e da visão da macro-estrutura, sendo considerada, simultaneamente, enquanto um ponto fraco a solucionar. O corredor é inovador. As universidades dispersas pelo corredor e sua relação com as indústrias criam dinâmicas de conhecimento criando uma identidade. A inovação, o empreendedorismo ou a competência profissional da população sobressaem. Aproveitar o conhecimento presente no local é uma oportunidade. Além das instituições de ensino, o corredor acolhe diversas empresas que por ele se dispersam e distribuem a produtividade gerada pelo território. Desde a atração de estudantes que se tornam residentes ou fazem circuitos pendulares, ao aumento da população e do trabalho qualificado, à parceria com indústrias do conhecimento que atraem por consequência novos investimentos, as universidades dão o mote para a criação de um corredor com uma identidade em comum: o conhecimento.

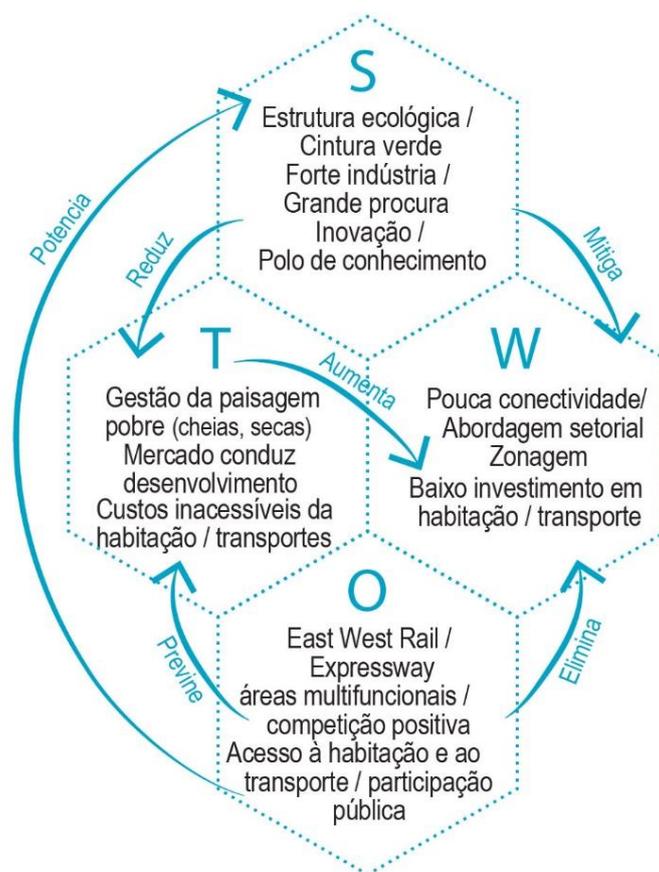


Figura 63: Análise SWOT. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

A falta de conectividade, tanto nas infraestruturas de comunicação como ao nível da

estrutura ecológica, o baixo investimento em habitação e transporte agravando a pressão imobiliária e a abordagem setorial das autoridades responsáveis pelo desenvolvimento são os pontos fracos (*weaknesses*) do corredor. O sistema de percursos desenvolve-se no sentido de Londres (sentido norte/sul), faltando ligações este/oeste que conectem os aglomerados entre si. As vias existentes nem sempre estão em bom estado de conservação, tal como os transportes públicos não servem todas as cidades. Como a oferta de habitação é parca, a população é obrigada a afastar-se do local de trabalho e, portanto, aumenta a necessidade de requalificar os acessos e promover os transportes públicos. Ainda considerando a falta de conectividade e continuidade, apesar da demarcação dos *greenbelts* e de diversas áreas de conservação, estas zonas não estão integradas numa estrutura consistente, funcionando como ilhas. Ainda que se verifique alguma preocupação ecológica ao nível da salvaguarda, a situação atual transparece falta de trabalho no sentido de estabelecer ligações entre manchas. Por outro lado, existe uma necessidade de habitação generalizada por todo o corredor que encontra diversos constrangimentos no aumento da oferta. Além do mais, a habitação existente não tem muitas vezes a qualidade necessária nem é acessível. A oferta de áreas comerciais/industriais não faz face às necessidades, tanto pela inexistência de terrenos como pela inadequabilidade em dimensão ou qualidade dos existentes, para corroborar os requisitos. A escassez de investimento na habitação e nos transportes poderá por em causa a atratividade da zona e, por isso, a prosperidade da mesma. A solução do problema torna-se mais complicada quanto mais abordagens existirem, ou seja, é necessária uma abordagem de intervenção única por parte de todas as autoridades responsáveis dentro do corredor.

No que respeita às oportunidades (*opportunities*) encontradas, destacam-se as novas infraestruturas (EWR e OCE), a multifuncionalidade, uma competição positiva e a participação pública. A ferrovia planeada, a “East West Rail”, fará a ligação este/oeste em falta no corredor. Será uma infraestrutura essencial para a mobilidade da população e comporta a necessária promoção dos transportes públicos. Carece de ligações pontuais aos aglomerados, responsabilidade das autoridades locais. A “Oxford to Cambridge Expressway” é uma importante infraestrutura que facilita a mobilidade na direção este/oeste. Encurta distâncias de casa ao emprego bem como, auxiliando na dispersão do trânsito, diminui o tempo dispendido nas deslocações. Encontra-se parcialmente construída. Sendo o corredor um espaço multifuncional, a multifuncionalidade pode ser o motor da produtividade. Já tendo uma base produtiva sólida, o crescimento dar-se-á pela competição positiva entre empresas. Estando em curso um crescimento urbano que afeta vários setores da vida dos cidadãos, a participação pública poderá ser um meio de tornar o crescimento mais viável e adequado aos habitantes. Quanto às ameaças, destacam-se a gestão da paisagem pouco eficiente, os mercados enquanto direcionadores do desenvolvimento e a inacessibilidade à habitação e transportes. Na conjuntura atual, qualquer estratégia deverá considerar a gestão da paisagem. Os maiores assentamentos do corredor localizam-se junto de linhas de água sendo, portanto, necessário considerar, por

exemplo, o risco de cheias. A presença de áreas de conservação da natureza ou os *greenbelts* têm grande importância ecológica devendo ser salvaguardados. A estratégia pedida pelo concurso, bem como os planos e estratégias analisados, tendem a focar no setor económico caindo no erro de ter uma visão economicista sobre o desenvolvimento. Os mercados não podem ditar o desenvolvimento. Para ser sustentável, este tem que corroborar preocupações económicas, sociais e ecológicas.

Os pontos fortes poderão ser utilizados, no caso da estrutura ecológica, como forma de impedir o crescimento desmesurado das localidades, impedindo a sua descaracterização, amenizar os efeitos das alterações climáticas, criar conectividade ecológica dentro do corredor e proteger o património natural. No caso do polo de conhecimento, dar-se-ia a preservação da identidade local e a criação de uma identidade conjunta. Seria o modo de potenciar uma rede de cooperação universidades/autoridades locais/indústrias e de considerar a presença dos estudantes nas dinâmicas locais, nos movimentos pendulares e no arrendamento de habitação. Os pontos fracos podem ser colmatados através da revitalização ou construção de vias, de forma a conectar os diferentes aglomerados do corredor e fazer a conexão este/oeste, da criação de novas paragens de transporte público e da diminuição dos tempos de deslocação. A falta de conectividade ecológica seria colmatada pela criação de corredores estruturantes, formalizando uma estrutura consistente a partir das manchas existentes. As soluções para a pressão imobiliária seriam a expansão de áreas habitacionais onde tal fosse possível, uma densificação ponderada ou a reabilitação das áreas existentes, tendo como base uma estratégia integrada e um planeamento consciente. A necessidade é mais evidente em zonas industriais ou universidades. O aumento da oferta permitirá a diminuição do tempo dispendido nos movimentos pendulares bem como o congestionamento dos transportes. Permitirá, simultaneamente, a diminuição dos preços de aquisição e renda. Através da criação de novas áreas de trabalho (comerciais, industriais, etc), da reestruturação das existentes ou da expansão ponderada de alguns aglomerados, pode-se potenciar a rede de distribuição das indústrias e aumentar a concentração do trabalho qualificado. Ao invés de ter abordagens várias e setoriais, dever-se-á criar uma abordagem única e coerente, com uma visão integrada, em contraponto á visão economicista vigente, capaz de originar um desenvolvimento sustentável e melhorar a qualidade de vida desta comunidade.

O relatório “The Property Market Within The Cambridge – Milton Keynes – Oxford Corridor” considera, neste contexto, a existência de obstáculos ao desenvolvimento como a baixa disponibilidade de terras e consequentes valores elevados, a falta de coordenação entre autoridades ou a fraqueza do mecanismo de avaliação das necessidades resultando em intervenções que não fazem jus à realidade. No sentido de desbloquear o desenvolvimento deverá defender-se: uma liderança e planeamento estratégicos; a aceleração do planeamento e sua aplicação; a viabilidade do lugar para a construção e o aumento da oferta; o aumento da responsabilidade do setor privado; o

aumento da capacidade de construção (maior número de construtores); um financiamento adequado; inovação, empreendedorismo e alta competência; e a combinação da habitação e dos transportes nas estratégias desenvolvidas (Savills, 2016). Qualquer plano local de desenvolvimento deverá ainda satisfazer as políticas de planeamento nacionais, considerando premissas como: identificar prioridades; criar planos objetivos mas adaptáveis, atualizados, baseados em trabalhos multidisciplinares e com soluções criativas; considerar a identidade de cada lugar bem como o papel na envolvente; contribuir para a conservação e valorização da natureza; gerir padrões de crescimento urbano; ou tomadas de decisão fundamentadas e rápidas. O objetivo máximo será alcançar o desenvolvimento sustentável e, como tal: construir uma economia forte e competitiva; assegurar a vitalidade dos centros urbanos; assegurar uma economia rural próspera; promover o transporte sustentável; assegurar infraestruturas de comunicação de alta qualidade; oferecer oportunidades de escolha em habitação de qualidade; promover o *design* de qualidade; promover comunidades saudáveis; proteger a cintura verde; considerar os desafios das alterações climáticas, cheias e alterações da linha costeira; conservar e valorizar os contextos naturais e históricos; e facilitar o uso sustentável dos minerais (Department for Communities and Local Government , 2012). A estratégia defendida pela equipa projetista deverá assegurar estas premissas.

5.5. Proposta

(Sugere-se o acompanhamento da leitura com o plano estratégico – em anexo)

5.5.1. Conceito geral

O conceito de “W.E.B – West East Bond” assenta, fundamentalmente, sobre a conectividade com especial atenção sobre a direção este/oeste por estar menos desenvolvida. A sigla, “WEB”, remete para a criação de uma teia, ou seja, de uma estrutura complexa e fortemente conectada. A estratégia assenta em três princípios, nomeadamente, a estrutura ecológica como fator determinante da implantação e do desenho de novas infraestruturas, a compreensão do contexto social, cultural e económico e, por fim, a criação de ligações. No fundo, pretende-se a consolidação do sistema paisagem. A proteção e consolidação da estrutura ecológica incidindo essencialmente sobre as linhas de águas, as cumeadas, a flora e a fauna, irá aumentar o valor estético e ecológico do corredor bem como promover a coesão social e territorial. A compreensão do contexto particular deste corredor revela-se essencial para a estruturação da proposta, sobretudo, a consideração dos estudos já efetuados. Deverão ser avaliadas variáveis como a habitação (perfis de habitantes, necessidades, expectativas, acessibilidade) e os padrões de mobilidade (tempo, distância, renda,

efeitos sobre a saúde, mobilidade social, competitividade das empresas). Quanto à criação de ligações, a estratégia defende que, a par do desenvolvimento de infraestruturas de transporte, deverá existir um desenvolvimento orientado para o ambiente onde a estrutura ecológica é a espinha dorsal do corredor. O planeamento de infraestruturas deverá estar sempre associado à consolidação da estrutura ecológica e à compreensão profunda da comunidade que com elas se relaciona. Para implementação desta estratégia, prevê-se a utilização de um processo participativo e colaborativo em que os cidadãos, as instituições e as empresas deverão intervir ativamente. Este processo será coordenado por um observatório, entidade multidisciplinar, que terá como principal papel a constante observação das necessidades e a reavaliação das estratégias, salvaguardando sempre os pilares base do plano.

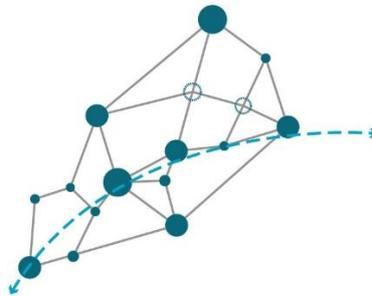


Figura 64: Conceito geral. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

5.5.2. Área de intervenção

A estratégia proposta pretende alcançar um desenvolvimento sustentável equilibrando sociedade, economia e ecologia. Através de uma abordagem multidisciplinar, pretende-se alcançar um sistema integrado de paisagem onde a proteção, a produção e o recreio se encontrem. Dever-se-á alcançar um equilíbrio entre os três pilares sobre os quais incide a proposta: a estrutura ecológica, a rede de transportes e os aglomerados, preservando tanto as vontades individuais como os objetivos coletivos. Com vista a melhorar a qualidade de vida da comunidade, há que ponderar quais as vontades, necessidades e possibilidades da população. A consolidação da estrutura ecológica irá conectar a população com o património natural, melhorar a qualidade de vida e proteger contra fenómenos naturais como, por exemplo, as cheias. A consolidação da rede de transportes, por sua vez, irá melhorar a mobilidade dentro do corredor. O acesso físico será mais adequado considerando tempo, distâncias, conforto e segurança, permitirá reduzir custos e tempo nas viagens, melhorando a qualidade de vida da população. Dentro dos aglomerados urbanos, a promoção de espaços públicos e da participação pública irá contribuir para a criação de um sentido de comunidade e de uma identidade.

No que respeita à economia, dever-se-á perceber quais são as oportunidades económicas que os intervenientes e as novas infraestruturas oferecem. A consolidação da estrutura ecológica além de ser um bem por si mesmo, com valor intrínseco, permitirá melhorar a qualidade do ambiente de trabalho e, conseqüentemente, atrair novas empresas para dentro do corredor. A qualificação das infraestruturas tem valor económico em si mas, ao mesmo tempo, melhora e cria ligações. Quanto mais ligações, mais dinâmicas, maior o desenvolvimento. A reabilitação do espaço urbano com a criação de um maior número de instalações habitacionais, comerciais e industriais nas localidades onde tal seja possível, ou a requalificação das instalações existentes, permitirá atrair trabalhadores e novos negócios. Com vista a assegurar o funcionamento dos sistemas ecológicos, é necessário encontrar o equilíbrio entre estes, a necessidade de habitação, os efeitos da construção de novas infraestruturas e as necessidades económicas do corredor. A consolidação da estrutura ecológica é também essencial para este domínio uma vez que sustentará a conectividade, a continuidade, a diversidade e a multifuncionalidade do corredor. Será a sua coluna vertebral. A intervenção ao nível das infraestruturas irá, inclusive, abarcar percursos de mobilidade suave integrados nos corredores ecológicos. O desenvolvimento dos aglomerados urbanos estará integrado com a estrutura ecológica e, sempre que encontrar zonas ecologicamente importantes, deverão ser realizados usos com pouco impacto.

				PILARES		
				Estrutura Ecológica	Infraestruturas	Aglomerados Urbanos
DESAFIOS	Sociedade:	o que a população quer, o que precisa e quais as possibilidades?	Comunidade: ligação ao património natural, proteção contra desastres naturais, melhoria da qualidade de vida	Mobilidade: acesso físico e monetário, adequação (tempo, distância, conforto, segurança). Menos congestionamento e tempo de viagem. Mobilidade social relacionada com mobilidade espacial.	Promoção do espaço público: participação pública, identidade e responsabilidade social	
	Economia:	quais as oportunidades vindas dos intervenientes e novas infraestruturas?	Qualidade do ambiente de trabalho como atração para novos negócios. Estrutura é, em si, um benefício	Infraestruturas são, em si, um negócio. Melhoria da estrutura existente e criação de novas ligações, aumenta a comunicação entre empresas.	Habitação e projetos urbanos: aglomerados atraem trabalhadores e oportunidades de negócio.	
	Ecologia:	como equilibrar sistema ecológico, procura de habitação, efeitos das novas infraestruturas e necessidades económicas?	Suporte principal do sistema. Conectividade, continuidade, diversidade. Produção, proteção e recreio	Percursos de mobilidade suave ineridos em corredores ecológicos, tornando-se parte da estrutura ecológica.	Crescimento consistente com a estrutura do sistema ecológico. Atividades de baixa pressão/ impacto permitidas nos corredores ecológicos.	

Figura 65: Relação entre os desafios apresentados pelo corredor e os pilares de desenvolvimento da proposta. Fonte: Equipa projetista.

Apesar das sugestões do programa quanto às tipologias de desenvolvimento (figura 56), foi criada uma híbrida que vai ao encontro da visão defendida. Mais concretamente, a tipologia *(st)ring development*²⁰ que utiliza uma conectividade linear como catalisadora do desenvolvimento, complementando-a com uma rede mais complexa, como uma teia - WEB. Através de ligações principais e secundárias é criada uma rede de percursos

²⁰ Jogo de palavras entre “desenvolvimento em corda” e “desenvolvimento em anéis”.

complexa, uma malha que previne o congestionamento automóvel e fornece trajetos alternativos em caso de urgência. Esta tipologia de desenvolvimento considera a identidade de cada localidade, criando diretrizes baseadas nas suas especificidades. Ainda que se pretenda criar uma identidade coletiva através de fortes ligações, as singularidades de cada lugar não podem ser ignoradas. *(St)ring* representa, simultaneamente, uma estratégia de cooperativismo onde se vinculam os lugares e as comunidades a um corredor com um forte carácter económico, social e ecológico. Os assentamentos ao longo do corredor deverão funcionar como um sistema único, partilhando funções e dinâmicas, complementando-se. Pretende-se, em suma, um desenvolvimento onde todas as localidades estão interligadas e são interdependentes, um desenvolvimento onde são criadas pontes de ligação, físicas ou não, que sustentam uma rede.

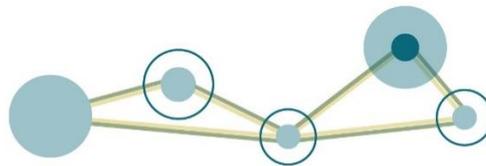


Figura 66: Tipologia de desenvolvimento - (st)ring development. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

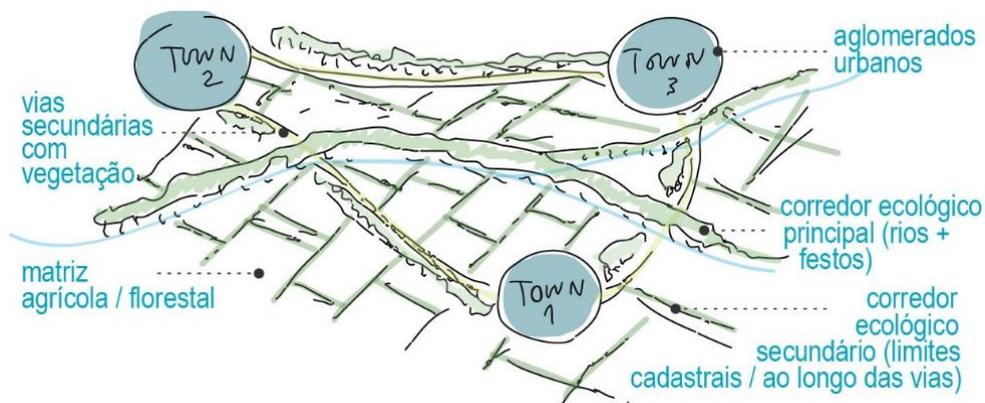


Figura 67: Desenvolvimento estratégico. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

A estrutura ecológica é a base do desenvolvimento do corredor. Compõe-se por corredores principais e secundários que se sobrepõem à matriz agrícola e florestal dominante. Os aglomerados urbanos são, inclusive, conectados através desta estrutura. A estrutura ecológica fundamental é assegurada pela preservação das áreas protegidas, cursos de água e festos com recurso à vegetação potencial autóctone. Encontra-se, portanto, adaptada à morfologia do terreno e aos elementos naturais. Esta estrutura poderá abarcar percursos de mobilidade suave que se apropriarão de ferrovias

desativadas, tirando partido dos recursos existentes, e de elementos com caráter identitário. Com vista a acelerar e facilitar o processo de consolidação, bem como a posterior manutenção, propõe-se a criação de corredores ecológicos ao longo das infraestruturas, novas ou existentes. Nas áreas urbanas, os corredores verdes deverão atravessá-las e ser parte da estrutura ecológica urbana. De referir que, por serem ecologicamente sensíveis, nestas áreas apenas se deverão prever usos com pouco impacto (ver figuras 66 e 67).

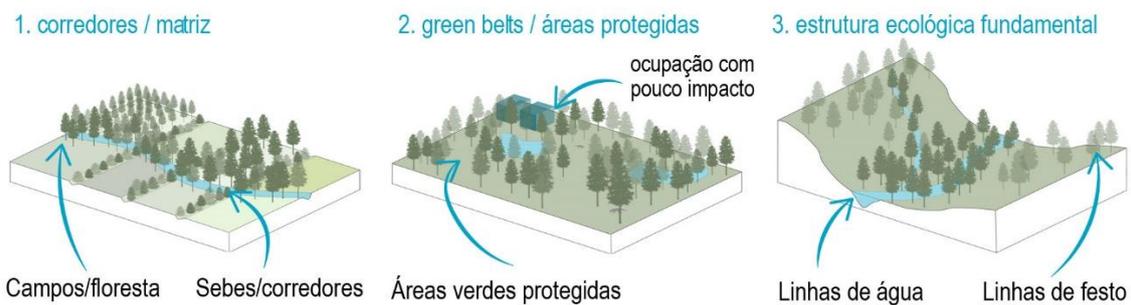


Figura 68: Especificações da estratégia para a estrutura ecológica. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

A intervenção ao nível das infraestruturas irá incidir sobre os transportes. Através da consolidação da rede de transportes, com uma malha dinâmica e complexa, irão ser melhoradas rotas estratégicas e ligações entre as grandes e pequenas cidades. Os acessos entre estas e as localidades mais pequenas deverão ser assegurados pelas autoridades locais. As novas infraestruturas, digam-se a “East West Rail” e a “Oxford to Cambridge Expressway”, irão fazer a ligação mais direta este/oeste conectando os principais aglomerados urbanos. Compõem uma oportunidade de criar dinâmicas entre localidades e, conseqüentemente, potenciar o desenvolvimento. A rede rodoviária será um complemento à ferrovia (EWR) que se tornará no meio de transporte principal por diversas razões, nomeadamente, ser mais ecológico, evitar congestionamentos ou reduzir tempos de deslocação. O transporte público deverá ser, portanto, promovido a par da mobilidade suave. Estas formas de mobilidade deverão existir tanto no interior como no exterior do espaço urbano. Melhorando os acessos dentro do corredor e, posteriormente, para fora do corredor, poder-se-ão potenciar as indústrias e incentivar a economia ao mesmo tempo que se atenuam problemas no fornecimento de habitação. A distância, o tempo e os custos de deslocação entre a casa e o trabalho são reduzidos. A estratégia para as infraestruturas prevê a criação de corredores ecológicos secundários na sua extensão, contribuindo para uma rede contínua e complexa com funções de proteção, produção e recreio.



Figura 69: Especificações da estratégia para as infraestruturas. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

No que respeita à estratégia para os aglomerados urbanos, propõe-se um maior desenvolvimento daqueles mais próximos da ligação este/oeste ou daqueles com potencial industrial ou de conhecimento, dependente do seu caráter. O impulsionar do desenvolvimento das localidades junto da ligações este/oeste irá consolidar a própria ligação e vice-versa. O desenvolvimento será impulsionado por intervenções ao nível das dimensões ecológica (consolidação da estrutura ecológica e seu destaque no planeamento), social (aumento da oferta de habitação, transportes e emprego) e económico (promoção da cooperação entre setores e destaque do corredor enquanto polo qualificado). Considerar a identidade do lugar a par da criação de uma nova identidade, onde a criação de um polo de conhecimento é parte essencial dessa nova identidade coletiva, é fundamental. Para responder à falta de habitação, a acessibilidade será trabalhada e as construções, novas ou em requalificação, deverão primar pela diversidade e qualidade. É importante que a população possa ter opção de escolha. Deverão ser consideradas as necessidades, expectativas e capacidade de aceitação de novas formas urbanas por parte da população. São propostas diferentes estratégias para diferentes situações urbanas, nomeadamente, localidades consolidadas e densas onde apenas é possível a requalificação da estrutura existente, localidades não consolidadas sem capacidade para expandir e localidades não consolidadas com espaço para expandir. A partir das várias tipologias de desenvolvimento sugeridas pelo programa do concurso, serão criadas novas tipologias mistas adequadas a cada aglomerado. Contudo, tendo uma visão global do corredor onde este funciona como sistema único, as estratégias específicas são sempre enquadradas num panorama maior onde os diferentes aglomerados urbanos se complementam. Neste sentido são propostos três modelos de intervenção, nomeadamente: regeneração urbana/compactação; consolidação urbana; consolidação urbana e expansão planeada (ver figura 69). A regeneração urbana/compactação baseia-se requalificar as estruturas e condições existentes no sentido de, através da multifuncionalidade espacial, conseguir corroborar as necessidades da população. Em assentamentos urbanos já consolidados ir-se-ão melhorar as estruturas existentes através da criação e/ou regeneração de corredores funcionais e ecológicos. Em situações específicas, poderão ser equacionadas algumas intervenções no tecido construído, por exemplo, a demolição de

edifícios no sentido de formalizar corredores estruturantes. Poderá ser permitida uma certa densificação, sendo esta consciente e conformizada com limites de densificação estipulados previamente. A consolidação urbana é proposta em aglomerados com espaços intersticiais e consiste no seu preenchimento. A intervenção em cada vazio urbano será sempre enquadrada num plano que consolide toda a estrutura, promovendo um uso eficiente do espaço disponível. Os vazios urbanos têm um grande potencial em termos de mobilidade, infraestrutura, edificado ou estrutura ecológica, devendo esse potencial ser gerido para corroborar as necessidades do lugar. No conjunto, os vazios deverão formar corredores multifuncionais que deambulem por todo o espaço urbano, conectando-o. O terceiro modelo, por fim, une a consolidação com uma expansão urbana planeada. Os aglomerados urbanos com capacidade para expandir, como Milton Keynes ou Northampton, deverão fazê-lo de forma planeada e consciente, após a consolidação da estrutura urbana existente. Em simbiose com os restantes aglomerados, a localidade irá corroborar as necessidades e objetivos coletivos do corredor, de acordo com a sua identidade. Não é necessário, nem sustentável, juntar todas as funções e dimensões urbanas num mesmo local. Estas irão distribuir-se pelo corredor conforme as especificidades de cada lugar e, portanto, conforme a capacidade deste as albergar. Ter as mesmas infraestruturas ou os mesmos equipamentos repetidos em localidades vizinhas que, aliás, têm insuficiência de área, sugere uma má gestão do espaço disponível. Quando essas funções urbanas não respeitam o caráter do lugar, a situação ainda se torna mais insustentável. Defende-se a complementaridade como solução. O desenvolvimento deste aglomerados deverá ter como base uma visão integrada e coerente com os objetivos gerais para o corredor. Poderão surgir novos assentamentos urbanos junto ao cruzamento de vias fruto da atratividade perante a disponibilidade de acessos. A dar-se tal acontecimento, os novos assentamentos deverão ser planeados logo de origem de forma a integrar a visão defendida, bem como a fazer um uso eficiente do espaço. Qualquer intervenção terá que ser consciente, integrada e eficiente.

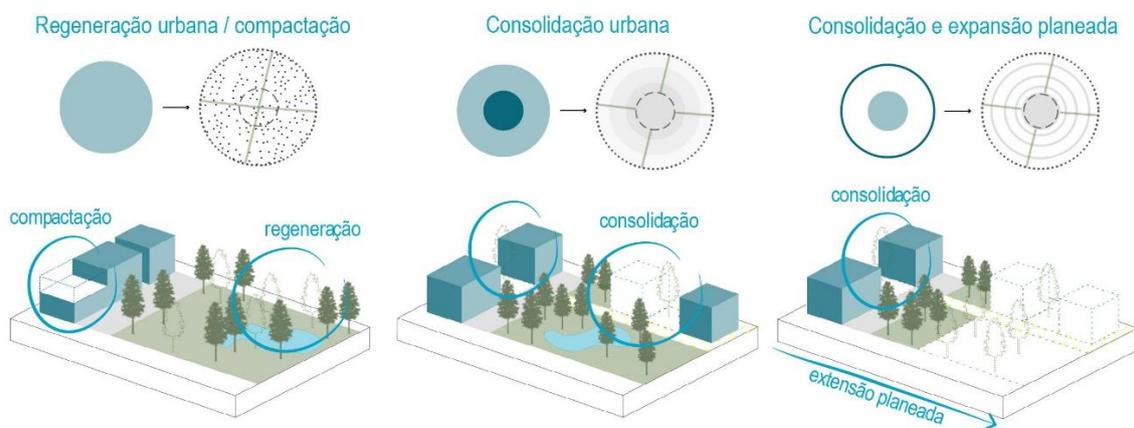


Figura 70: Especificações da estratégia para os aglomerados urbanos. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

Para a estratégia de desenvolvimento ser viável, a W.E.B. requer a criação de uma equipa multidisciplinar onde as universidades e centros de investigação proporcionem o conhecimento necessário a uma atuação consciente, o setor público e privado unam esforços para corroborar as necessidades de habitação, o setor do planeamento de infraestruturas resolva os problemas ao nível dos transportes, mobilidade e acessos, os investidores e as empresas tomem o seu papel como impulsionadores da economia, uma comissão designada para o cargo funcione enquanto gestora de todos os órgãos e setores envolvidos e, portanto, como ponte de ligação entre todos e, por fim, é fundamental existir um órgão de observação que observe, interprete e reavalie constantemente o processo de desenvolvimento desde a sua implementação às suas consequências. Além da equipa W.E.B., todos os restantes intervenientes deverão fazer jus ao seu papel caminhando todos num mesmo sentido. Ao governo é pedida uma estratégia que unifique todo o país, bem como o financiamento necessário; à equipa W.E.B. cabe a unificação e contextualização das diferentes estratégias e abordagens; às autoridades locais cabe, essencialmente, o planeamento através de programas e projetos sujeitos a uma avaliação com múltiplos critérios; às universidades pede-se o fornecimento do conhecimento adquirido através de pesquisas, estudos ou experiências, essencial a uma intervenção consciente; à comunidade pede-se que respeitem os seus direitos e deveres incluindo o do envolvimento no bem-comum e a participação pública; à rede empresarial compete o investimento dentro do corredor; aos setores da habitação e transportes requer-se um trabalho no sentido da acessibilidade (física e de custos), da diversidade de opções e da qualidade das mesmas; ao observatório compete a avaliação constante do desenvolvimento que permita adaptar a estratégia caso necessário. No fundo, ao mesmo tempo que se cria uma equipa competente e multidisciplinar focada no desenvolvimento do corredor, cria-se uma grande equipa onde todos os intervenientes (locais, regionais ou nacionais) são chamados a tomar o seu lugar e a assumir as suas responsabilidades. Pretende-se uma equipa formada por todos e uma abordagem única com visão integrada, de modo a que a união seja a alavanca para o desenvolvimento, para a melhoria da qualidade de vida, para sustentabilidade do lugar.



*Figura 71: Intervenientes no processo de desenvolvimento, incluindo principais órgãos da equipa W.E.B.
Fonte: Equipa projetista.*

Neste contexto, é fundamental estar consciente que o desenvolvimento é um processo. Processo este que começa com a definição de abordagens, estratégias, programas e projetos. A presente proposta encontra-se nesta fase e defende um “Desenvolvimento Orientado para a Ecologia”, desenvolvido em oposição ao *Transit Oriented Development*, ou seja, todos os setores protegem e tiram partido da estrutura ecológica. Digam-se os setores das infraestruturas e transportes, imobiliário, de espaço público, entre outros. A segunda fase do processo caracteriza-se pelos efeitos extraídos da primeira fase, devendo surgir sintomas de crescimento económico, de coesão social e territorial, de controlo de fenómenos naturais, da centralização do conhecimento ou do aumento de projetos inovadores. De seguida, deverá haver uma observação e avaliação dos resultados por parte do observatório. Fruto da avaliação dos impactos da estratégia pelo observatório, irão certamente encontrar-se novas premissas, desafios ou caminhos que contribuirão para uma melhoria da estratégia inicial. Desta forma, é reformulada a estratégia que, após implementação, irá originar novas consequências e, posto isso, é avaliado o desenvolvimento e ajustada a estratégia caso necessário. Mais do que um processo, o desenvolvimento é um ciclo. De referir a importância da terceira fase como aquela que irá assegurar a eficácia da estratégia e, consequentemente, irá assegurar efetivamente o desenvolvimento do corredor.

5.6. Paisagem Global em revista: Do caos ao desenvolvimento sustentável

Para sobreviver num território para o qual não estava adaptado, o homem primitivo fez-se valer de duas características: a capacidade de adaptação que lhe permitiu viver em meios adversos e a capacidade de raciocinar e aprender que lhe permitiu *organizar o caos em seu proveito* (Ribeiro Telles, 2016). Estas características tornaram o homem no principal interveniente do processo de construção e gestão da paisagem. Conforme a história da humanidade foi progredindo, a paisagem foi sofrendo alterações para fazer face às suas necessidades e vontades. Uma das grandes alterações foi o aumento do papel do setor secundário após a revolução industrial. Atualmente, é o setor terciário aquele que tem um maior papel na sociedade, sendo o primário apenas residual. Se analisarmos o panorama atual, na generalidade, percebemos que existem diversas ações do homem que põem em causa a paisagem. Tendo em conta que este é o seu habitat, o homem estará a pôr em causa a sua própria sobrevivência. Enumerem-se alguns exemplos: a má gestão dos recursos disponíveis, inclusive do espaço; os desperdícios energéticos; o domínio do automóvel com consequências ao nível da poluição e da rutura da paisagem através, por exemplo, da rede de estradas; a betonização que impede o normal funcionamento dos ciclos naturais; o amontoado de construções em altura; o desaparecimento de referências culturais; entre outros. As

consequências dar-se-ão ao nível das alterações climáticas, de sucessivos fenómenos naturais, da perda de biodiversidade ou da perda de qualidade de vida. O aumento da população em termos globais, em conjunto com o modelo de desenvolvimento socioeconómico atual onde impera uma visão economicista e de curto prazo, conduzem à sobrecarga do sistema. Segundo Matos e Batista, o modelo socioeconómico atual conduz, mais concretamente, à degradação da paisagem, põe em risco a sua estabilidade física, a integridade ecológica, a identidade cultural, a sustentabilidade económica, a qualidade de vida do homem e as suas perspetivas de futuro (Matos & Batista, 2013). A existência de múltiplas abordagens de intervenção na paisagem é, também, um dos fatores que inibe a sua evolução positiva. É como andar em círculos. Para a sobrevivência do homem há que tornar possível a sobrevivência da paisagem, tendo o homem que considerá-la em toda a sua complexidade. Neste contexto, é essencial perceber o que é a sustentabilidade e, sobretudo, como alcançar um desenvolvimento sustentável.

O termo sustentável, segundo o dicionário de língua portuguesa, provém do latim *sustentabile* e significa “que pode sustentar, defender ou seguir” (Costa & Sampaio, sem data). O conceito de sustentabilidade, por sua vez, surgiu apenas em 1972 aquando da Conferência das Nações Unidas sobre o “Meio Ambiente Humano”, em Estocolmo. Sem definir propriamente um conceito, a conferência defendeu os princípios que o iriam formar posteriormente. Assim, sustentabilidade consiste no modelo de sistema que tem condições para se manter ou conservar (Priberam Informática, 2013). O mundo precisa de sustentabilidade para poder persistir, contudo, a ação do homem ao longo do tempo, cada vez mais inconsciente e desapegada da natureza, conduziu a uma situação insustentável. O conceito de desenvolvimento sustentável surge, então, como uma forma de retomar ao princípio. Não se pretende aniquilar o homem do planeta, mas voltá-lo a tornar parte dele. A humanidade, na sua complexidade, precisa de aprender a viver num planeta com limitações. O conceito de desenvolvimento sustentável surge com o Relatório Brundtland que o caracteriza como um desenvolvimento que satisfaz as necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas. Para tal, ao invés da visão tendencialmente economicista à qual temos assistido, defende-se um desenvolvimento com uma visão integrada onde economia, sociedade e ecologia se encontrem em equilíbrio. As três dimensões interagem entre si e são interdependentes. Alcançada a sustentabilidade económica, a sustentabilidade social e a ecológica, há que encontrar o ponto de equilíbrio entre as dimensões para encontrar a verdadeira sustentabilidade. O desenvolvimento, como o termo indica, implica uma evolução no tempo que, entenda-se, pode não ser constante e ter momentos de maior ou menor crescimento. Contudo, o importante é que, em qualquer momento, estejam asseguradas as três dimensões na mesma medida. Em 2015 foi adotada a “Nova Agenda para o Desenvolvimento Sustentável” que adotou 17 objetivos com vista a, nos 15 anos seguintes, acabar com a pobreza, proteger o planeta e assegurar a prosperidade para todos (United Nations, 2015). Os objetivos são: acabar com a pobreza; acabar com a fome; promover a saúde e qualidade de vida; educação

de qualidade; igualdade de género; acesso a água limpa e saneamento; energia acessível e ecológica; condições de trabalho e crescimento económico; indústria, inovação e infraestruturas; reduzir as desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; produção e consumo responsáveis; ação climática; vida aquática; paz, justiça e fortes instituições; atingir os objetivos através do cooperativismo.



Figura 72: Objetivos do desenvolvimento sustentável. Fonte: efaundes.com.

Se tivermos em consideração a situação atual do corredor entre Oxford e Cambridge, percebemos como o dito caos se encontra instalado. A visão com a qual se fundamentam estratégias de intervenção é economicista, estando o próprio concurso muito centrado no crescimento económico. Ora, a economia só é próspera se a sociedade e os sistemas ecológicos o forem. Além do mais, são impostas diferentes abordagens à ação na paisagem, o que cria dissonâncias e inconformidades. Exemplo disso são as estratégias de planeamento criadas isoladamente por cada município, resultando em intervenções opostas. Se houvesse uma visão de conjunto e, nesse sentido, um planeamento conjunto, a ação na paisagem conseguiria assegurar a continuidade e a unidade que lhe são intrínsecas. Não existe uma leitura do todo, global. A estrutura ecológica é encarada como uma restrição, um condicionalismo à construção, uma problemática menor que nos é imposta. Verifica-se uma falta de habitação e transportes que põe em causa a qualidade de vida da população que, possivelmente, é fruto de uma gestão inadequada do território. No fundo, uma visão setorial implica que

o desenvolvimento de um setor põe outro em causa. Neste contexto, a proposta defendida para o corredor assenta numa visão integrada e holística que tem como principal objetivo o desenvolvimento sustentável. Intenta-se consolidar a paisagem através do equilíbrio entre a habitação, as infraestruturas e a estrutura ecológica. Criando conectividade e dinâmicas, o corredor passará a ser encarado como uma única entidade mas onde há diversidade interior. Todos os intervenientes nesta área são chamados a tomar o seu papel, a encarar as suas responsabilidades na sociedade e, no fundo, a integrar um modelo cooperativo de desenvolvimento. A partilha de responsabilidade e união de todas as contribuições aumentará o sentido de comunidade e pertença, ao mesmo tempo que viabiliza o desenvolvimento sustentável. Unida a comunidade em defesa de uma única estratégia fundamentada, esta está assegurada. A estratégia está sujeita a princípios impostos pela essência biológica do lugar, pelo que a localização das atividades, nomeadamente da expansão urbana, tem que estar sujeita à aptidão do território e à paisagem existente. Salvaguarda-se a identidade local e a conformação da paisagem global. A proposta intenta assegurar uma sociedade com maior qualidade de vida, mais ligada ao lugar onde habita e com maior liberdade de escolha. Pretende assegurar uma economia mais próspera, que respeite os sistemas ecológicos e capaz de gerar emprego para a população. Deverá assegurar uma estrutura ecológica consistente que proteja o património local e restabeleça uma paisagem saudável.

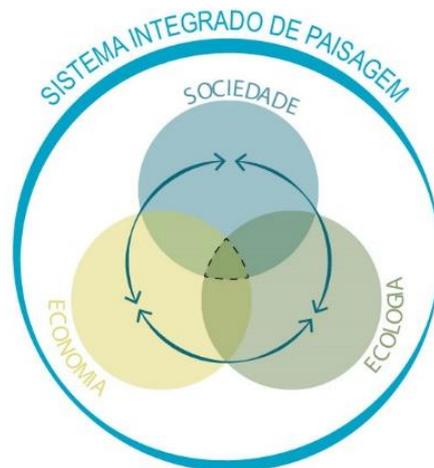


Figura 73: Desenvolvimento sustentável. Fonte: Equipa projetista.

5.7. Conclusões preliminares

A evolução da paisagem toma o homem como um dos principais intervenientes, capaz de adaptar o sistema às suas necessidades. As adaptações, com o tempo, foram tornando-se completas transformações que puseram em causa a sobrevivência da paisagem, do mundo como o conhecemos e da própria civilização. O homem foi perdendo a noção de que a Terra é o seu *habitat* e que, por isso, tem de a saber respeitar. Há um elo que se perdeu e que é fundamental redescobrir. O desenvolvimento que a civilização aclama deverá recuperar este elo para a sua própria sobrevivência. Defende-se, nesse sentido, que o desenvolvimento tenha uma visão integrada e globalizante assegurando os fundamentos da paisagem global. O homem e a natureza têm que se reencontrar para reaver o equilíbrio e a unidade que sustentam o sistema. O desenvolvimento quer-se sustentável, de modo a que nenhuma das dimensões económica, social e ecológica (ou das grandes dimensões de natureza e cultura) seja descurada perante as outras. Todas terão que ser respeitadas de forma a ser encontrado o ponto de equilíbrio. Este ponto será o objetivo. Com as incertezas que o tempo implica, é importante que a humanidade saiba ser parte de um sistema maior, de uma paisagem global. Pode ser utopia, mas precisamos de um caminho para caminhar. Eu escolho o caminho do respeito. Saibamos ser parte.

O presente projeto marcou a etapa final do estágio e, tal como o projeto de La Bazana, permitiu trabalhar ao nível estratégico. O concurso pretendia apenas uma visão conceptual e, portanto, foi a esse nível que desenvolvemos a proposta. Estando a falar de um plano de desenvolvimento, foi fundamental o trabalho multidisciplinar coordenado pela arquitetura paisagista. Perceber como as diferentes áreas do conhecimento têm uma visão diferente do mesmo assunto mas que em todas se pode encontrar um denominador comum foi muito interessante. Pessoalmente, consideramos que é esse denominador comum o impulsionador do desenvolvimento. Enquanto aprendizagem, o projeto marcou o estágio por compreender uma escala maior e um trabalho mais ligado ao ordenamento do território. Foi o culminar da experiência profissional e permitiu que pudéssemos aplicar o conhecimento adquirido numa outra escala de atuação.

CONCLUSÃO

Com o decorrer do tempo, gerações após gerações, a paisagem foi sendo construída e modificada pelo homem conforme as suas necessidades. Paralelamente, o homem foi perdendo a sua ligação com a natureza esquecendo-se que esta é a sua origem e o seu habitat. Este afastamento tornou a ação humana desligada dos lugares, dos sistemas naturais e da paisagem, pondo em causa a sobrevivência de ambos. Neste contexto propõe-se o conceito de paisagem global como visão a tomar em defesa do homem, da natureza e do mundo como o conhecemos.

A paisagem global defende o retorno à ligação do Homem com a Natureza, tomando esta contornos emocionais ou físicos, sociais, culturais ou ecológicos. Sendo que a paisagem é um sistema e, portanto, uma composição de elementos, todos têm ligações que se sobrepõem e condicionam mutuamente. Em termos espaciais, a quebra da ligação homem/natureza significa a rutura entre os espaços urbanos e rurais. Não descurando que a paisagem é mais rica pela sua diversidade e complexidade, ela é uma unidade. A rutura ou fragmentação espacial vai contra a própria paisagem que, por conceito, prima por ser una, contínua e global. Os dois espaços, urbano e rural, devem estar interligados sem que percam o seu caráter singular e funcionalidade autónoma, sendo capazes de se complementarem. Ainda que sejam diferentes em matéria, função e caráter, ambos os espaços têm que integrar uma mesma unidade. Para tal, há que conceber uma visão de conjunto, integrada e holística. A diversidade é ambígua. Se por um lado sustenta a riqueza, por outro pode conduzir a incoerências prejudiciais ao bom funcionamento da paisagem. Neste sentido, “Paisagem Global” surge como conceito unificador que permite criar, na teoria e na prática, na pedagogia e na ação, coerência.

Para se atuar indo ao encontro da paisagem global, é necessário compreender a paisagem em toda a sua complexidade, não caindo no erro de simplificar os dados de tal modo que se atue de forma inconsciente. A simplificação da análise pode acontecer, por exemplo, se não forem compreendidas as diferentes escalas espaciais e temporais na correlação que a paisagem engloba. Apenas o cruzamento de escalas pode fazer alcançar uma perceção global mais precisa sobre a paisagem em estudo. A relação espaço/tempo é-lhe inerente sendo ela o resultado da sobreposição de camadas espaço-temporais. Para poder atuar, é necessário perceber que os sub-sistemas são parte de um sistema maior e que este, por sua vez, é constituído por partes mais pequenas. Assim, tanto é necessário compreender as partes como o todo. Apenas percebendo as sub-camadas, as camadas e o todo (divisíveis em quantas escalas forem necessárias) é que se compreende e se faz jus ao sistema de paisagem, defendendo uma continuidade espacial e temporal que permite solidificar a paisagem global.

Ao mesmo tempo, para alcançar a paisagem global dever-se-á, como o conceito implica, criar a continuidade subjacente à unidade. A continuidade é conferida pelo *continuum naturale* e o *continuum culturale* que, através da estrutura ecológica, formam redes contínuas que unificam e interligam o espaço. A dicotomia urbano/rural deverá desaparecer através da sua interligação e complementaridade. Existe uma sobreposição entre os dois contínuos associada à própria sobreposição da Natureza e do Homem. A construção da paisagem deverá, assim, acontecer na harmonia entre homem e natureza, na harmonia entre todas as partes que formam um todo equilibrado.

A paisagem é um sistema vivo e, como tal, encontra-se em mutação constante. O resultado consiste, como já foi referido, nas inúmeras camadas espaço-temporais cuja sobreposição pode ser experienciada. A sobreposição de camadas ou a evolução da paisagem, confere carácter ao lugar e, conseqüentemente, uma identidade. Esta tem valor imaterial e é a base da própria identidade humana. A identidade do lugar absorve a memória coletiva das comunidades e faz com que estas possam criar uma ligação emocional e um sentimento de pertença que lhes permite habitar. A permeabilidade entre culturas que se verifica atualmente com a globalização, porém, simplifica as paisagens tornando-as homogêneas, retira-lhes autenticidade e desvanece a ligação emocional entre a comunidade e o lugar. A perda de identidade da paisagem tem um paralelismo com a perda de identidade humana. A rutura na relação emocional significa a incapacidade do homem se sentir parte e habitar o lugar. Retornamos à questão da escala onde tem que haver uma harmonia entre as partes e o todo e uma continuidade entre passado e futuro. A fácil comunicação entre povos não pode pôr em causa a identidade dos lugares e das pessoas. Quando a diversidade se perde, a paisagem perde consistência, as comunidades perdem a sua casa e o mundo perde significado.

Sempre em busca do progresso, o homem nem sempre toma as melhores decisões. No que respeita à paisagem, o conceito de paisagem global surge como uma visão integrada que guia as decisões e ações humanas. Defendendo a paisagem global, poder-se-á alcançar um desenvolvimento sustentável capaz de suportar todas as formas de vida. Este terá que equilibrar economia, ecologia e sociedade, de forma a que as condições atuais perdurem no futuro. Tendo o homem um papel fundamental na construção da paisagem, tem que reaprender a viver com e na natureza. Apenas com esta visão holística e integrada, inerente à paisagem e a este modelo de desenvolvimento, se poderá assegurar o bom funcionamento do sistema.

O presente relatório permitiu fazer uma reflexão teórica acerca de um tema da arquitetura paisagista mas, sobretudo, sobre o estágio e o percurso académico. Serviu como marco na nossa aprendizagem, tendo consciência, porém, que a aprendizagem nunca termina. Quanto mais conhecimento podermos adquirir, melhor poderemos exercer a profissão à qual nos propomos.

Concluída esta última fase académica, surge a ideia de que tudo é um processo. A

natureza é um processo, o homem é um processo, o mundo é um processo, a arquitetura paisagista é um processo. Todos são o caminho que percorreram e o caminho que querem percorrer. Enquanto indivíduo, somos hoje uma amálgama de momentos. A experiência de estagiar com a equipa do P4 foi mais um dos momentos que nos permitiu crescer a nível profissional. O percurso académico foi um momento feito de muitos momentos onde nos tornámos uma pessoa mais rica, ao nível profissional e pessoal. Hoje somos o resultado desses momentos e estamos gratas por isso. Ser arquiteta paisagista passou de uma dúvida à certeza de querer ter esta visão utópica do mundo que nos faz ter um objetivo para andar. Como eu vejo, não é utopia é uma realidade que está para vir. Agir é a palavra de ordem.

“A utopia não chega (sozinha) até nós. São os homens que fazem caminho na sua direção. Falham aqueles que nunca chegaram a tentar.”

(Ondjaki, 2016)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Asplan viak. (4 de Abril de 2016). Fagrapport, forslag til Samferdselsplan for Skedsmo. Skedsmo: asplan viak.
- Caldeira Cabral, F. (1980). Seminário - Conservação da Natureza. O "*continuum naturale*" e a conservação da natureza (pp. 35-54). Lisboa: Serviço de Estudos do Ambiente.
- Calvino, I. (2016). *As cidades invisíveis*. Leya.
- Cancela d'Abreu, A. d. (Julho de 2007). Paisagem e ordenamento do território. *Inforgeo*, pp. 73-77.
- Carapinha, A. (2003). O espaço, o lugar e o tempo. Em J. C. (Coord), *A Utopia e os Pés na Terra, Gonçalo Ribeiro Telles* (pp. 229-236). Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Carrasco, P. J. (2014). *Era che una vez - Estudio sobre el dígrafo ch y el concepto de Cortadura*. Sevilla, Espanha: Iroas Rola.
- Consejería de Agricultura y Desarrollo Rural. (2009). Colonos. Extremadura, Espanha: Secretaría General.
- Corner, J. (1992). Representation and Landscape. Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture - A reader* (pp. 144-165). Philadelphia: PENN - University of Pennsylvania Press.
- Costa, J. A., & Sampaio, A. (sem data). *Dicionário da Língua Portuguesa. Dicionários Editora*. Porto: 5ª Edição. Porto Editora.
- Department for Communities and Local Government . (2012). *National Planning Policy Framework*. London.
- E-Cultura Group. (28 de Abril de 2014). *Definición y etimología de acequia*. Obtido de definiciona: <https://definiciona.com/acequia/>
- Forsberg, A. S. (2016). The impact of growth on urban form in the Oslo region. Tese de Mestrado. Columbia: Faculty Of Architecture, Planning And Preservation, Columbia University.
- Gaspar, J. M. (2003). A Paisagem Global de Ribeiro Telles ou o fim das oposições cidade/campo e urbano/rural. Em J. C. (Coord.), *A Utopia e os Pés na Terra, Gonçalo Ribeiro Telles* (pp. 109-112). Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Gomes da Silva, J. (25 de Fevereiro de 2013). The thickness of time / A espessura do tempo. *Lisboa: A espessura do tempo - A natureza da cidade*. Lisboa: Culturgest - Fundação CGD. Obtido de Global arquitetura paisagista, lda.

- Hough, M. (1990). Principles for Regional Design. Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture* (pp. 209-213). Philadelphia: PENN - University of Pennsylvania Press.
- Junta de Extremadura - Consejería de Medio Ambiente y Rural, Políticas Agrarias y Territorio. (2014). *Centro de Descargas*. Obtido de Sistema de Información Territorial de Extremadura: <http://sitex.gobex.es/SITEX/centrodescargas/view/4>
- Klouche, D. (2017). Programa do concurso Europan14.
- Lyle, J. T. (1985). Design for human ecosystems. Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture - A reader* (pp. 178-187). Philadelphia: PENN - University of Pennsylvania Press.
- Matos, R. S. (2011). A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano - Reflexões. Tese de Doutoramento. Évora, Portugal: Universidade de Évora.
- Matos, R. S., & Batista, D. (2013). O jardim planetário: uma utopia para o século XXI? Portugal: Universidade do Algarve e Universidade de Évora, CHAIA/UE.
- McHarg, I. (2002). Design with nature (1969). Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture* (p. 173). Philadelphia: PENN - University of Pennsylvania Press.
- National Infrastructure Commission. (2016). *Cambridge – Milton Keynes – Oxford Corridor: Interim Report*. National Infrastructure Commission.
- Norsk institutt for bioøkonomi. (2017). Obtido de Nibio - Norsk institutt for bioøkonomi: <http://www.nibio.no/>
- Ondjaki. (2016). Prefácio. A utopia é um lugar perto da linha do horizonte. Em Pepetela, *A Geração da Utopia* (pp. 9-14). Alfragide: Leya.
- Paiva, D. (2009). Genius loci - O lugar como construção humanística. Dissertação de mestrado. Lisboa, Portugal: Faculdade de Arquitetura e Artes - Universidade Lusíada de Lisboa.
- Pardal, S. C. (1987). Do jardim à paisagem. Em A. T. Matos, & C. L. Medeiros, *Povos e culturas. A cidade em Portugal: Onde se vive* (pp. 445-464). Lisboa: Centro de estudos dos povos e culturas de expressão portuguesa - Universidade Católica Portuguesa.
- Priberam Informática. (2013). Obtido de Priberam dicionário: <https://www.priberam.pt/>
- Rando, E. S. (2014). Trazado urbanístico y trama urbana en los proyectos de los poblados de colonización de Valungo y La Bazana de Alejandro de la Sota. 1954. *Revista de Estudios Extremeños*, pp. 1701-1728.
- Rando, E. S. (2015). El Vacío Colonizador. Vivienda y espacio público en los poblados de colonización de La Bazana y Valungo de Alejandro de la Sota. Tese de

Doutoramento. Madrid, Espanha: Universidad Politecnica de Madrid. Escuela Tecnica Superior de Arquitectura.

- Ribeiro Telles, G. (1977). Saúde e ambiente. (F. Sacramento, Entrevistador)
- Ribeiro Telles, G. (Abril de 1994). Paisagem Global: um conceito para o futuro. *Iniciativa (número especial)*.
- Ribeiro Telles, G. (2003). A Cidade e a Paisagem Global do Século XXI. Em J. C. (Coord), *A Utopia e os Pés na Terra, Gonçalo Ribeiro Telles* (pp. 332-340). Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Ribeiro Telles, G. (2016). A integração campo/cidade. Em G. R. Telles, *Gonçalo Ribeiro Telles - Textos escolhidos* (pp. 71-89). Lisboa: ARGUMENTUM.
- Ribeiro Telles, G. (2016). A Paisagem do Futuro. Em G. R. Telles, *Gonçalo Ribeiro Telles - Textos escolhidos* (pp. 93-104). Lisboa: ARGUMENTUM.
- Ribeiro Telles, G. (2016). Território e arquitetura. Em G. R. Telles, *Gonçalo Ribeiro Telles - Textos escolhidos* (pp. 174-192). Lisboa: ARGUMENTUM.
- Ribeiro Telles, G. (2016). Um Novo Conceito de Paisagem Global: Tradição, Confrontos e Futuro. Em G. R. Telles, *Gonçalo Ribeiro Telles - Textos escolhidos* (pp. 109-117). Lisboa: ARGUMENTUM.
- Savills. (2016). *The Property Market Within The Cambridge – Milton Keynes – Oxford Corridor*. National Infrastructure Commission.
- Skedsmo kommune. (2009). *Byutvikling og urban strategi - 2050 perspektiv*. Skedsmo: Skedsmo kommune.
- Slow Movement Portugal ONG. (2014). *Slow Cities / Cittaslow*. Obtido de Slow Movement Portugal ONG: <http://www.slowmovementportugal.com/movimentos-slow/slow-cities-cittaslow/>
- Spirn, A. W. (1988). The Poetics of City and Nature: Towards a New Aesthetic for Urban Design. *Landscape Journal*, 108-126.
- Swaffield, S. (2002). Integrating Site, Place, and Region. Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture - A reader* (pp. 207-208). Philadelphia: PENN - University of Pennsylvania Press.
- United Nations. (2015). *Goals*. Obtido de Sustainable development goals - 17 goals to transform our world: <http://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/>
- Zubiri, D. C. (2012). Colonización, Promisión e Igualdad en “Las tres joyas de Hellín”. *AL-BASIT, Revista de Estudios Albacetenses*, pp. 161-200.